

**Representações de estruturas de acolhimento para refugiados: o
Centro de Paris-Nord no telejornal francês**

Cristiana Coelho Paes Barreto

Dissertação
de Mestrado em Antropologia
Especialização em Culturas Visuais

“Versão corrigida e melhorada após a defesa pública”

Setembro de 2017

2017

Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Antropologia – Culturas Visuais, realizada sob a orientação científica da Doutora Sónia Sofia de Sousa Alves Ferreira e da Professora Doutora Maria Filomena Silvano.

Agradecimentos

*Quando vim da minha terra,
não vim, perdi-me no espaço,
na ilusão de ter saído.*

- “*A Ilusão do Imigrante*” (1996),
Carlos Drummond de Andrade

É inconcebível que se inicie esta leitura sem que antes possa agradecer a todos aqueles que a tornaram possível. À professora Sónia Ferreira, que cumpriu de forma extremamente cuidadosa a função de me orientar neste projeto, zelando para que tudo fluísse da melhor forma. À professora Filomena Silvano, que demonstrou apoio e disponibilidade durante todo este empreendimento, orientando-me para caminhos futuros. Aos professores José Mapril, Catarina Alves Costa, João Leal, Salwa Castelo-Branco, Graça Filipe, Helena Serra e Diogo Pires Aurélio pela inspiração ao longo do percurso. Ao Camilo Inácio pelas palavras cheias de força. Em Paris, a minha gratidão manifesta aos professores Dominique Vidal, Jérôme Berthaut e Mahamet Timera, pelo apoio indispensável.

À minha mãe, que plantou em nós as sementes do gosto pelo conhecimento e da resiliência desde muito cedo. Ao meu pai, pelas conversas estimulantes e por sempre se esforçar para que tenhamos tudo. À minha irmã, melhor amiga, gêmea e “outra metade”. À Mara, pela amizade incondicional e pela grandiosidade da sua alma. Aos tios Elizabeth, Jacques-Allain, Edileuza, Gisele, Ivan e Luca, cujo apoio tornou a realização deste trabalho possível.

Aos amigos, que saberão reconhecer-se, especialmente aos que contribuíram diretamente para a redação desta dissertação através de apoio emocional ou logístico. Um agradecimento especial à Margarida Catela, que me ajudou mais do que ninguém durante todo este ano; a gratidão, carinho e admiração por ti são imensuráveis. Um abraço transatlântico à Sophie Marois, com reconhecimento profundo pela sabedoria e motivação. À Matilde, Madalena, Catarina, Anastasia, Maria, Camila e Marga, amigas-irmãs. Ao Lucas, Pedro e Leo pelos estímulos. À Dessire, por tudo. Do fundo do peito, agradecimentos genuínos às singulares contribuições de Kahtan Harbat, André Guerreiro, Bernardo Simões, Alexis Lefevre, Ana Leorne, André Lopes, Ana Guerra, Ana Grifo, Mariana Carmo Duarte, Diana Carvalho, Priscilla Ramirez, Lorena Ayala, Polyana Yazaki, Mariana Belo, José Guerra, Julia Roveri, Nathália Duarte, Amine Brahimi, Karim Amengaii, Mizio Spatafora Andersen, Brian Ho. Um carinho especial dedicado às pessoas que conheci e com as quais trabalhei no Centro de *Paris-Nord*: Alkhaz, Bara, Gnaori, Mohammad, Aslam e as demais crianças. Aos funcionários da *Bibliothèque Nationale de France* (BNF), da *Inathèque* e da Biblioteca Nacional de Portugal (BNP).

Lista de abreviaturas

AC – Análise de Conteúdo

ACD – Análise Crítica do Discurso

ACIME - Alto Comissariado para a Imigração e Minorias Étnicas

ACNUR – Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados

AD – Análise do Discurso

BNF – Bibliothèque Nationale de France (*Biblioteca Nacional de França*)

CADA – Centre d’Accueil pour les Demandeurs d’Asile (*Centro de acolhimento para requerentes de asilo*)

CAO – Centre d’Accueil et Orientation (*Centro de acolhimento e orientação*)

CESEDA – Code de l’Entrée et du Séjour des Étrangers et du Droit d’Asile (*Código da Entrada e Estadia dos Estrangeiros e do Direito ao Asilo*)

CNCDH – Commission Nationale Consultative des Droits de l’Homme (*Comissão Nacional Consultativa dos Direitos Humanos*)

CNDA – Court Nationale du Droit d’Asile (*Corte Nacional do Direito ao Asilo*)

CHPN – Centre Humanitaire de Paris-Nord (*Centro Humanitário de Paris-Norte*)

EPRS – European Parliamentary Research Service (*Serviço de Estudos do Parlamento Europeu*)

FN – Front National (*Frente Nacional*)

FTA – France Terre d’Asile (*França Terra de Asilo*)

INA – Institut National de l’Audiovisuel (*Instituto Nacional do Audiovisual*)

IOM – International Organization for Migration (*Organização Internacional para as Migrações*)

JT – Journal Télévisé (*Telejornal*)

MdM – Médecins du Monde (*Médicos do mundo*)

OCDE – Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico

OFII – Office Français de l’Immigration et de l’Intégration (*Escritório francês da imigração e da integração*)

OFPRA – Office Français de Protection des Réfugiés et Apatrides (*Escritório francês de proteção dos refugiados e apátridas*)

ONG – Organização Não-Governamental

ONU – Organização das Nações Unidas

SNCF – Société Nationale des Chemins de Fer Français (*Sociedade Nacional dos Caminhos de Ferro Franceses*)

REPRESENTAÇÕES DE ESTRUTURAS DE ACOLHIMENTO PARA REFUGIADOS: O CENTRO DE PARIS-NORD NO TELEJORNAL FRANCÊS

Cristiana Coelho Paes Barreto

Resumo

O trabalho de investigação que se segue parte da abertura de um centro de acolhimento para refugiados no norte de Paris em Novembro de 2016, inaugurado pela presidente da câmara municipal Anne Hidalgo, e propõe analisar as representações mediáticas deste fenómeno nos telejornais franceses. Por se tratar do maior centro de acolhimento construído numa capital europeia, e por ter sido edificado como uma “alternativa humanitária” aos acampamentos precários que se instalavam em Paris – particularmente nos interstícios do 10^{ème} e o 19^{ème} *arrondissement*, próximos aos bairros de Jaurès e Stalingrad – o anúncio da inauguração desta estrutura na primavera de 2016 desencadeou uma importante produção de conteúdo telejornalístico. Considerando que os *mass medias* constituem um local privilegiado da formulação de significados coletivos, e que discursos relacionados ao acolhimento de refugiados têm circulado de forma afluyente na televisão francesa, parece-nos relevante examinar as representações desta iniciativa pública da municipalidade sob uma perspectiva antropológica. Assim, tendo por base um *corpus* de reportagens oriundas dos mais importantes canais de informação franceses, pretendemos responder ao seguinte questionamento: quais são os principais mecanismos discursivos utilizados para formular as representações do Centro de Paris-Nord no *mediascape* francês? Buscamos, através do desenvolvimento desta questão, contribuir para uma reflexão mais ampla sobre as representações de estruturas acolhimento para refugiados em França.

Palavras-chave: Representações; telejornal; acolhimento humanitário; refugiados; *mediascapes*

REPRESENTATIONS OF SHELTERING STRUCTURES FOR REFUGEES: THE PARIS-NORD CENTER ON FRENCH TELEVISION NEWS

Cristiana Coelho Paes Barreto

Abstract

The following research stems from the opening of a refugee shelter in northern Paris in November 2016, inaugurated by Mayor Anne Hidalgo, and proposes to analyze the representations of this phenomenon on French television news. Due to its status as the largest refugee center in an European capital, and because it was built as a “humanitarian alternative” to several precarious encampments that were settling in Paris – particularly in the interstices of the 10^o and the 19^o *arrondissement*, near the neighborhoods of Jaurès and Stalingrad – the announcement of this structure in the spring of 2016 triggered an important production of audiovisual content. Considering that mass media platforms are a privileged space for the formulation of collective meanings, and that discourses related to the reception of refugees have circulated in an extensive manner on French television, it seems relevant to examine how this public initiative of the municipality was portrayed from an anthropological perspective. Thus, based on a corpus of news reports originating from the most important French TV information channels, we intend to answer to the following question: what are the main discursive mechanisms used to formulate the representations of the Paris-Nord Center on the French *mediascape*? Through the development of this issue, we seek to contribute to a broader reflection on the representation of host structures for refugees in France.

Key-words: Representations; television news; humanitarian shelter; refugees; *mediascapes*

REPRÉSENTATIONS DE STRUCTURES D'ACCUEIL POUR RÉFUGIÉS: LE CENTRE HUMANITAIRE DE PARIS-NORD DANS LES JOURNAUX TÉLÉVISÉS FRANÇAIS

Cristiana Coelho Paes Barreto

Résumé

Cette dissertation trouve son point de départ dans l'ouverture d'un centre d'accueil pour réfugiés dans le nord de Paris en novembre 2016, inaugurée par la maire de la ville Anne Hidalgo, et propose d'analyser les représentations de cet événement dans les émissions des journaux télévisés français (JT). En raison de son statut de plus grand centre d'accueil pour réfugiés dans une capitale européenne, et parce qu'il a été édifié en tant qu'« alternative humanitaire » aux campements précaires qui s'établissaient à Paris – en particulier dans les interstices du 10ème et du 19ème arrondissement, à proximité des quartiers de Jaurès et Stalingrad – l'annonce de cette structure au printemps de 2016 déclenche une importante production de contenus médiatiques. Étant donné que les *mass medias* constituent un lieu privilégié pour la formulation de significations collectives et que les discours liés à l'accueil des réfugiés circulent de manière affluente dans la télévision française, il nous semble pertinent d'examiner les représentations de cette initiative publique de la municipalité d'un point de vue anthropologique. À partir d'un corpus d'émissions télévisées provenant des plus grandes chaînes d'information françaises, nous proposons de répondre à la question suivante: quels sont les principaux mécanismes discursifs utilisés pour formuler les représentations du Centre de Paris-Nord dans le *mediascape* français? Grâce au développement de cette problématique, nous cherchons à contribuer à une réflexion plus large sur les représentations des structures d'hébergement pour les réfugiés en France.

Mots-clefs : Représentations; Journaux Télévisés (JTs); accueil humanitaire; réfugiés; *mediascapes*

Índice geral

Introdução	2
Metodologia	6
i. Recolha de material, visionamento e tratamento de dados.....	6
Quadro 1.1.....	9
ii. Métodos quantitativos e qualitativos.....	12
Capítulo I. Antropologia dos Media e do Jornalismo: o papel da análise de conteúdo	17
I. O surgimento dos “mass medias” como centro de interesse antropológico	17
II. A importância da análise de conteúdo.....	19
III. A teoria interpretativa e a análise de notícias jornalísticas como “mitos”	22
Capítulo II. Os acampamentos precários de Jaurès e Stalingrad	25
I. A emergência de acampamentos precários em Jaurès e Stalingrad	25
II. A danificação do espaço público parisiense.....	32
Capítulo III. Um evento mediático sobre imigração	36
I. Definindo os termos: “ <i>migrants</i> ”, “ <i>réfugiés</i> ”, “ <i>hommes isolés</i> ”	36
1.1 “ <i>Migrants</i> ”, “ <i>réfugiés</i> ” e “ <i>hommes isolés</i> ” nos <i>medias</i> franceses	36
1.2 O estatuto de “refugiado” no direito internacional e no direito francês	37
II. Uma breve cronologia da representação da imigração nos telejornais franceses.....	40
III. O Centro Humanitário de Paris-Nord: uma estrutura temporária	43
Capítulo IV. A formulação das representações do Centro Humanitário de Paris-Nord nos telejornais	47
I. O formato do Journal Télévisé (JT)	47
II. A construção de representações do Centro Humanitário de Paris-Nord	49
2.1 O conceito de “representação”	49
2.2 As peças do <i>corpus</i>	52
III. O diálogo com outras estruturas de acolhimento para refugiados: <i>Sangatte</i> , <i>Calais</i> , <i>Grande-Synthe</i> e <i>Forges-Les-Bains</i>	88
Considerações finais	94
BIBLIOGRAFIA	99
ANEXOS	112
ANEXO A- Tabelas de programação dos telejornais	112
ANEXO B – Capturas de imagem das peças do <i>corpus</i>	127
ANEXO C – Transcrições das peças.....	158
ANEXO D- Vinhetas etnográficas	169
ANEXO E- Outros anexos	171

Introdução

*Il y a plus affaire à interpréter les interprétations
qu'à interpréter les choses*
-Michel de Montaigne (Essais III, 1580)

*Un étranger est venu me voir,
Il m'a donné de mes nouvelles.*
-André Breton (1937)

A partir de 2015, à luz do aumento significativo de requerentes de asilo que se dirigem à Europa¹, diversas cidades europeias vêem-se confrontadas com a tarefa de acolher dignamente os indivíduos que entram no seu território. Em Paris, a proliferação de acampamentos precários no norte da cidade² intensifica-se, e o discurso jornalístico em torno deste fenómeno ganha destaque na agenda mediática. Na primavera de 2016, a presidente da câmara municipal, Anne Hidalgo, anuncia que para dar resposta à disseminação destas estruturas precárias, o maior centro de acolhimento humanitário para refugiados na Europa será contruído no norte da capital francesa. O objetivo do projeto seria “acolher dignamente”³ as pessoas desprovidas de alojamento que chegam à cidade. Este anúncio desencadeia uma reação significativa nos principais canais de informação locais (France 2, France 3, TF1, Arte, M6, Canal+), que dão início à produção de conteúdos telejornalísticos em torno da cerimónia pública de inauguração deste dispositivo de acolhimento.

Se considerarmos o papel privilegiado que os *mass medias* detém nos procesos de produção e disseminação de conteúdos no espaço público, a examinação minuciosa das representações de acolhimento a imigrantes e refugiados justifica-se como uma abordagem fértil para analisar o modo como se formula a imagem do “outro” e de como o “outro” é recebido. O “acolhimento humanitário”⁴ e a forma como este conceito é

¹ Segundo dados da plataforma *Eurostat*, o número de requerentes de asilo em solo europeu atingiu aproximadamente 1,3 milhões no ano de 2015. (Consultado em: <https://goo.gl/535rhF> no dia 10.09.2017).

² Ver mapa da cidade de Paris no Anexo E.

³ Ver peça 4 do *corpus*: “*Paris: Anne Hidalgo a dévoilé son projet de centre d'accueil pour réfugiés*”, transmitido pelo canal Arte no dia 06.09.2016

⁴ Segundo a definição de “acolhimento humanitário” proposta por Marc-Antoine Pérouse de Montclos no artigo “*L'aide humanitaire: définitions et controverses*”: “Il est généralement admis que l'aide humanitaire vise à sauver des vies, à alléger les souffrances et à assister des victimes en détresse. Elle ne se limite pas aux pays du Sud et concerne aussi des actions de proximité dans le monde développé. L'assistance à des populations en danger de mort ne s'arrête pas non plus aux conflits armés. Elle s'étend également aux victimes de catastrophes naturelles et, dans son acception la plus large, à toute personne

pensado coletivamente revela-se central para a compreensão das conjunturas socio-políticas contemporâneas, na medida em que o modo como um grupo reage a indivíduos vindos do exterior – e, no caso do acolhimento a requerentes de asilo, a indivíduos dotados de um estatuto singular – é sintomática das tensões inerentes à própria coletividade.

Segundo Sékouna (2009), “a mobilização da solidariedade internacional e a cobertura mediática relativa às numerosas crises humanitárias conhecem disparidades, dando lugar a diversas polémicas e críticas no seio da comunidade internacional e no seio mesmo de organizações humanitárias. São colocadas em causa as mediatizações ditas parciais ou insuficientes, a maneira de agir das ONGs e a atitude de grandes doadores acusados de se esquivarem de determinadas tragédias (...). No entanto, algumas crises suscitam mobilizações fortes dos *medias* e dos doadores” (Sékouna, 2009:15). Para a autora, quando se trata de retratar iniciativas humanitárias de “urgência” – em oposição a projetos de “desenvolvimento”, cuja duração da ação é maior – os *medias* recorrem a ferramentas que pretendem formular uma “mediatização-espetáculo” (Brauman, 2000, apud Sékouna, 2009:17). As estratégias subjacentes à construção de uma *dramaturgia* nestas representações buscariam mobilizar emoções fortes nos telespectadores. Por outro lado, iniciativas humanitárias a médio e a longo-prazo ver-se-iam negligenciadas por não corresponderem aos critérios utilitaristas da produção jornalística.

Considerando que o projeto de acolhimento proposto pela municipalidade pretende fornecer uma “solução de emergência” às pessoas que se encontram desalojadas nas ruas de Paris, este trabalho pretende examinar as ferramentas mobilizadas para assegurar a sua mediatização. Para tal, propomos responder ao seguinte questionamento: quais são os principais mecanismos discursivos utilizados para formular as representações do Centro Humanitário de *Paris-Nord* no *mediascape* francês?

Em primeiro lugar, colocamos a hipótese de que as peças telejornalísticas que constituem o nosso *corpus* formulam representações nas quais se associa a inauguração do centro à degradação do espaço urbano parisiense. A construção de um dispositivo de acolhimento para refugiados no norte da capital suscitaria inquietações sobre a reconfiguração do espaço público e as implicações desse fenómeno para a comunidade local. Como argumenta Falk (2010), embora os *medias* alternem entre mecanismos

en péril, qu'il s'agisse de sinistres ou de situations de grande pauvreté.” (Consultado em : <https://goo.gl/cfrdex> no dia 01.09.2017).

múltiplos ao representar fenómenos ligados às migrações, é recorrente identificar formulações que tenham por base termos referentes ao campo lexical da “infecção”, utilizando palavras e imagens que reforcem o carácter contagioso e anti-higiénico da presença destes indivíduos no domínio público. Assim, primeiramente, as reportagens que dizem respeito à alegada impossibilidade de dismantelar os “acampamentos selvagens”⁵ formados nos bairros de Jaurès e Stalingrad no ano de 2016 reforçariam sistematicamente o carácter “epidémico” da presença das pessoas instaladas no norte da cidade. Já o anúncio da inauguração do Centro Humanitário de *Paris-Nord* como resposta política ao surgimento destas estruturas levantaria questões sobre a “oficialização” do fenómeno migratório e dos seus efeitos de transfiguração do espaço urbano.

A segunda hipótese que colocamos é a de que o jornalismo televisivo francês de massa reproduziria a ideia de uma alteridade intrínseca construída através de associações à “ilegalidade” na representação das populações que estão acampadas próximas às estações de Jaurès e Stalingrad. Através de ferramentas discursivas – tanto textuais quanto imagéticas – as narrativas difundidas situariam estas pessoas sistematicamente à margem da comunidade parisiense, acentuando o seu carácter “não-integrável”. Assim, Rosello (1998) sublinha que é teoricamente impossível representar um “imigrante ilegal” por meios exclusivamente imagéticos, já que a “ilegalidade” é uma construção jurídica, e não uma característica intrínseca ao indivíduo que seja evidente apenas através da visualização da sua imagem. No processo de produção de alteridade nestas reportagens, mobilizar-se-iam ferramentas que reforçariam o distanciamento entre o espectador do telejornal, membro da comunidade parisiense, e o indivíduo projectado no ecrã, exterior a essa mesma comunidade.

A nossa terceira hipótese consiste em verificar que os discursos formulados ao longo destas reportagens partem de um fenómeno local – a inauguração de um centro em Porte de la Chapelle – e criam relações entre as esferas do local (*parisiense*), do nacional (*français*) e do supranacional (*européen*), assegurando, assim, um lugar de destaque na agenda mediática francesa. Efetivamente, as representações do Centro de *Paris-Nord* estariam fortemente associadas a outras experiências com centros e campos de refugiados

⁵ O termo “acampamentos selvagens” é utilizado em diversas reportagens da imprensa escrita e televisiva para referir-se às estruturas precárias nas quais estas pessoas se instalam nos bairros de Jaurès e Stalingrad. A título de exemplo, o artigo publicado no dia 27.10.2016 na versão online do jornal Le Figaro refere: “(...) avec la promesse de mettre fin à ces campements sauvages”. (Consultado em <https://goo.gl/EW2rru> no dia 05.08.2017).

em França, nomeadamente o de Sangatte, Grande-Synthe, Forges-les-Bains (Essonne) e Calais. É importante referir que a produção de discursos sobre a inauguração desta estrutura em Paris coincidiu com a circulação de textos e imagens sobre o desmantelamento oficial dos acampamentos intitulados “Jungle de Calais II”, que também ocorreu no outono de 2016. Existiriam, em suma, discursos antagónicos que circulariam e que moldariam as representações do Centro Humanitário de *Paris-Nord*. Enquanto algumas reportagens retratariam a abertura do mesmo como uma proposta de “contenção” da multiplicação dos acampamentos selvagens, em outras especular-se-ia que o projeto seria nocivo para a capital francesa, já que oficializaria o “problema público” da instalação de refugiados na cidade.

Metodologia

Considerando o caráter transversal deste estudo, as ferramentas utilizadas são, elas também, interdisciplinares. Procederemos à explicitação destes instrumentos metodológicos.

i. Recolha de material, visionamento e tratamento de dados

A recolha do material audiovisual para esta dissertação foi feita através do acesso ao acervo do *Institut National de l'Audiovisuel* (INA), a empresa pública encarregada da preservação, da valorização e da transmissão do património audiovisual francês. O INA foi inaugurado em 1974, e desde então dedica-se à conservação de peças produzidas nos canais de televisão e nas estações de rádio francesas. Após a promulgação da lei de 20 de junho de 1992, o Estado francês confiou oficialmente ao *Institut National de l'Audiovisuel* o estatuto de “depósito legal” de todo o património televisivo e radiofónico nacional. Desde então, a legislação obriga a que todos os conteúdos oriundos dessas duas esferas (TV e rádio) sejam sistematicamente depositados no acervo do INA, que se encarrega de catalogar, preservar e transmitir as peças, atribuindo-lhes valor documental e patrimonial. O decreto refere-se inicialmente aos canais *hertzianos*: TF1, Antenne 2 (hoje intitulado France 2), France 3, La Cinquième (France 5), M6 e Canal+, e encontra-se sumariado no seguinte parágrafo:

“(…) Jean-Noël Jeanneney, secrétaire d'État à la communication, fait adopter la loi une valeur documentaire et patrimoniale utile pour la communauté des chercheurs, mais aussi pour la mémoire collective. La loi, de portée générale, concerne tous les services de communication audiovisuelle mais, pour des raisons économiques et techniques, le décret d'application en réduit à l'époque le champ aux seules chaînes hertziennes (TF1, Antenne 2, FR3, La Cinquième, Arte, M6 et Canal Plus) qui sont tenues de déposer leurs productions à l'INA.” (Hoog, 2006: 29-30)

A consulta de peças oriundas dos *mass medias* é assim facilitada, ao mesmo tempo que se estimula a que se desenvolvam investigações tendo essas fontes documentais como pilares de estudo. No que diz respeito a este projeto, importa assinalar que a base de dados da INAthèque constituiu o acervo onde selecionei as principais fontes para realizar a minha investigação. Dirigi-me ao polo da INAthèque da *Bibliothèque Nationale de France* (BNF) por primeira vez no dia 3 de Outubro de 2016. Após ter-me encontrado com o investigador Jérôme Berthaut (doutor em Sociologia dos *Medias* e

investigador do laboratório URMIS – Unité de Recherche Migrations et Société) e de termos conversado sobre as minhas ideias para a dissertação de mestrado, anotei referências de locais aos quais me poderia dirigir para recolher material. Por nos encontrarmos geograficamente próximos à Avenue de France, fomos em seguida visitar o acervo da INAthèque. O instituto surgia como sendo uma referência incontornável – e um lugar de passagem obrigatório – para quem se dedicasse a desenvolver um projeto no campo da pesquisa audiovisual. Tomei então a decisão de direcionar a minha investigação ao estudo do património disponibilizado por esta instituição.

Nesses termos, apresentei a minha proposta de dissertação de mestrado aos responsáveis da INAthèque no polo da *Bibliothèque Nationale de France – Site François Mitterrand*, em Paris em Outubro de 2016. Após analisar e aprovar o meu projeto, outorgaram-me uma acreditação de pesquisadora que me deu acesso à Biblioteca de Investigação do *rez-de-jardin* da *Bibliothèque Nationale de France*. Desse modo, pude consultar as fontes documentais necessárias para a elaboração deste trabalho na *Sala P* do *rez-de-jardin* da Biblioteca, local onde se encontra o polo da INAthèque. A partir de métodos de recolha e seleção de dados desenvolvidos durante estes dois semestres de mobilidade académica, pude sistematizar a minha análise através da pesquisa e visionamento das peças audiovisuais, e posterior constituição de um *corpus* de reportagens que serviriam como pilar da minha investigação.

Em termos metodológicos, recorri primeiramente à pesquisa de material que pudesse interessar ao meu trabalho de forma ampla. Procedeu-se, por isso, ao visionamento de uma grande quantidade de peças telejornalísticas que se relacionassem com a temática do acolhimento a refugiados em França. Após ter identificado a abertura do Centro Humanitário de *Paris-Nord* como um evento que levou à produção e circulação de discursos relevantes acerca do acolhimento a refugiados, recorri à formação de um *corpus* de reportagens televisivas à volta desta temática.

A INAthèque disponibiliza *softwares* que permitem o desenvolvimento rigoroso de toda esta sistematização de pesquisa. As três principais ferramentas que serviram para desenvolver a minha busca foram: *Hyperbase*, *Mediascope* e *Mediacorpus*. Cada um destes programas é dotado de características particulares que auxiliam o investigador na organização dos dados.

Hyperbase é uma plataforma informática, disponibilizada no polo da INAthèque da *Bibliothèque Nationale de France* (BNF) que permite ao utilizador ter acesso a todas as emissões televisivas que se encontram disponíveis no acervo do INA. Segundo referem na rubrica de ferramentas de pesquisa do site do INA: “*L’application Hyperbase permet la recherche multicritères, le tri, l’impression et l’export de données documentaires*”⁶. Quando se abre o programa, é necessário seleccionar a base de dados que se deseja consultar. Em primeiro lugar, existem as opções de consultar o acervo da televisão francesa (“*Télévision*”), da rádio francesa (“*Radio*”), das fontes escritas (“*Sources écrites*”) e outros fundos (“*Autres fonds*”). A este trabalho interessam apenas os arquivos da televisão.

Dentro do acervo da televisão, existem também as bases da televisão nacional (“*TV Nationale*”), televisão de satélite (“*TV Satellite*”), televisão regional (“*TV Régionale*”), conteúdos publicitários (“*Pub TV*”) e clipes musicais (“*Clips*”). A base de dados que interessa a esta investigação é a da televisão nacional (“*TV Nationale*”), já que pretendemos analisar representações divulgadas em todo o território francês. Segundo a informação do software, a base de dados da televisão nacional é constituída pelos “*Programmes produits et coproduits par les chaînes de TV publiques depuis 1949. À partir du 1er janvier 1995, programmes diffusés sur les 7 chaînes hertziennes publiques ou privées*”.⁷

Através de um sistema de pesquisa por *palavras-chave*, são mobilizados algoritmos que seleccionam todas as peças do acervo correspondentes aos termos procurados. Existem múltiplos critérios de pesquisa disponíveis no *Hyperbase* (data de transmissão, canal de transmissão, índice de títulos, índice geral). A seleção dos mesmos é feita em função das categorias que o usuário deseja utilizar para obter resultados sobre o seu tema de pesquisa.⁸

Posteriormente à procura de peças, procedi à visualização das mesmas de modo a realizar uma primeira examinação de conteúdo. Para tal, recorri ao programa *Mediascope*, que permite o visionamento dos documentos pesquisados e seleccionados através do

⁶ *Outils d’aide à l’analyse – INATHèque*: <https://goo.gl/L28PfX> (Consultado em 05.08.2017).

⁷ Este dado encontra-se disponível na janela de introdução do software *Hyperbase*.

⁸ Segundo me informaram os bibliotecários e responsáveis de sala da INAthèque, os conteúdos demoram cerca de um mês após a sua transmissão em rede nacional a serem inseridos na base de dados da televisão nacional do INA.

programa *Hyperbase*. Um aspecto importante do *Mediascope* é que ele permite fazer anotações e capturas de imagens através da ferramenta *Affiche Hiérarchique*. Ao seleccionar essa opção, abre-se uma pequena ferramenta que permite que ao pressionar a tecla “enter” ocorra uma captura de imagem automática e que se possam fazer anotações na parte lateral da janela.

Após visualizar as reportagens no *Mediascope*, existe a possibilidade de “exportá-las” do *Hyperbase* para um terceiro programa chamado *Mediacorpus*. Este programa permite registar um *corpus* de análise constituído por peças televisivas. No segmento abaixo encontra-se uma tabela com o *corpus* de reportagens seleccionadas com o auxílio destas três ferramentas.

Quadro 1.1
Corpus de reportagens televisivas

Núm.	Data da transmissão	Canal	Título	Coleção	Início	Duração	Referência material
1	31.05.16	Canal+	Plateau Brève : Anne Hidalgo annonce la création d'un camp de réfugiés à Paris	Le JT de Canal+	18 :55 :52	00 :00 :34	CL T VIS 20160531 C+ 00H
<i>1.1</i>	31.05.16	Canal +	Plateau invité : Florian Philippot	Le JT de Canal +	18:56:26	00:02:58	CL T VIS 20160531 C+ 00h
2	31.05.16	France 2	Paris: bientôt un camp de réfugiés	20 heures	20 :19 :14	00 :01 :55	CLT VIS 20160531 FR2 00h
3	06.09.16	France 3	PTE CHAPELL E / CAMP	12 13 Ed. Nat	12:30:17	00:03:20	CL T VIS 20160906 F2 00H

			RÉFUGIÉS				
4	06.09.16	Arte	Paris: Anne Hidalgo dévoile son projet de centre d'accueil pour migrants	Arte Journal	19 :46 :07	00 :01 :38	CL T VIS 20160906 ART 00h
5	06.09.16	TF1	Prochaine ouverture d'un centre d'accueil pour réfugiés à Paris	Le 20 heures	20 :06 :19	00 :01 :52	CL T VIS 20160907 ART 00h
6	06.09.16	France 2	Un nouveau centre pour migrants à Paris	20 heures	20 :07 :16	00 :01 :41	CL T VIS 20160906 FR2 00h
7	06.09.16	France 3	Mise en place d'un centre d'accueil pour migrants à Paris	19 20. Édition Nationale	19 :36 :03	00 :01 :55	CL T VIS 20160906 FR3 00h
8	10.11.16	TF1	Migrants: un centre de transit ouvre ses portes à Paris	Le 20 heures	20 :17 :01	00 :01 :43	CLT VIS 20161110 TF1 00h
9	10.11.16	Arte	Paris: ouverture d'un foyer temporaire	Arte Journal	19 :59 :59	00 :01 :35	CLT VIS 20161110 ART 00h

			pour migrants et hommes isolés				
10	31.12.2016	France 3	Bénévoles Emmaüs avec les réfugiés pour le nouvel an	19 20. Édition National e	19 :38 :48	00 :02 :11	CLT VIS 20161231 FR3 00h

A escolha dos elementos do *corpus* obedeceu a critérios determinados: decidi, em primeiro lugar, fazer um recorte temporal de modo a delimitar o conteúdo analisado. Esta determinação baseou-se na necessidade de seleccionar um número finito de peças, e na opção de analisar especificamente o período de inauguração do centro de acolhimento.

Assim, o recorte temporal vai desde o primeiro anúncio público da abertura do centro (31.05.16), passando pelo comunicado de imprensa no qual se revelam os pormenores do projeto (06.09.16), pelo dia da inauguração oficial do dispositivo de acolhimento (10.11.2016), e terminando no último dia do ano (31.12.2016). A escolha de encerrar o recorte temporal no último dia do ano deveu-se ao facto de corresponder à altura em que se faz um balanço do ano transacto. Pareceu-me por isso relevante examinar se a temática do acolhimento a refugiados entraria nesse balanço. Por outro lado, o mês de dezembro é caracterizado pelo incremento de atos de solidariedade com relação ao “outro” bem como pela centralidade da figura da “família”. Estes fatores podem influenciar o discurso de determinadas plataformas mediáticas. Considerando que no Centro Humanitário de *Paris-Nord* residem exclusivamente indivíduos isolados, do sexo masculino, e que se encontram em processo de requerer asilo na Europa, pareceu-me interessante examinar os mecanismos discursivos utilizados pelos *medias* de massa para representar este fenómeno no último mês do ano de 2016⁹.

Posteriormente à constituição do *corpus*, procedi à transcrição do áudio das reportagens televisivas, de modo a poder analisar as formulações discursivas das mesmas.

⁹ Segundo dados da OCDE, os anos de 2015 e 2016 viram um incremento de requerimentos de asilo em França, com 74 300 e 77890 pedidos respectivamente. (Consultado em: <https://goo.gl/VXwQBb> p.31, no dia 26.08.2017). Por outro lado, no ano de 2016 os debates sobre o acolhimento de requerentes de asilo foram particularmente marcantes por se tratar do ano anterior às eleições presidenciais de 2017.

Do mesmo modo, realizei capturas de imagem com base na ferramenta *Affichage Hiérarchique* do programa *Mediascope*, o que possibilitou a criação de um registro sistematizado das imagens a ser analisadas ao longo desta investigação (*Anexo C*).

ii. Métodos quantitativos e qualitativos

Embora identifiquemos, na literatura académica, análises sobre os *medias* baseadas exclusivamente no uso de métodos quantitativos ou qualitativos, o cruzamento de ambas metodologias tem-se multiplicado. Isto deve-se ao fato das fronteiras entre as duas perspectivas terem-se revelado ténues (Coman, R. *et al*, 2016: 139). Como explicitado nas secções anteriores, o processo de pesquisa no acervo da INAthèque, de visionamento das peças e de constituição do *corpus* recorreu a métodos de Análise de Conteúdo, com base em *softwares* que funcionam *via* algoritmos.

No que diz respeito à análise das peças, os objetivos que nos propusémos para este trabalho levam-nos a privilegiar a desconstrução de formulações discursivas nos *medias*. Por esse motivo, optámos por mobilizar conceitos oriundos da Análise do Discurso – e, mais precisamente, da Análise Crítica do Discurso (ACD). A partir destas ferramentas, iremos analisar as diferentes formulações discursivas que se referem a esta estrutura de acolhimento, considerando as implicações sociais, culturais e políticas destas escolhas. Privilegiaremos, assim, a vertente qualitativa da ACD (Coman, R. *et al*, 2016: 140).¹⁰

Existem diversas formas de conceber o “discurso”: como uma “construção mental”, como um “processo de interação e de comunicação entre partes do jogo político”, ou como uma “estrutura simbólica produzida por uma sociedade num contexto histórico determinado, que se impõe aos indivíduos” (Coman, R. *et al.*, 2016: 139). Segundo diversos autores, a Análise do Discurso representa simultaneamente “um método de análise de dados e uma postura teórica, quiçá até epistemológica” (*Idem*: 135).

¹⁰ A ausência de meios para criar um registo sistematizado dos áudios veiculados nestes documentos televisivos, bem como a proibição por parte do INAthèque de efetuar qualquer tipo de gravação – incluindo sonora – impossibilitou este estudo de proceder à análise aprofundada da oralidade inerente ao telejornal. O foco do trabalho será colocado nas dimensões textuais – elaborado a partir das *transcrições* das reportagens televisivas efetuadas (*Anexo C*) - e imagéticas, com base nas visualizações e *capturas de imagem* que foram possíveis recolher com o consentimento da INAthèque (*Anexo B*).

Tradicionalmente, a Análise do Discurso (AD) distingue-se da Análise de Conteúdo (AC) por fundamentar-se em abordagens compreensivas, construtivistas e críticas sobre as práticas discursivas ao invés de basear-se em métodos quantitativos oriundos do positivismo (Coman, R., *et al.*, 2016: 142). Embora surja como um marco teórico que nasce da linguística estruturalista, nos anos 1970 este campo disciplinar alarga-se a outros terrenos de pesquisa. Por fruto de cruzamentos com a Sociologia, e despertando igualmente o interesse de antropólogos como Claude Lévi-Strauss e Bronislaw Malinowski, as preocupações da Análise do Discurso adquirem novos contornos; o espectro de investigação alarga-se às relações entre a linguagem, estruturas políticas, sociais e culturais (*Idem*: 137).

Na formulação deste trabalho entendemos que a Análise do Discurso televisivo deve implicar, forçosamente, a sua integração em *contextos* de comunicação (Coloumb-Gully, 2002: 105). Esta ótica concebe o “local” da enunciação (“*lieu d’énonciation*”) como uma ferramenta estruturante, e não apenas acessória, na formulação do enunciado. Sob essa perspectiva, o discurso de informação televisivo seria indissociável das condições de produção, de circulação, e de recepção dos seus conteúdos. A Análise do Discurso recusa, por isso, a separação entre as esferas do “enunciado” e da “enunciação” ao examinar conteúdos mediáticos (Coloumb-Gully, 2002: 108).

Ora, uma vez que estabelecemos o discurso televisivo de informação como um fenómeno indissociável do seu “contexto”, é importante analisar as consequências metodológicas desta afirmação. Segundo Coloumb-Gully, o uso da Análise do Discurso para examinar reportagens televisivas seria dotado de maior pertinência do que o uso de ferramentas oriundas da Análise de Conteúdo (*Idem*: 108). Esta afirmação teria fundamento no facto dos critérios de análise da Análise do Discurso serem endógenos, nascerem da leitura do *corpus* de peças, privilegiarem o estudo do contexto de comunicação e serem baseadas no método indutivo.

Em oposição a outros métodos, a Análise do Discurso não implicaria uma atomização do discurso (*Idem*: 109). Ao ater-se à ordem global dos conteúdos, conceptualizaria a estrutura como o primeiro sentido do texto. A abordagem da AD privilegiaria a atividade enunciativa, relacionando-a com o género da peça e o local em que a informação é produzida. Outra característica relevante seria que, ao contrário da AC, na AD a homogeneidade das peças e exaustividade do *corpus* não seriam requisitos imperativos. Efetivamente, é importante enfatizar que as ferramentas da AD são baseadas

na examinação de “momentos-chave”. A análise é estruturada através da examinação de fragmentos que realçam a interação entre as dimensões do “enunciado” e da “enunciação”. O mesmo ocorre com a componente “imagética” das reportagens televisivas (*Idem*: 111).

No âmbito da Ciência Política e da Sociologia desenvolveu-se, nos anos 1980, uma corrente da Análise do Discurso intitulada Análise Crítica do Discurso (ACD), que se interessa pelas “ligações entre linguagem, poder e mudança social” (Coman, R. *et al.*, 2016: 138). Esta perspectiva é baseada na premissa de que existem relações de poder intrínsecas às práticas discursivas, refletidas em assimetrias no acesso a *eventos discursivos* por diferentes atores sociais e na capacidade de controlar a forma como o discurso é produzido, disseminado, e consumido (*Ibidem*). A ACD baseia-se no estudo de três eixos: a componente linguística do texto (focando-se em aspectos como semântica, organização do texto, formas retóricas e lexicais), o contexto (natureza do enunciator, do público, a especificidade dos contextos históricos e políticos determinados) e a intertextualidade (ligações entre diferentes tipos de textos). Conforme enfatizam diversos teóricos (*Ibidem*), a ACD pode ser alargada e aplicada ao estudo de debates parlamentares, transmissões televisivas ou radiofónicas, peças publicitárias, entre outros.

Os trabalhos de Norman Fairclough (1995), Teun Van Dijk (1991) e Ruth Wodak (2009) constituem investigações precursoras do uso das técnicas da ACD (*Ibidem*). Wodak analisa o modo através do qual a construção da identidade nacional é erguida *via* práticas discursivas partindo da ideia da “nação como uma *comunidade imaginada*” (Anderson, 1983:6). Segundo esta visão, a construção da identidade nacional estaria ligada à circulação de significados coletivos através destas plataformas. Por outro lado, determinadas práticas discursivas contribuem para reforçar processos de marginalização; nesses termos, é fundamental referir a análise de Teun van Dijk, que – focando-se nas imprensas britânica e holandesa – analisa a forma como a cobertura de notícias que contêm dimensões étnicas ou religiosas contribui para a perpetuação de discursos racistas (Coman, R. *et al.*, 2016: 150).

De modo a construir uma análise pertinente¹¹, teremos por base a tipologia desenvolvida por Silvestre (2011), que seleciona ferramentas teóricas centrais para o

¹¹ É fundamental enfatizar o facto das reportagens analisadas serem originalmente em francês. Após a transcrição no idioma original, procedeu-se à sua tradução.

desenvolvimento de um estudo de representações sociais nos *medias*. Incluiremos igualmente noções veiculadas pelas autoras Silveirinha e Cristo (2004) que nos parecem incontornáveis para aprofundar a análise. Os conceitos-chave mobilizados serão, principalmente, a lexicalização, as figuras de estilo, os participantes e papéis e a estrutura narrativa das peças. No que diz respeito à *lexicalização*, examinaremos a escolha de termos feita pelos *medias* – neste caso, pelos telejornais franceses – e a importância que incide em privilegiar o uso de um termo sobre o outro. Através da análise dos diferentes termos e campos lexicais, pretendemos decifrar teias de significados sócio-culturais atreladas a estas representações de acolhimento a refugiados e migrantes. A utilização de *figuras de estilo* é igualmente fundamental na medida em que contribui para moldar as diferentes formulações discursivas. Iremos observar o uso de hipérboles, analogias, elipses, metonímias, marcas de subjetividade, entre outras, com vista a analisar o seu impacto no texto.

Por outro lado, consideramos que um elemento incontornável da formulação de representações é traçada através da construção de diferentes *personagens* que interagem nestas reportagens. A partir desta perspectiva, examinaremos as intervenções dos múltiplos *participantes* (ou atores), interessando-nos pelo papel (ou função social) que desempenham. É importante enfatizar que nas reportagens selecionadas o dispositivo de *voice-over* age como um participante dotado de um papel fundamental na construção da narrativa da peça. Trata-se, efetivamente, de um mecanismo que dispõe de um estatuto diferenciado em termos enunciativos; é a voz do jornalista em *voice-over* que serve de fio condutor, atribuindo uma *estrutura narrativa* à notícia. Trata-se, não obstante, de um enunciador que permanece invisibilizado, já que não temos acesso à sua imagem. Finalmente, a *componente imagética* será contemplada principalmente no que diz respeito ao tipo e à constituição dos planos, à *mise-en-scène* das peças e aos movimentos de câmara. Iremos centrar-nos em “momentos-chave” da visualidade das reportagens sempre que julgarmos pertinente (Coloumb-Gully, 2002: 111).

Paralelamente à abordagem da ACD, e devido às minhas aspirações pessoais e académicas, tive a oportunidade de realizar um trabalho de voluntariado no Centro Humanitário de *Paris-Nord* durante o período da minha estadia em França (Setembro 2016 – Junho 2017). Ao longo das idas ao terreno, apliquei técnicas de observação participante, incluindo a anotação de dados, captura de imagens e posterior análise do

material recolhido. Por motivos metodológicos, optei por sistematizar esse material de forma a inseri-lo no texto quando considerasse pertinente recorrer a vinhetas etnográficas. Esta opção deve-se, por um lado, à consideração de que o desenvolvimento de uma reflexão mais ampla com base nas minhas idas ao CHPN na qualidade de voluntária não corresponderia aos objetivos estipulados para este trabalho. Por outro lado, tive em consideração o caráter esporádico e exíguo da recolha deste material. A inclusão do material etnográfico recolhido ao longo das minhas idas ao terreno como voluntária poderão ser posteriormente desenvolvidas e sistematizadas em publicações futuras.

Capítulo I. Antropologia dos Media e do Jornalismo: o papel da análise de conteúdo

What can anthropologists offer when we begin to take television seriously?

– Abu Lughod (1997:111)”

I. O surgimento dos “mass medias” como centro de interesse antropológico

Os *medias* começaram a surgir como objeto de análise sistematizado no seio da Antropologia de forma relativamente tardia. Nesses termos, Mark Allen Peterson refere que “(...) *just as mass communication research was taking off in other disciplines, and mass communication was emerging as a field of study in its own right, anthropology seemed to lose interest in it*” (Peterson, 2003: 26). Embora haja registros de trabalhos de investigação sobre os *medias* de massa atribuídos a Hortence Powdermaker na década de 1950, é notório que durante muito tempo as práticas mediáticas apareciam aos olhos dos antropólogos como centros de interesse secundários, apenas na medida em que se deparavam com elas durante os trabalhos de campo (*Ibidem*).

Em 1993, Debra Spitulnik determina que não existe um campo disciplinar sistematizado da Antropologia dos *medias*, e sublinha que estas plataformas poderiam constituir tanto “ferramentas” quanto “objetos” de estudo altamente relevantes para as ciências sociais. Apesar de que as investigações nesse ramo proliferaram significativamente nas duas últimas décadas, tornando a afirmação de Spitulnik ultrapassada (Ferreira, 2008; Bird, 2009), o potencial de entidades mediáticas como “instrumentos” e “objetos” de análise antropológica permanece fértil e, ao nosso entender, mereceria maiores sistemizações.

Sob a perspectiva de que a disciplina pode abordar os *medias* de diversas formas – como instituições, locais de trabalho, atividades sociais, desenvolvimentos históricos, práticas comunicativas – interessa especificar que na elaboração deste trabalho, o foco será colocado nestas telereportagens como sistemas de significados, produtos sócio-culturais e formas estéticas. Estas plataformas apresentam-se simultaneamente como artefactos, experiências, práticas e processos. É referido que os *medias* são: (...) *economically and politically driven, linked to developments in science and technology, and like most domains of human life, their existence is inextricably bound up with the use of language*. (Spitulnik, 1993: 293)

A referência ao papel da “linguagem” como elemento central na configuração das representações dialoga com a perspectiva de Stuart Hall, que teoriza um “circuito de cultura” que articula os mecanismos de “representação, identidade, regulação, produção e consumo” (Hall, 1997: 1). Como refere o autor, “de modo a comunicar “significados” a outras pessoas, os participantes de qualquer troca significativa devem também ser capazes de usar os mesmos códigos linguísticos – devem, num sentido muito amplo, « falar a mesma língua »”¹² (Hall, 1997: 4).

A concepção de “linguagem” que pretendemos analisar nesta investigação é, por isso, apreendida num sentido lato; o telejornal francês dirige-se a uma comunidade específica de telespectadores, dotados de certo tipo de ferramentas intelectuais, cognitivas e culturais para decodificar as representações, os códigos e as imagens veiculadas nas reportagens elaboradas. Em primeiro lugar, é indispensável o domínio da língua francesa já que no nosso *corpus*, mesmo quando surgem intervenientes que se comunicam em outros idiomas, as suas intervenções são sistematicamente dobradas.

Em segundo lugar, para compreender o protagonismo que a temática do acolhimento a refugiados adquire no discurso político francês em 2016 é importante ter em conta que se trata do ano anterior às eleições presidenciais de 2017, e que o *Front National*, partido favorável a medidas legislativas contrárias à imigração obteve proeminência nas sondagens em determinadas regiões do território.¹³ Finalmente, a mobilização de referências intertextuais, nomeadamente menções às estruturas de Grande-Synthe, Sangatte e Calais, demonstra que para compreender as mensagens veiculadas é necessário dispôr de uma bagagem cultural específica sobre estruturas de acolhimento para refugiados inauguradas anteriormente. Ebba Subin (2013: 147)¹⁴ toma nota, nesses termos, da citação de Östgaard (1965: 46), quando o mesmo refere:

“Cultural proximity thus appears to be a major asset for a news story, and the news media in any given country will tend to present the picture of the outside world as seen through the ethnocentric eyes of the receiver of the news”.

¹² As citações transcritas para português são traduções livres da autora.

¹³ Ver artigo “CARTE. Présidentielle: La Montée du Front National depuis 1995” publicado em Ouest France. (Consultado em : <https://goo.gl/Cw36cC> no dia 24.04.2017).

¹⁴ Referimo-nos à citação de Östgaard feita por Ebba Sundin no texto “Mapping the World: Understanding the Complexity of Cultural Identity and (Local, National) International News” publicado na coletânea *Past, Future and Change: contemporary analysis of evolving media spaces*, editado por Trivundža et al., 2013.

A familiaridade com as referências culturais locais surge, conseqüentemente, como um parâmetro indispensável para uma compreensão determinada das notícias veiculadas pelos *medias*. O retrato do “mundo exterior” elaborado para corresponder à visão etnocêntrica do receptor das notícias contribui, desse modo, para a produção de representações culturalmente codificadas. Ao longo deste trabalho, a natureza das peças que se irá examinar é exclusivamente telejornalística, tendo por base o trabalho desenvolvido por Elizabeth Bird (2009) e considerando a centralidade destas práticas nos circuitos de transmissão de significados. É nesse sentido que consideramos a singularidade do olhar do etnógrafo, que apresenta uma postura crítica, tem atenção aos contextos dos textos mediáticos e reconhece as “formas complexas através das quais as pessoas se envolvem em processos de construção e interpretação de trabalhos mediáticos em relação aos seus contextos históricos, culturais e sociais” (Abu-Lughod, 1997:111).

II. A importância da análise de conteúdo

As duas principais abordagens empreendidas por antropólogos no estudo dos *medias* são a análise da produção – focando-se em etnografias levadas a cabo em redações de plataformas mediáticas – e a recepção dos conteúdos mediáticos, com base no estudo de audiências (Hall, 1980; Ang, 1985; Morley, 1988; Mankekar, 1993). Nesses termos, os lugares privilegiados de interesse da Antropologia dos *medias* são a “redação” dos jornais, onde se formulam as representações sócio-culturais, e os “lares”, onde tradicionalmente ocorrem a recepção dos conteúdos e a descodificação dos mesmos (Coman, M., 2003: 8).

Não obstante, é importante identificar uma terceira metodologia que, embora proeminente em investigações de outras disciplinas tais como a sociologia, a linguística, as ciências da comunicação (Rosello, 1998; Silveirinha & Cristo, A.T, 2004; Santos, 2007; Cervulle, 2013), durante muito tempo não suscitou um interesse equivalente em meios académicos frequentados por antropólogos. Trata-se da análise de conteúdo; da examinação dos textos, das imagens e das formas discursivas inscritas nos conteúdos mediáticos e jornalísticos.

Embora alguns autores façam referência ao método da análise de conteúdos mediáticos (Spitulnik, 1993; Peterson, 2003), a abordagem apresenta-se sistematicamente como um método periférico e secundário (Bird, 2009:7). Procuramos defender, ao longo

desta dissertação, que o carácter performativo e ritualístico da circulação dos textos mediáticos mereceria análises de conteúdo mais extensas elaboradas por antropólogos. Para fundamentar este argumento, podemos regressar à conceptualização elaborada por Rothenbuthler (2008) já que, segundo o autor, não existiriam audiências e organizações mediáticas sem os “textos” e “discursos” à volta dos quais estas entidades se articulam. Desse modo, refere considerar paradoxal que a compreensão do modo como o “xamã” utiliza o texto e a performance para criar significados não constitua um núcleo de interesse mais fértil (Rothenbuthler, 2008: 4-5).

Elizabeth Bird (2009) refere que embora seja compreensível que a Antropologia procure privilegiar investigações que façam recurso ao método etnográfico, não por isso se justifica marginalizar a análise de conteúdo jornalístico. Isto torna-se especialmente relevante se considerarmos o modo como as imagens e textos nos *medias* de massa permeiam os sistemas de “produção, circulação e recepção” de significados sócio-culturais. Tendo esse argumento por base, Bird argumenta que se uma das funções centrais do antropólogo tem sido a descodificação de formas culturais, e se considerarmos que notícias jornalísticas são formuladas com base em circunstâncias culturais específicas, revela-se peculiar que a interpretação textual e imagética de notícias tenham sido abordagens marginalizadas (Bird, 2009: 7).

A reconceptualização de conteúdos mediáticos como formas de *cultural storytelling* (Idem: 6) dialoga com a visão das autoras Silveirinha e Cristo, que reiteram a concepção do jornalista como um “contador de histórias” que, ao narrar os acontecimentos, “produziria e cultivaria identidades políticas e culturais” (Silveirinha & Cristo, 2003: 118). Reforça-se assim a importância de enxergar a circulação de notícias não apenas como instrumentos de manipulação de massas, mas como um “fenómeno cultural” por si só (Maigret, 2003; Peterson, 2003; Bird, 2009).

Por outro lado, é interessante notar que segundo Wood e King (2001), “os estudos de migrações e dos *medias* são campos interdisciplinares e ricos. Embora se sobreponham de várias formas, são raras as explorações das interconexões entre ambos” (Wood & King, 2001:1). Inspirando-se fortemente das perspectivas supracitadas, este trabalho pretende focar-se nos *medias* jornalísticos como um “sistema de significados” e de “práticas culturais” que permite o reforço de laços imaginados na comunidade nacional. Com isso, os discursos produzidos no seio destas reportagens reforçam a construção de uma

clivagem entre a comunidade parisiense e populações requerentes de asilo, consideradas “inconciliáveis” com a urbe parisiense.

Em 1990, o antropólogo indiano Arjun Appadurai propõe um quadro analítico com o objetivo de explorar as disjunções do mundo contemporâneo ao olhar para a relação entre cinco dimensões do fluxo global: nelas são incorporadas as noções de *ethnoscape*, *mediascape*, *technoscape*, *financescape* e *ideoscape*. A este trabalho interessa, particularmente, as noções de *mediascape* e de *ethnoscape*, que Appadurai define da seguinte forma:

“By *ethnoscape*, I mean the landscape of persons who constitute the shifting world in which we live: tourists, immigrants, refugees, exiles, guestworkers and other moving groups and persons constitute an essential feature of the world and appear to affect the politics of (and between) nations to a hitherto unprecedented degree” (Appadurai, 1990:7) (...) *Mediascapes* (...) tend to be image-centered, narrative-based accounts of strips of reality, and what they offer to those who experience and transform them is a series of elements (such as characters, plots, and textual forms) out of which scripts can be formed of imagined lives, their own as well as those of others living in other places” (Appadurai, 1990: 9).

Com base neste enquadramento teórico, consideraremos o modo como estes dois conceitos interagem na formulação de representações sobre o acolhimento de refugiados pelos mass *medias* franceses. Através de uma releitura do conceito de *mediascapes*, Rubdy e Alsagoff (2013) desenvolvem uma reflexão acerca do uso de “imagens globais” (“*global imagery*”) em “paisagens imaginárias” (“*imaginary landscapes*”). O exemplo dado pelas autoras refere-se especificamente à publicidade, mas este paradigma pode ser aplicado a formulações telejornalísticas.

É igualmente importante referir que ao examinar representações que ilustram o percurso efetuado por indivíduos refugiados, a ideia do “espaço” adquire um caráter transnacional. Ao mesmo tempo que o espectador poderá imaginar que os migrantes que chegaram às capitais europeias efetuaram trajetos longos e cruzaram fronteiras, as estruturas precárias nas quais se instalam nas sociedades de acolhimento são, eles também, espaços intermédios e porosos. A partir dessa visão, podemos conceber que os indivíduos que migram entre “espaços” geográficos carregariam também consigo uma multiplicidade de “espaços imaginados”. A centralidade atribuída ao conceito de “imaginário” – derivada do conceito francófono de “*imaginaire*” (Appadurai, 1990: 5) ganharia, assim, elevada pertinência na descodificação de sistemas culturais.

Consideramos, conseqüentemente, que uma análise semiótica que incorpore ferramentas oriundas da antropologia interpretativa seria especialmente relevante para examinar estas “paisagens imaginárias”. Nesses termos, é certo que *“Roger Silverstone’s image of the television audience as positioned in multiple spaces and times suggests how daunting the task of fully contextualizing television is (...). Yet even this is not enough, anthropologists cannot dispense with “textual” analysis, the equivalent of the symbolic analyses of rituals and myths that have illuminated so much”* (Abu-Lughod, 1997:111).

III. A teoria interpretativa e a análise de notícias jornalísticas como “mitos”

A percepção do conteúdo mediático como um *sistema simbólico* que interage na construção de significados culturais – inspirando-se das investigações de Clifford Geertz – revela-se fundamental para compreender a importância dessa abordagem na pós-modernidade. Geertz concebe uma “noção semiótica da cultura” (Geertz, 1973: 5), tendo por base a afirmação de Weber segundo a qual o homem vive suspenso em teias de significados (sendo essas teias de significado a “cultura” em si). A análise da cultura teria então como objetivo não a formulação de leis gerais, mas a decodificação desses sistemas de significados.

Segundo Peter Brooks, a citação de Geertz aproxima-se da visão de Roland Barthes (Brooks, 2011:11), na medida em que o mesmo desenvolve uma análise descritiva de mensagens culturais que circulam no cotidiano da sociedade francesa. Posteriormente, Brooks qualifica essa abordagem semiótica como análoga à de um antropólogo. Como refere Mark Allen Peterson, a análise semiótica é crucial para examinar conteúdos jornalísticos, já que: *“some form of social poetics, rooted in semiotic analysis, is necessary if we wish to understand the media”* (Peterson, 2003: 119).

Com base nestas premissas, e ligando estes processos à emergência do discurso nacionalista, Manuel Brito-Semêdo (2006) elabora uma investigação acerca da construção da identidade nacional cabo-verdiana entre 1877 e 1975 através de notícias da imprensa. Nesses termos, o autor refere que “conforme Yañes Casal (1996:77) [a Antropologia Interpretativa] é uma atitude (...) que concebe a antropologia como um “acto interpretativo” [que] incorpora a componente da nova hermenêutica e reivindica finalmente um modo de “explicação interpretativa” da cultura, entendida como texto, contexto e sistema” (Brito-Semêdo, 2006: 26).

A leitura da realidade social como “texto, contexto e sistema” leva-nos, por outro lado, a uma abordagem desenvolvida por diversos antropólogos que refletem sobre os *medias*; a ideia de que notícias jornalísticas poderiam ser interpretadas como “mitos”, na medida em que reproduziriam “formas arquetipais míticas”. Efetivamente, em paralelo às investigações de antropólogos contemporâneos que demonstraram que se pode enxergar a análise de práticas ocidentais sob a ótica de “rituais políticos modernos” (Abélès, 1998:391), a leitura de notícias jornalísticas como “mitos” tem-se multiplicado (Peterson, 2001; Coman, M., 2001 e 2003; Lule, 2001; Bird, 2009).

De modo a pensar a concepção antropológica do “mito” importa, em primeiro lugar, referir a perspectiva de Wendy Doneger, que concebe o mito essencialmente como “uma forma de linguagem” (Doniger, 1995: viii). Segundo Lévi-Strauss, a examinação das dicotomias que constituem os mitos como *sistemas de significado* constituem a forma mais completa de os compreender. Porém, as abordagens antropológicas que criam relações entre “notícias jornalísticas” e “arquétipos míticos” utilizam, na contemporaneidade, ferramentas pós-estruturalistas. Em 2001, Jack Lule escreve no seu texto que “o mito é uma narrativa social essencial que se constrói a partir de arquétipos, oferecendo modos exemplares da vida social” (Lule, 2001: 102). A notícia de diversos centros de acolhimento anteriores que foram atacados, tais como o de Grande-Synthe e o de Essonne, poderiam, nesses termos, mobilizar imagens *arquetipais* de “inundações” e de “incêndios”¹⁵, simbolizando a hostilidade de segmentos da população perante a abertura destes projetos.

As aproximações entre notícias jornalísticas e mitos dão-se assim, conforme a visão de Lule, porque “*News stories offer sacred, societal narratives with shared values and beliefs, with lessons and themes, with exemplary models that instruct and inform*” (Lule, 2001: 104). A ênfase na *sacralidade* das histórias, que se situam em dimensões superiores à vivência mundana é o que permite que estas narrativas criem sistemas de moralidade (por exemplo, através da condena de práticas criminosas e exaltação de feitos científicos), posteriormente reproduzidos no quotidiano. Nesses termos, Mircea Eliade refere: “*It is for this reason that myth is bound up with ontology; it speaks only of realities*

¹⁵ No outono de 2016, o centro de acolhimento que estava previsto abrir em Forges-les-bains (Essonne) sofreu uma tentativa de inundação, e foi posteriormente incendiado (Consultado em: <https://goo.gl/oPEJkp> no dia 27.08.2017).

(...) Obviously these realities are sacred realities, for it is the sacred that is pre-eminently the real". (Eliade, 1959:95)

Com base nestas premissas, Lule conclui que notícias jornalísticas contemporâneas podem ser examinadas de forma análoga ao modo como se examinavam os mitos das sociedades tradicionais (*Ibidem*). Não obstante, Elizabeth Bird (2009) critica esta visão ao argumentar que a conceptualização de notícias jornalísticas como mitos segundo Lule baseiam-se em “teorias jungianas do arquétipo” ao invés de abordagens etnográficas oriundas da antropologia simbólica, caindo no equívoco de invocar temas arquetipais sem considerar o “contexto cultural” (Bird, 2009: 7). Neste trabalho, iremos atribuir especial importância ao modo como as representações deste centro se inserem no “contexto cultural” mais amplo do debate sobre estruturas de acolhimento em França.

Capítulo II. Os acampamentos precários de Jaurès e Stalingrad

*Ô minha alma, esteja preparada para a vinda do estrangeiro
Preparada para a vinda daquele que sabe fazer as perguntas.*

- Antonio Risério (*A cidade no Brasil*, 2013)

I. A emergência de acampamentos precários em Jaurès e Stalingrad

Segundo dados da OCDE¹⁶, registrou-se no ano de 2015 um número significativo de imigrantes que obtiveram entrada permanente em França, somando 256 500 pessoas nos dados oficiais. Embora o aumento em relação ao ano de 2014 tenha sido relativamente fraco (apenas 2%), terá sido o suficiente para atingir o nível mais elevado de entrada de imigrantes no país desde o início da década de 1970. Evidentemente, estes números contabilizam apenas indivíduos que tiveram as suas situações regularizadas pelas autoridades francesas. São, nessa ótica, valores que falham em considerar o elevado número de pessoas que residem em França desprovidos de documentos oficiais.

Durante a primavera de 2015 diversos “acampamentos improvisados” instalaram-se no norte de Paris; nestes locais, habitariam indivíduos oriundos de contextos migratórios que não teriam acesso a alojamentos. Estas estruturas improvisadas começaram a ser progressivamente “desmanteladas” pela polícia local, e incluíram relatos de violência e de coerção face aos migrantes¹⁷. Em Junho de 2016, segundo dados do jornal *Le Monde*¹⁸, dois acampamentos coexistiam no norte da cidade, com 1139 e 1850 pessoas habitando os locais respectivamente. Apenas cinco meses depois – em Novembro de 2016 – registram-se cerca de 3800 pessoas acampadas nas regiões próximas às estações de metro de Jaurès e Stalingrad, entre o 10º e o 19º *arrondissement*.

As pessoas que se encontravam nestes acampamentos viviam em condições de extrema precariedade, e as estruturas “improvisadas” eram erguidas de forma muito visível no espaço urbano. Por isso, o fenómeno adquiriu rapidamente o estatuto de

¹⁶ O relatório da OCDE ao qual fazemos referência está disponível no link: <https://goo.gl/VXwQBb> (Consultado no dia 16.08.2017)

¹⁷ Relatos de violência policial contra os migrantes instalados nos acampamentos de Jaurès e Stalingrad foram recorrentes durante a minha estadia em Paris. Este artigo do jornal *The Independent*, publicado em Fevereiro 2017, reúne relatos de roubo de cobertores por parte das forças policiais: <https://goo.gl/JtkEdn> (Consultado no dia 03.09.2017)

¹⁸ O jornal refere como fontes as associações *Emmaüs-Solidarité*, *GISTI*, *Collectifs Baam*, *La Chapelle Debout* e a *Préfecture de Police*: <https://goo.gl/LiXgmJ> (Consultado no dia 03.09.2017)

“problema público” (Hassenteufel, 2010:50), amplamente retratado pela imprensa e televisão francesa, particularmente no período de Junho de 2015 a Novembro de 2016.

Consultando o acervo da INAthèque, tivemos acesso a reportagens televisivas centradas na temática dos “acampamentos improvisados” dos bairros de Jaurès e Stalingrad. Nesses termos, seleccionámos uma reportagem que serviu de base para analisar as representações destas estruturas, tendo em vista as dinâmicas de reestruturação da cidade. Apresentaremos a análise deste documento no segmento que se segue.

Quadro 1.2

Dados da reportagem televisiva sobre os acampamentos precários de Stalingrad

Peça	Título	Canal	Dia	Coleção	Início	Fim
A	MIGRANTS STALINGRAD	France 2	26.10.2016	13 heures	13:07:19	13:10:11

Peça A

O documento intitulado “MIGRANTS STALINGRAD” foi transmitido pelo canal France 2, no dia 26 de Outubro de 2016 às 13:00. Ao analisar esta peça iremos considerar três dimensões; por um lado, a construção discursiva dos acampamentos de Jaurès e Stalingrad como um problema público não tanto para a figura dos migrantes mas, principalmente, para a figura dos parisienses. Por outro lado, iremos examinar as estratégias discursivas que criam uma correlação entre o desmantelamento da “Jungle de Calais” e a afluência crescente de indivíduos que se deslocam aos bairros do 19^o *arrondissement*, bem como o reforço da narrativa de infecção segundo Falk (2010). Por último, iremos identificar as estratégias discursivas que vinculam a existência destes acampamentos precários ao prejuízo financeiro dos comércios locais.

Esta peça inicia-se no estúdio do telejornal, com o apresentador Nathanaël Rincquensen a introduzir o tópico que irá ser posteriormente desenvolvido. Trata-se,

nomeadamente, das tensões sociais decorrentes da presença de acampamentos precários no bairro de Stalingrad, no 19º *arrondissement* de Paris (*Excerto (a)*)¹⁹:

Excerto (a)

“[Nathanaël de Rincquesen] : Et à Paris dans le 19ème arrondissement près du metro Stalingrad, les riverains, eux, ne cachent plus leur impatience face au problème des migrants. Certaines rues du quartier ressemblent à un bidonville, 1600 personnes vivraient actuellement sur les trottoirs.

[V.O] : Ils vivent à même le sol en plein Paris. Pas de sanitaires, aucune condition d’hygiène. Depuis plusieurs mois près de 2000 migrants campent, jour et nuit, dans cette avenue du 19ème arrondissement.”

A formulação inicial deste excerto pode ser analisada sob diversas óticas. Em primeiro lugar, a reportagem é inaugurada por uma frase declarativa que cria uma situação de antagonismo entre duas figuras: a dos parisienses – definidos pela referência geográfica ao percurso do rio Sena (“*les riverains*”) – e a figura dos migrantes, definidos por representarem intrinsecamente um “problema” público ([*le*] “*problème des migrants*”). Em segundo lugar, é referido que o antagonismo entre ambas figuras é derivado da “impaciência” que as primeiras figuras (“*les riverains*”) sentem – e já não escondem – em relação às segundas (“*les migrants*”). Efetivamente, o “problema dos migrantes” é caracterizado por representar um elemento perturbador, despoletando tensões sociais na cidade. A comparação entre “certas ruas do bairro” e um “bairro de lata” (*un bidonville*) reforça a evocação da degradação do espaço público, já que, segundo os dados divulgados, “1600 pessoas” estariam a habitar nas calçadas. A referência à presença destes indivíduos “nas ruas” e “no chão” são, posteriormente, reiteradas.

A primeira frase do *voice-over* começa por criar um contraste entre “eles” (“*ils*”), que vivem “no meio do chão” (“*à même le sol*”) “em pleno Paris” (“*en plein Paris*”) e a figura coletiva “nós”, que embora omitida da enunciação, permanece implícita. Esta figura coletiva aproxima-se do telespectador, já que o mesmo sente-se alheio a estes acampamentos precários. Na continuação do fragmento é enfatizada a ausência de “sanitários” (“*pas de sanitaires*”) e “condições de higiene” (“*aucune condition*

¹⁹ Tradução livre do excerto (a): “[Nathanaël de Rincquesen] : E em Paris no 19º *arrondissement*, próximo ao metro Stalingrad, os residentes, eles, já não escondem a sua paciência perante o problema dos migrantes. Certas ruas do bairro se assemelham a um bairro de lata, 1600 pessoas viveriam atualmente nas calçadas”. “[V.O]: Eles vivem no meio do chão em pleno Paris. Sem sanitários, nenhuma condição de higiene. Há vários meses cerca de 2000 migrantes acampam, dia e noite, nesta avenida do 19º *arrondissement*”.

d'hygiène”) “nesta avenida do 19º *arrondissement*” onde estes migrantes se vêm instalados “dia e noite”. Em sincronia, a imagem que surge neste momento (*Anexo B.1*) retrata seis homens agachados, próximos ao solo, a partilhar alimentos. Eles localizam-se no meio de quatro tendas, e ocupam o espaço nos interstícios das mesmas. Vemos cinco destes homens inteiramente; o sexto, no canto inferior esquerdo, foi cortado pelo enquadramento. Um sétimo homem encontra-se de pé, mas é igualmente cortado pelo enquadramento. Apenas dois indivíduos situam-se de frente para o telespectador: a câmara captura a maioria de costas e de forma muito pouco visível.

Nas duas imagens que se seguem (*Anexos B.2 e B.3*), é retratado, em primeiro lugar, um homem que aparenta ser de origem africana a estender a roupa num varal precário, erguido na rua de forma improvisada. Em segundo lugar, observamos um homem, que aparenta ser de origem médio-oriental, a lavar as mãos com ajuda de uma torneira no meio da estrada. Estas duas representações reforçam, por um lado, o espaço liminar e poroso no qual vivem estes indivíduos e, por outro, a reconfiguração do espaço urbano derivado da instalação destes materiais nas ruas. Depreendemos através desta imagética que as ruas sofrem transformações, com o surgimento de tendas, varais para estender roupa e lavatórios improvisados. Segundo os relatos jornalísticos, as alterações são tantas que “os residentes já não reconhecem o seu bairro, e a tensão aumenta” (“*Ils ne reconnaissent plus leur quartier et la tension monte*”). Na continuação da reportagem, um entrevistado identificado como representante do “Coletivo de habitantes de Jaurès-Stalingrad” (*Collectif des Habitants Jaurès-Stalingrad*), anuncia relativamente aos acampamentos (*Excerto (b)*)²⁰:

Excerto (b)

“[Pierre Vuarin – *Collectif des Habitants Jaurès-Stalingrad*] : C’est une situation indigne pour les demandeurs d’asile, mais aussi indigne pour toute la population parce qu’on est pris dans des situations terribles. On ne peut pas se déplacer, on ne peut pas marcher sur les trottoirs. C’est des conditions de saleté, de problèmes même sanitaires terribles. (...)”

Através da leitura deste fragmento, podemos identificar dois focos de preocupação levantados pelo entrevistado, que são posteriormente reapropriadas pelo

²⁰ *Tradução livre do excerto (b)* : [Pierre Vuarin – *Collectif des Habitants Jaurès-Stalingrad*] : É uma situação indigna para os requerentes de asilo, mas também indigna para toda a população, porque estamos presos em situações terríveis. Não podemos nos deslocar, não podemos andar nas calçadas. São condições de sujeira, de problemas mesmo sanitários terríveis. (...)

voice-over da reportagem. O primeiro é formulado no início da primeira frase, quando se anuncia que “é uma situação indigna para os requerentes de asilo”. Na segunda metade da primeira frase acrescenta-se que, além disso, se trata de uma situação “indigna para toda a população, porque estamos presos em situações terríveis”. Posteriormente, explicita-se que essa “situação terrível” caracteriza-se por “não pode[r]mos andar nas calçadas”, indicando que a instalação dos migrantes obstruí a via pública e impede a circulação dos residentes. A utilização da primeira pessoa do plural (“nós estamos”) para referir-se aos residentes cumpre, além disso, a função de aproximar o enunciador e o telespectador.

Num primeiro momento, é interessante que se estabeleça uma oposição entre “os requerentes de asilo” e “toda a população”, já que de um ponto de vista técnico, os primeiros estariam incluídos no universo “toda a população”. Através desta exclusão tecnicamente imprecisa, reforça-se a separação entre estes indivíduos e a comunidade local, que contém a “totalidade populacional” (ou a totalidade da população que constitui a *comunidade imaginada* parisiense). O uso da hipérbole “presos em situações terríveis” para qualificar a dificuldade de deslocação dos residentes (*riverains*) é igualmente importante de sublinhar. Assim, a escolha desta construção revela a prioridade do primeiro “foco” (o facto de se tratar de “uma situação indigna para os *riverains*”) sobre o segundo (o facto de se tratar de “uma situação indigna para os migrantes”).

Na frase final do excerto, surge a problemática destes acampamentos como nocivos para a saúde pública (“São situações de sujeira, problemas mesmo sanitários terríveis”). Ao examinar esta frase, depreendemos um carácter ambivalente: por um lado, constatamos que a frase pode ser entendida como uma denúncia das condições precárias e indignas – de falta de acesso a recursos de higiene – nas quais estas pessoas se encontram. Por outro lado, a formulação pode ser apreendida como uma referência ao medo de contágio e à retórica da infecção da presença de migrantes no espaço público (Falk, 2010: 84). Na imagem que se segue (*Anexo B.4*), observamos uma calçada na qual se encontram sentados três homens, vestidos de cores escuras e com capuzes a cobrir os seus rostos. Assim como nas imagens anteriores, o facto dos seus rostos serem pouco visíveis dificulta a criação de laços de empatia por parte do espectador do telejornal. Em frente a estes indivíduos surge uma grade de metal em primeiro plano, aumentando a dificuldade de visualização dos seus rostos, e gerando simultaneamente alusões a encarceramentos. No chão, observamos sujeira e alguns objetos que parecem constituir

os escassos pertences dos migrantes, como um pano vermelho e pedaços de cartão nos quais um dos homens se senta.

Posteriormente (*Anexo B.5*) surge a imagem de um homem vestido inteiramente de preto e com um capuz a cobrir-lhe a cabeça, de pé, encostado em múltiplas grades de metal. No chão, torna-se ainda mais evidente o cenário de falta de higiene e a sujeira, reforçada por pedaços de cartão, dejetos no chão, e uma sacola preta de lixo no meio da calçada. O indivíduo coberto e vestido de preto encontra-se separado do resto do espaço pelas grades de metal. Reforça-se, notoriamente, a ideia de um contágio a ser proliferado pelos indivíduos “do outro lado das grades”, que emergem para contaminar o espaço público. Em seguida, observamos duas tendas abertas no meio da rua, rodeadas por colchões virados do avesso, e roupas estendidas em varais improvisados (*Anexos B.6 e B.7*). Verificamos, através destas imagens, o argumento de Ibrahim e Howarth (2016) segundo o qual o *gaze* na esfera privada dos refugiados não vem atrelado à intenção de despertar intimidade e empatia, mas serve de pretexto para justificar a *intrusão* do olhar do telespectador (Ibrahim & Howarth, 2016:4). Num segundo momento, a câmara foca as roupas, estendidas em estruturas que se assemelham a grades. Em seguida, a *voice-over* anuncia (*Excerto (c)*)²¹:

Excerto (c)

“[V.O] : Depuis le démantèlement de la jungle de Calais, les riverains redoutent qu’un nouveau camp s’installe ici. Ils ne reconnaissent plus leur quartier et la tension monte.

[Riveraine 1] : On est exaspérés ! Les vêtements suspendus, les tas d’ordures... C’est tout, c’est tout. On n’en peut plus !

[Riveraine 2] : Vous les nourrissez, donc vous les laissez vivre là. Vous... vous savez ? Allez voir un peu les commerçants, ils sont tous au bord de la faillite...”

Surge, neste excerto, o estabelecimento de um vínculo entre o desmantelamento da estrutura de Calais e a afluência acrescida de migrantes nos acampamentos de Jaurès e Stalingrad em Paris. De facto, é notório em diversas reportagens deste período a

²¹ *Tradução livre excerto (c)*: “[V.O]: Desde o desmantelamento da “jungle de Calais”, os residentes temem que um novo campo se instale aqui. Eles não reconhecem mais o seu bairro, e a tensão aumenta”. [R. 1]: “Estamos exasperados! As roupas penduradas, o lixo... É tudo, é tudo. Não podemos mais!” [R.2]: “Vocês os alimentam, por isso vocês os deixam viver aí... Vocês... Vocês sabem? Vá ver um pouco os comerciantes, eles estão todos à beira da falência...”

construção discursiva de uma correlação entre os dois fenômenos, implicando que os acampamentos parisienses se verão ainda mais saturados com a chegada dos migrantes que se encontravam no norte do país.

Ainda em relação à reconfiguração do espaço público, transparece o sentimento de desconforto dos residentes (“*riverains*”), que se sentem hostilizados pela modificação das dinâmicas urbanas: “as roupas suspensas”, “as quantidades de lixo” leva a senhora a exclamar “(...) não podemos mais! (“(...) *on n’en peut plus!*”). Uma outra senhora, que se presume ser igualmente residente do bairro, interpela um voluntário de forma a expressar o seu descontentamento. Através desta enunciação, depreende-se que a distribuição de alimentos que os voluntários efetuam – de forma a aliviar as condições precárias nas quais estes indivíduos se encontram – contribuem para reforçar o “problema público” que representam os migrantes. Nesses termos, a residente refere: “você os alimentam, por isso você os deixam viver aqui”. Esta frase estabelece uma relação de causalidade entre a distribuição de alimentos às pessoas em situações precárias e a obstrução do espaço público, implicando que seria preferível não lhes distribuir alimentos já que é isso que as estimula a continuar nesses acampamentos. Por outro lado, trata-se de uma formulação conotada pejorativamente; a redução dos refugiados e migrantes a um complemento de objeto indireto (“os alimentam, os deixam viver aqui”) retira-lhes inteiramente a agencialidade. Todo o poder de decisão (“de os alimentar”) é atribuído ao sujeito da frase declarativa: os parisienses que se voluntariam para lhes fornecer comida.

A última questão que nos parece importante de realçar nestas reportagens são as formulações discursivas que enfatizam a desvalorização do comércio local nos bairros de Jaurès e Stalingrad. Após a exclamação da residente supracitada, que refere os prejuízos sofridos pelo comércio local, segue-se uma afirmação em *voice-over* (*Excerto (d)*)²² :

Excerto (d)

“[V.O] : Moins de passage sur les trottoirs, plus personne en terrasse, dans ce quartier depuis 3 mois les commerçants affirment perdre 30% de leurs recettes.

[Commerçant] : On perd tous les jours notre chiffre d’affaire. (...) Ici par exemple il y a plein de bureaux, plein de trucs et tout, et les gens ne veulent même plus sortir pour manger à midi...”

²² Tradução livre do excerto (d): “[V.O]: Menos passagem nas calçadas, mais ninguém nas esplanadas. Neste bairro, há três meses que os comerciantes anunciam perder 30% das suas receitas”. “[Comerciante]: Todos os dias perdemos o nosso volume de negócios. (...) Aqui por exemplo há vários escritórios, várias coisas e isso, e as pessoas não querem nem mais sair para comer ao meio-dia”.

Através deste excerto, a reportagem apresenta o *personagem* do comerciante do bairro de Stalingrad, que exerce o *papel* de denunciar os prejuízos económicos que derivam da presença destes acampamentos precários no seu bairro. Os impactos locais da presença destes acampamentos seriam representados pela obstrução da via pública, pelos perigos para a saúde pública dos parisienses, e pelo prejuízo para as receitas dos comerciantes locais. A desvalorização da questão da saúde dos migrantes e a ausência de iniciativas que procurem assegurar o alojamento destas pessoas em condições dignas aparecem, aqui, como características notórias.

II. A danificação do espaço público parisiense

A temática da reconfiguração da cidade subjacente à instalação de migrantes e requerentes de asilo nas calçadas surge, assim, como um elemento central das representações do espaço público parisiense. Ora, é importante referir que quando examinamos a noção de “espaço público” conceptualizamos o um espaço que “não é nem geográfico nem territorial” e que representa, essencialmente, o “local de encontro com o *outro*” (Pacquot, 2009: 2). O espaço público “[colocaria] em relação, ao menos potencialmente, pessoas que se cruzam, se evitam, se cumprimentam, conversam, se conhecem, se deixam, se ignoram, chocam, se agriDEM”. Através destes locais seria preenchida a função primordial da vida social: a comunicação (Pacquot, 2009: 6).

Concebemos aqui esta noção no sentido lato; por isso, temos em conta a perspectiva de Saillant e Truchon (2008) que, ao estudar as figuras de refugiados, fragmentam a esfera pública em três dimensões: a “mediática”, a “jurídica” e a da “sociedade civil”. Considerando que a nossa análise tem por base reportagens oriundas dos principais telejornais franceses, interessa-nos em primeiro lugar conceptualizar a dimensão mediática, já que apreendemos os *medias* como um local privilegiado da formulação de significados coletivos. Interessa-nos igualmente o conceito de “espaço público” *urbano*, já que as filmagens ocorrem principalmente em Paris, trazendo à superfície questões de degradação da cidade e da percepção dessa reconfiguração pelos membros da comunidade. Para Paquot, os “espaços da cidade” referem-se às estruturas urbanas às quais os indivíduos têm acesso: são as ruas, as praças, as avenidas, os jardins e os parques, as florestas, as praias. Em suma, é a rede de espaços na qual vigora a livre circulação, tendo em conta as qualidades de “acessibilidade” e de “gratuidade” (Pacquot, 2009: 3).

Ao pensar nos espaços públicos especificamente *urbanos*, conceberemos a paisagem de uma cidade na sua integralidade, tanto no que diz respeito à sua dimensão física (o seu tecido urbano, as estruturas edificadas), quanto imaterial (o conjunto de comportamentos dos indivíduos nestes espaços).²³ À semelhança de Maxime Cervulle, consideraremos o espaço público não no sentido do “princípio de publicidade” descrito por Jürgen Habermas, mas pela posição defendida por Nancy Frazer: a autora opõe à ideia de que, na esfera pública, o estatuto de desigualdade se encontraria suspenso pelo imperativo da deliberação racional, a noção de disparidade ao acesso e à participação dos eventos comunicativos por parte de determinados indivíduos (Cervulle, 2013: 208).

As representações do espaço *urbano* devem ser conceptualizadas, em primeira instância, como mecanismos “produtores de significados”. Nesses termos, Silvano propõe que “*représenter l’espace est, pour l’essentiel, ordonner l’hétérogène, c’est-à-dire produire, spatialement parlant, du sens*”. (Silvano, 2004 : 127). O modo como se pensa coletivamente a reconfiguração do espaço público parisiense após a chegada de “migrantes” está intimamente ligado a processos de hierarquização social e espacial.

As alterações materiais que emanam da instalação destes indivíduos na cidade desencadeariam mudanças nas representações da urbe, que sofreria máculas inexoráveis como consequência da presença de indivíduos “vindos do exterior”. No que diz respeito às representações da *corporalidade* na cidade, Saillant e Truchon (2008) referem a redução do indivíduo refugiado “ao estado de *zoé*”; à pura materialidade do corpo. Efetivamente, é recorrente nestas reportagens circularem imagens de indivíduos deitados nas calçadas, exaustos, sem acesso à higiene, reduzidos apenas à sua dimensão corporal. Segundo as autoras, é a partir desta redução que se justifica a ausência de voz que caracteriza estes sujeitos:

“(…) le sujet [est] réduit au corps, donc a la *zoé* ; ce serait justement cet état de *zoé* (réduction au corps) qui bloquerait le surgissement de la parole, puisque ce sujet réduit a l’état de *zoé* serait privé de sa biographie, de son « humanité », de son historicité. Le corps de la *zoé* est un corps extirpé de son humanité, tout comme le corps des biotechnologies est en principe enfermé dans la réification des experts.” (Saillant & Truchon, 2008: 63)

Considerando que a construção das fontes mediáticas baseia-se na “pluralidade de vozes não só dos jornalistas mas dos atores estrangeiros à esfera mediática, sob a forma

²³ Esta referência foi recolhida no texto “*La perception de l’espace urbain: principes et fonctionnements*”, consultado em <https://goo.gl/GDYz6B> no dia 31.08.2017.

de citações e entrevistas” (Perbost, 2012:10), é também importante sublinhar que as “vozes” destas pessoas são necessariamente moldadas e adaptadas ao discurso editorial. A edificação identitária implicaria uma construção social, mediática e discursiva dos sujeitos, elaborada em função dos papéis que lhes são atribuídos (Perbost, 2012: 13). Ora, estas “vozes” perdem-se em meio à entropia de imagens de corpos reduzidos ao estado de *zoé*, deitados à beira de instalações improvisadas. Desse modo, o refugiado é imaginado como um ser indesejado e castrado de soberania²⁴, subjugado às práticas de biopoder através da visualidade mediática, e elementos como sanitários precários e o acesso limitado à água – que ilustram mutações visíveis na conceptualização do *espaço urbano* – tornam-se parte da imagética de consumo da reportagem (Ibrahim & Howarth, 2016:5).

A transformação das ruas do 19º *arrondissement*, com a instalação importante de tendas, varais para estender roupa, pedaços de cartão, corpos reduzidos ao estado de *zoé* entram em confronto direto com o “arquétipo” da cidade de Paris (Cancilieri, 2013:9). Assim, as reportagens fazem recurso a entrevistas com parisienses que referem “não reconhecer o próprio bairro”²⁵, que se terá transformado num “bairro de lata”²⁶. Referem igualmente que a circulação se vê obstruída pela presença destas pessoas e dos seus corpos no domínio público.

É essencial constatar que os momentos em que as reportagens filmam o interior das tendas dos refugiados contém uma ambivalência: por um lado, as filmagens cumprem a função de mostrar as condições precárias às quais estas pessoas estão expostas. Poderiam, assim, posicionar-se criticamente, sensibilizando o telespectador perante estas condições indignas. Por outro lado, estes momentos são conceptualizados como “atos intrusivos”, de desrespeito à intimidade do outro de modo a saciar a curiosidade do espectador. Como referem Ibrahim e Howarth, podemos interpretar estas imagens como criadoras de uma disrupção entre as esfera “pública” e “privada” dos indivíduos, fomentando uma estética da violência e do reconhecimento do corpo do refugiado como uma entidade que não é sagrada (Ibrahim & Howarth, 2016:4).

²⁴ Paralelamente, os *medias* periféricos exercem funções centrais na construção de identidades complexas de indivíduos socialmente marginalizados; é o caso de práticas mediáticas de tribos indígenas ou plataformas alternativas como o site refugee.tv.

²⁵ Ver Peça A, intitulada “MIGRANTS STALINGRAD”, transmitida por France 2 no dia 26.10.2016.

²⁶ *Ibidem*.

A evocação da dicotomia entre corpos “sagrados” e “mundanos” remeteria para o imaginário da iconografia cristã referida por Falk (2010). Ao examinar imagens mediáticas de requerentes de asilo que atravessaram o Mediterrâneo, Falk constata que grupos de migrantes são recorrentemente retratados como “ameaçadores” e “invasores”, ao tempo que representações de indivíduos isolados propõem narrativas em que os mesmos são conceptualizados como “vítimas”. Não obstante, ambas narrativas partilhariam um traço comum: “o medo da infecção”.

Segundo a autora, a composição da imagem de um imigrante da Somália a desembarcar em Lampedusa no dia 20 de outubro de 2003 capturada pela *European Press Photo Agency* lembraria a representação da *Pietà* de Giovanni Bellini que se encontra na Basílica de São João e São Paulo, em Veneza. O imigrante somali apareceria como um ser inocente, materializado num corpo fragilizado e débil. Com isso, a autora argumenta que a tradição visual iconográfica cristã influenciaria, mesmo que indiretamente, as representações de refugiados como “vítimas”. Esta narrativa seria ambivalente: evocaria o imaginário da redenção litúrgica e, simultaneamente, apresentaria estes corpos como entidades mundanas e perigosas que contaminariam o espaço público.

Capítulo III. Um evento mediático sobre imigração

*Les mots ne se contentent pas de dire une réalité.
Ils la construisent et la construction qu'ils opèrent sert à la fois à décrire et à prescrire,
à donner une certaine image du monde social et à intervenir sur lui pour le transformer.*
-Didier Fassin (1996 :77)

I. Definindo os termos: “*migrants*”, “*réfugiés*”, “*hommes isolés*”

1.1 “*Migrants*”, “*réfugiés*” e “*hommes isolés*” nos medias franceses

No discurso jornalístico francês existe uma variedade de termos utilizados para se referir às pessoas oriundas de contexto migratório (entre os quais “*migrants*”, “*immigrés*”, “*étrangers*”, “*réfugiés*”, “*demandeurs d’asile*”, “*clandestins*”, “*sans-papiers*”²⁷). Estas designações podem surgir no uso coloquial e transitar para os discursos políticos e mediáticos, ou fazer o percurso inverso. No *corpus* de análise que selecionámos para esta investigação, destacam-se dois termos que surgem de forma proeminente no discurso. São eles: “*migrants*” (migrantes) e “*réfugiés*” (refugiados). Devido à sua proeminência nas peças que iremos analisar, iremos privilegiar a definição e a discussão à volta dos mesmos.

Como refere a “*Commission Nationale Consultative des Droits de l’Homme*” (CNCDH) da república francesa no relatório “*Avis sur la situation des migrants à Grande-Synthe*”, o termo “migrant” é teoricamente neutro, e não constitui uma categoria jurídica (a categoria jurídica seria a de “immigré”²⁸). Já o termo “refugiado” refere-se especificamente a um estatuto legal protegido ao abrigo de convenções internacionais, nomeadamente a Convenção de Genebra sobre os Refugiados (1951). Não obstante, o uso destes termos pelos discursos político e mediático geram clivagens. Regularmente, estabelece-se uma oposição entre os “refugiados legítimos”, provenientes de países em guerra, e os demais, considerados como “imigrantes económicos ilegítimos”, suspeitos

²⁷ Tradução livre dos termos : “migrantes”, “immigrados”, “estrangeiros”, “refugiados”, “requerentes de asilo”, “clandestinos”, “sem papéis”.

²⁸ Segundo o mesmo relatório da CNCDH : “Quand la personne séjourne durablement dans un pays autre que le sien, elle devient “immigrée” et peut se voir attribuer différents statuts définis par des lois nationales (demandeur d’asile, travailleur, membre de la famille,...), ou aucun statut si elle est “sans papiers”, c’est à dire sans titre de séjour. Dans la situation calaisienne, le terme de “migrant” désigne bien des personnes en mouvement, sans installation durable” (consultado em: <https://goo.gl/PaoNfX> no dia 02.09.2017).

de intenções utilitaristas. Segundo a CNCDH, as pessoas que não correspondem aos critérios fixados pela Convenção de Genebra são alvo de violências e agressões motivadas pela percepção de que são “imigrantes económicos ilegítimos”.²⁹

Parece-nos importante enfatizar que o uso do termo “migrantes” nesta dissertação alinha-se com a descrição feita no parágrafo anterior; pretende-se que seja um termo neutro, de uso abrangente, para referir-se a pessoas que realizaram um trajeto migratório. Nesses termos, é também importante referir que, como mencionado no artigo de *Mediapart*³⁰, os termos “*réfugiés*” e “*migrants*” carregam conotações que variam conforme o contexto. O termo “*migrant*” pode ser utilizado de forma ampla, de modo a incluir as pessoas que não têm acesso ao estatuto de refugiado; pode também carregar a conotação pejorativa de criar uma distinção entre os “refugiados”, que teoricamente mereceriam compaixão, e os “imigrantes económicos”, desprezados pela opinião pública.

Nas reportagens sobre o Centro Humanitário de *Paris-Nord* identificamos igualmente referências múltiplas à imagem do “*homme isolé*” (“homem isolado”), que representa a categoria de pessoas a serem acolhidas na estrutura de Porte de la Chapelle, em oposição ao centro de Ivry-Sur-Seine, que acolheria famílias e mulheres isoladas. Este termo poderia remeter para o perfil do imigrante como um homem jovem e desprovido de laços familiares, contribuindo para a perpetuação de estereótipos sobre imigração e criminalidade.³¹ Ao longo das minhas idas ao terreno, pude observar que mulheres e crianças também tinham acesso ao centro, nomeadamente ao “acolhimento diurno” que ocorria de segunda a sexta-feira. Não obstante, para evitar conflitos e violências de cariz sexual, a parte do alojamento do centro de Porte de la Chapelle era reservada aos homens, ao tempo que as mulheres e famílias seriam acolhidas no centro de Ivry-Sur-Seine.

1.2 O estatuto de “refugiado” no direito internacional e no direito francês

²⁹ Como é referido no relatório do CNCDH: “Les conséquences sont particulièrement néfastes pour le respect des droits humains des personnes qui n’entrent pas dans les critères fixés par la Convention de Genève.” (Consultado em: <https://goo.gl/PaoNfX> no dia 02.09.2017).

³⁰ Artigo “*Le camp de réfugiés de la Ville de Paris sort de terre*”, publicado no dia 07.09.2016 na plataforma Mediapart (Consultado em: <https://goo.gl/byWcLU> no dia 02.09.2017).

³¹ A título de exemplo, este artigo publico no jornal Le Monde e intitulado “Les migrants, tous des hommes?” analisa a concepção de que a maioria de imigrantes que chegam à Europa nos últimos anos seriam do género masculino: <https://goo.gl/Bbnc14> (Consultado em 04.09.2017)

Segundo o Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR), “um refugiado é um indivíduo que foi forçado a fugir do seu país por motivos de perseguição, guerra, ou violência (...), tem um medo bem-fundamentado de perseguição por motivos de raça, religião, nacionalidade, opinião política ou pertença a um grupo social particular. O mais provável é que não possa retornar a casa ou tenha medo de fazê-lo. Guerras e violências étnicas, tribais e religiosas são as principais causas para que refugiados fujam dos seus países”.³² O Serviço de Estudos do Parlamento Europeu (EPRS)³³ refere que as duas normas legais que se aplicam especificamente a refugiados numa escala global são a convenção de 1951 (Convenção de Genebra) e o protocolo de 1967 relativo ao estatuto de refugiados. Ambos dispositivos internacionais teriam sido ratificados por 150 países. Nesses termos, a convenção de 1951 refere a todas as pessoas que:

"(...) em consequência dos acontecimentos ocorridos antes de 1º de janeiro de 1951 e temendo ser perseguida por motivos de raça, religião, nacionalidade, grupo social ou opiniões políticas, se encontra fora do país de sua nacionalidade e que não pode ou, em virtude desse temor, não quer valer-se da proteção desse país, ou que, se não tem nacionalidade e se encontra fora do país no qual tinha sua residência habitual em consequência de tais acontecimentos, não pode ou, devido ao referido temor, não quer voltar a ele." ³⁴

As condições *sine qua non* para poder requisitar o estatuto de “refugiado” seriam, nesses termos: encontrar-se fora do país de sua nacionalidade, temer uma persecução por motivos de raça, religião, nacionalidade, pertença a um determinado grupo social ou opiniões políticas, e não poder ou não querer contar com a proteção do seu país de nacionalidade. Como podemos observar, devido ao facto da Convenção de Genebra ter sido formulada no período do pós-guerra, só poderiam requisitar asilo pessoas que se baseassem em eventos ocorridos antes do dia 1 de Janeiro de 1951 na Europa. Não obstante, o protocolo de 1967 remove estas limitações temporais e geográficas.

³² Tradução livre: “A refugee is someone who has been forced to flee his or her country because of persecution, war, or violence. A refugee has a well-founded fear of persecution for reasons of race, religion, nationality, political opinion or membership in a particular social group. Most likely, they cannot return home or are afraid to do so. War and ethnic, tribal and religious violence are leading causes of refugees fleeing their countries. (ACNUR, consultado em: <https://goo.gl/k8oBF4> no dia 11.09.2017).

³³ Estas informações foram recolhidas no texto “Refugee Status Under International Law”, do site European Parliamentary Research Service Blog (Consultado em: <https://goo.gl/22k8Pa> no dia 11.09.2017).

³⁴ Citação recolhida no texto da Convenção Relativa ao Estatuto de Refugiados (1951), disponibilizado pelo site da ACNUR (Consultado em: <https://goo.gl/ppTfxG> no dia 11.09.2017)

No que diz respeito à implementação destas normas em França, julgamos importante destacar a definição do estatuto de refugiados adoptada pelo OFPRA (*Office Français de Protection des Réfugiés et Apatrides*), órgão responsável pela atribuição do estatuto de “refugiado” e “apátrida” em território francês. O OFPRA é um estabelecimento público administrativo, criado pela lei de 25 de Julho de 1952. É referido que o estatuto de refugiado é reconhecido pelo OFPRA na aplicação do artigo 1º A2 da Convenção de Genebra de 28 de Julho de 1951. A interpretação do artigo supracitado da Convenção de Viena é feita “à luz da jurisprudência do Conselho de Estado e da Corte Nacional do Direito ao Asilo (CNDA).”³⁵ A apreciação das condições que permitam a um indivíduo passar do estatuto de “requerente de asilo” (termo utilizado para referir-se às pessoas que deram início ao pedido de asilo) ao estatuto de “refugiado” em França devem igualmente ser examinadas à luz das diretrizes europeias. O Office Français de l’Immigration et de l’Intégration (OFFI) acrescenta³⁶ que após a atribuição do estatuto de refugiado a um indivíduo requerente de asilo pelo OFPRA ou pelo CNDA, é-lhe outorgado um título de residência válido por 10 anos, bem como ao seu conjuge e filhos menores de idade. Nos termos dessa atribuição, os refugiados teriam acesso ao mercado de trabalho e aos mesmos direitos sociais que os nacionais franceses.

A organização não-governamental *France Terre d’Asile* (FTA) especifica que os indivíduos que não reúnam as condições estipuladas para que lhes seja outorgado o estatuto de refugiado podem, ainda assim, beneficiar de um estatuto de “proteção subsidiária”. Essa proteção é atribuída a pessoas que tenham sido expostas a perigos graves, tais como “ser condenado à pena de morte, tortura, ameaça grave contra a sua vida ou à sua pessoa por motivos de violência generalizada caso retorne ao seu país”.³⁷ Segundo dados divulgados por FTA, no dia 31 de dezembro de 2014, 193 552 pessoas estavam sob a proteção do OFPRA, entre as quais 173 968 refugiados, 18 296 beneficiários de proteção subsidiária e 1 288 apátridas.³⁸ Com base nestas informações, FTA alerta para as especificidades inerentes ao estatuto de refugiado, enfatizando que “os refugiados constituem uma população particularmente vulnerável entre os migrantes

³⁵ Informações disponíveis no texto “*Le statut de réfugié*” disponibilizado pelo site do OFPRA (Consultado em: <https://goo.gl/qg5HTc> no dia 11.09.2017)

³⁶ Informações disponíveis no site do OFFI (Consultado em : <https://goo.gl/cBb7Mw> no dia 11.09.2017)

³⁷ Dados divulgados no site de France Terre d’Asile (Consultado em: <https://goo.gl/kBVDEM> no dia 11.09.2017)

³⁸ *Ibidem*.

recém-chegados”.³⁹ Por outro lado, estes indivíduos são oriundos de contextos políticos, culturais, sociais e pessoais distintos, o que torna a reforçar o caráter heterogêneo e multicultural do grupo de pessoas que dispõem do estatuto de refugiado. Considerando estes fatores, seria compreensível que os discursos políticos e mediáticos atentassem às especificidades inerentes às pessoas dotadas desse estatuto jurídico; não obstante, os termos “refugiado” (“*réfugiés*”), “migrante” (“*migrants*”) e “clandestino” (“*clandestins*”) são usados de forma alternada nas principais plataformas de comunicação, sem atenção às particularidades de cada realidade. Para concluir, tomemos a seguinte observação de Liisa Malkki: “*Thus, it would seem that the term refugee has analytical usefulness not as a label for a special, generalizable "kind" or "type" of person or situation, but only as a broad legal or descriptive rubric that includes within it a world of different socioeconomic statuses, personal histories, and psychological or spiritual situations*” (Malkki, 1995:496).

II. Uma breve cronologia da representação da imigração nos telejornais franceses

De modo a contextualizar as representações da imigração nos telejornais franceses, iremos referir algumas datas-chave deste fenómeno na televisão local. Uma cronologia não-exaustiva da emergência de conteúdos telejornalísticos sobre imigração em França pode ser traçada começando em Março de 1960 (Mills-Affif, 2004:11). Em plena Guerra da Argélia, surgiria a primeira reportagem televisiva sobre as condições de vida de uma família argelina residente nos subúrbios parisienses. Nos anos seguintes, diversas reportagens análogas se multiplicariam, centrando-se na dimensão social do *drama* da crise do acesso a alojamentos por parte de populações oriundas de contextos migratórios. Nestas representações, o foco é colocado na precariedade das residências destas pessoas, e na dificuldade das mesmas em obter condições dignas de moradia. O exemplo dos imigrantes argelinos torna-se central, ao longo dessa década, para ilustrar estes propósitos no *mediascape* francês.

Em 1973, ocorre um ponto de viragem na forma como as representações são concebidas; o foco das reportagens deixa de ser os problemas que a sociedade impõe aos

³⁹ *Ibidem*.

imigrantes – tais como dificuldade em ter acesso a alojamento ou ao trabalho – e passa a concentrar-se “nos problemas que os imigrantes colocam às sociedades de acolhimento” (*Ibidem*). Efetivamente, as reportagens televisivas passam a focar-se em retratar a imigração como um fenómeno nocivo e que gera danos à sociedade francesa. Esta mudança deve-se, por um lado, à crise econômica que assola França após o choque petrolífero de 1973, que leva o jornalismo a focar-se em questões como desemprego, imigração, e uma alegada correlação entre estes dois fenómenos. Por outro lado, constatamos que a imagem tradicional do “trabalhador estrangeiro”, que reside em França vai-se diluindo e dando lugar à figura do “imigrante ilegal”. Assim, a partir da segunda metade da década de 1970, as temáticas da imigração adquirem um estatuto de “problema público” a ser tratado na ótica da produção jornalística, em concordância com a ótica das políticas públicas desse período (*Idem*: 14).

A partir de 1983 identifica-se também o surgimento nos *medias* da figura do “*beur de banlieue*”, jovem árabe que reside nos subúrbios, que substitui-se à imagem do “trabalhador estrangeiro dócil”, levantando questões sobre criminalidade e delinquência nos subúrbios dos espaços urbanos franceses (*Idem*: 11). O ano de 1986 representa igualmente um ponto de viragem para a representação da imigração em França. Por um lado, a privatização do canal TF1 rompe com a tradição do monopólio de canais públicos na televisão francesa. Por outro, trata-se do ano da implementação das *Lois Pasqua*⁴⁰, medidas legislativas que restringem o acesso a títulos de residência para estrangeiros em França (*Idem*: 8).

Em termos de formulações jornalísticas, pode-se constatar que durante muito tempo os imigrantes portugueses e espanhóis das “*banlieues*” chamavam a atenção do jornalismo televisivo e impresso francês. Porém, as imagens destas duas “categorias de imigrante” foram-se desgastando; principalmente após a consolidação da comunidade europeia, quando portugueses e espanhóis deixaram de ser contabilizados pela administração francesa como “imigrantes”. A partir desse período, apenas pessoas oriundas de países *extra-comunitários* passaram a possuir o estatuto jurídico de “imigrantes” outorgado pelo OFII (*Office Français de l’Immigration et de l’Intégration*). Embora um desenvolvimento aprofundado da questão não caiba nesta investigação, seria interessante pensar nos modos como a consolidação de uma “identidade europeia”

⁴⁰ As leis Pasqua-Debré foram três leis adotadas em 1986, 1993 e 1997 respectivamente, visando a regulação dos fluxos migratórios em França.

influenciou a produção de discursos sobre “imigração” e “alteridade” no *mediascape* francês.

Nesses termos, a imagem do imigrante delinquente árabe – ou “*beur*” – não-europeu começa a ser altamente disseminada nos meios de comunicação franceses, reforçando estereótipos sobre criminalidade nos espaços das “*banlieues*”, como demonstra Berthaut (2012). Revela-se paradoxal nestas representações que muitos dos jovens retratados como “estrangeiros” são, na realidade, cidadãos franceses. A confusão entre “imigrantes” e “filhos de imigrantes” nascidos e crescidos em França dissemina-se em diversas reportagens de telejornal, e dá lugar a contradições discursivas (Mills-Affif, 2004: 11).

Por outro lado, uma alteração incontornável terá ocorrido no final da década de 1990 na representação da figura do imigrante nos medias franceses. Através de um *corpus* de reportagens também formulado a partir da base de dados do INA, Rosello (1998) argumenta que houve uma mudança significativa na construção da “alteridade” e da “ilegalidade” em França após a ocupação da igreja de Saint-Bernard, em 1996⁴¹. O argumento central seria que de um ponto de vista semiótico e político, o evento intitulado “*affaire des sans-papiers de St. Bernard*” representaria um ponto de viragem nas construções de “alteridade” e de “ilegalidade” em França. Convenções e arquétipos de representação sobre a imigração teriam sido desafiados e reformulados após a cobertura jornalística deste evento. (Rosello, 1988: 139)

Em primeiro lugar, a autora argumenta que durante a cobertura deste fenómeno social os *medias* atribuíram *back-stories* às pessoas envolvidas. Ao incluir retratos personalizados destas pessoas, as representações das mesmas teriam sido humanizadas e o público francês teria sido sensibilizado perante fenómenos como a implementação das controversas *Lois Pasqua- Debré* (Rosello, 1998: 140-141). A captura e circulação de imagens de pessoas enfraquecidas pela greve de fome da qual participavam ocorreu de forma afluente. Consequentemente, a silueta de um homem africano enrolado num saco-de-cama azul tornou-se o símbolo dos “*sans-papiers*” (*Idem*: 142). A importância da cobertura jornalística deste evento estaria igualmente ligada ao facto de que as imagens

⁴¹ Nessa data, cerca de 300 homens, mulheres e crianças teriam acampado no interior da igreja de modo a reivindicar a regularização das suas situações através da obtenção de “papéis”. A mobilização teria sido uma tentativa de denunciar a precariedade à qual estes indivíduos estavam expostos.

difundidas sobre “*l’Affaire des Sans-Papiers de Saint Bernard*” se tornaram um ponto de referência a partir do qual radiavam outras imagens (*Idem*: 142).

Para finalizar, ao pensarmos na problemática da representação de um “imigrante ilegal” é incontornável recordar duas questões: a primeira é que o estatuto não passa, efetivamente, de uma atribuição jurídica. Não existindo um “tipo” de pessoas que corresponda à imagem de um “imigrante ilegal” – a menos que fosse visível, na imagem, a documentação (ou falta de documentação) jurídica da qual emana esse estatuto – a tentativa de representar um imigrante ilegal encerra em si mesmo um paradoxo:

“(…) An illegal alien looks exactly like a legal alien or, for that matter, a citizen. Like any abstract concept, illegality is, by definition, *unrepresentable* through exclusively visual means. (...) How does [TV and media], a medium that privileges images respond to the difficulty of having to generate so many images of what seems to be an *unrepresentable* object?” (Rosello, 1998: 139)

Os mecanismos de representação de “imigrantes ilegais” ou de “refugiados” revelam-se assim fruto de escolhas determinadas – a nível visual, estético, político, social e cultural – por parte dos veículos difusores de informação. Além disso, conforme argumenta W. J. T. Michell (2010), a circulação de imagens que retratam imigrantes contém a singularidade de traçar uma analogia entre forma e conteúdo. Assim como os indivíduos, as imagens *migram*; e, na contemporaneidade, fazem-no a uma velocidade muito maior do que é possível para um corpo humano. Desse modo, as representações dos migrantes os precedem – migram ao país de acolhimento a um passo muito mais elevado do que é viável para o deslocamento de pessoas (W.J. T. Mitchell, 2010:13).

III. O Centro Humanitário de Paris-Nord: uma estrutura temporária

No site da câmara municipal de Paris é referido que desde 2015 França é “atravessada por fluxos migratórios de uma amplitude inédita”.⁴² Ao longo desse período, cerca de 20.000 pessoas teriam sido acolhidas pelo estado francês, pela cidade de Paris e por associações humanitárias. Porém, estas medidas não foram suficientes para abrigar todas as pessoas que chegavam à cidade, e acampamentos de rua surgiram nos 10º e 19º

⁴² Este dado foi recolhido no site oficial da cidade de Paris: <https://goo.gl/QBCg6y> (consultado no dia 06.09.2017).

arrondissements. Para responder a este fenómeno, Anne Hidalgo tomou a decisão de inaugurar uma estrutura de acolhimento de emergência: o “Centro Humanitário de *Paris-Nord*”. Um antigo espaço da SNCF, situado às margens da rodoviária (do “*périphérique*”), na fronteira da cidade, foi escolhido como local de instalação do projeto. Esse território acolheria o centro por 18 meses já que, posteriormente, o terreno seria utilizado para sediar um novo edifício da Université Sorbonne⁴³.

No local, um arquiteto especializado em estruturas “temporárias” refere que o projeto será constituído por “pequenas casas em madeira, campo de futebol e *containers*”⁴⁴. Destaca-se, assim, o carácter “modular” das instalações, já que a utilização de *containers* remete para o aspecto transitório do transporte de materiais e do acolhimento das pessoas no local. O jornalista descreve o espaço como “uma mini-cidade que acolherá 400 refugiados a partir de meados do mês de Outubro”. Podem-se estabelecer analogias entre a estrutura arquitetónica *temporária* do centro e a *transitoriedade* intrínseca ao estatuto de refugiado. Como refere Michel Agier (2002) o carácter temporário de dispositivos de acolhimento humanitário torna estes locais análogos a prisões e a campos de concentração. São estruturas que não são perenes e encerram um vácuo relacional e identitário: um *non-lieu* nos termos de Marc Augé (1992). Por outro lado, são locais nos quais se instalam as pessoas exteriores à comunidade, figuras “não-desejadas” pelo grupo. Estes espaços representam uma espécie de limbo “espacial” e “identitário”, já que é negada às pessoas que residem nessas estruturas uma identidade complexa e multifacetada.

Em termos de infraestrutura, o CHPN é constituído por três espaços principais: em primeiro lugar, a “bolha” (*la “bulle”*), uma estrutura insuflável, aberta a todas as pessoas que buscam acolhimento durante o dia – homens, mulheres e crianças – de qualquer nacionalidade, com ou sem o estatuto de refugiado, seguindo a lógica dos “primeiros a chegar, primeiros servidos” (“*premiers arrivés, premiers servis*”). Ao longo das minhas idas ao CHPN, foram-me relatadas histórias de pessoas que esperavam nas filas por períodos extensos, de modo a garantir o acesso à “bolha” antes que a mesma se

⁴³ Esta informação pode ser verificada, entre outras fontes, no artigo “Le centre pour migrants ouvre ses portes à Paris”, publicado por Le Monde no dia 10.11.2016: <https://goo.gl/1YTZ6j> (Consultado no dia 06.09.2017).

⁴⁴ O artigo no qual o arquiteto Julien Bellier explica o desenho do projeto do Centro Humanitário de *Paris-Nord* pode ser consultado no link seguinte: <https://goo.gl/PRsALH> (Consultado no dia 06.09.2017)

visse saturada. A “bolha” é gerida exclusivamente pela associação *Emmaüs-Solidarité*⁴⁵. Durante os meses de inverno, pude observar que a disputa por ter acesso à estrutura era mais acirrada. No interior deste espaço havia aquecedores, café e chá, que permitiam que as pessoas ficassem ao abrigo. Dentro da “bolha” existia um local que representava uma “sala de convivência”, que se encontrava sempre cheia durante este período. A partir de Junho de 2017, quando a temperatura em Paris começou a incrementar, o espaço esvaziou-se notoriamente. Em paralelo, alterações foram empreendidas para adaptar-se à mudança climática. Os aquecedores foram substituídos por jatos de água para refrescar as pessoas que se encontravam no seu interior. Tanto os trabalhadores assalariados de *Emmaüs-Solidarité* quanto os voluntários e os residentes do CHPN exteriorizavam regularmente o seu descontentamento perante o calor intenso dentro da “bolha” durante os meses de verão.

O segundo local de destaque é o posto de saúde (“*pôle santé*”), gerido pelas associações *Samusocial*⁴⁶ e *Médecins du Monde* (MdM)⁴⁷. O bom-funcionamento deste dispositivo é de extrema importância, já que muitos residentes dormiram nas ruas por períodos prolongados antes de ingressar no CHPN e necessitam de cuidados médicos. Durante as minhas primeiras idas ao centro, era muito comum que a minha função consistisse em acompanhar pessoas no trajeto desde a estrutura da “bolha” até o “posto de saúde”, ou em situações mais graves, a hospitais nos arredores do bairro. O terceiro espaço relevante é o “alojamento”, constituído por um salão (“*une halle*”) de 10.000 metros quadrados, com dois andares, e um espaço exterior de 4.000 metros quadrados. Este seria o local onde os “homens isolados” poderiam dormir, ter acesso a três refeições por dia, receber e lavar roupas na loja/lavanderia (“*magasin/laverie*”) e realizar atividades como fazer desporto no terreno de futebol, jogar *babyfoot* ou *cricket*.

⁴⁵ *Emmaüs-Solidarité* é um ramo da ONG *Emmaüs-International* que acolhe, aloja e apoia todos os dias 4.000 pessoas e famílias em grande dificuldade social através de 85 serviços ou atividades em Paris. Foi a organização escolhida pela câmara municipal de Paris para gerir o Centro Humanitário de *Paris-Nord* (Consultado em: <https://goo.gl/CbBz56> no dia 02.09.2017).

⁴⁶ Segundo a rubrica “Qu’est-ce que le *Samusocial*?” trata-se de uma ONG que provém uma “abordagem profissional à luta contra a grande exclusão”. Embora tenha iniciado as suas atividades em Paris, alargou-se para todo o território francês e, posteriormente, para outros países através do *Samusocial International*. (Consultado em: <https://goo.gl/7hgLxQ> no dia 10.09.2017).

⁴⁷ No site de *Médecins du Monde*, a associação é definida como “um movimento internacional independente de militantes ativos que se importam, testemunham e acompanham mudanças sociais. Com base em nossos 355 programas médicos inovadores e advocacia baseada em evidências, estamos capacitando as pessoas excluídas e suas comunidades a acessar a saúde enquanto lutam pelo acesso universal aos cuidados”. (Consultado em: <https://goo.gl/BTMfvZ> no dia 10.09.2017)

Segundo as minhas observações enquanto voluntária, os *restaurants do alojamento* constituíam locais fundamentais de interação entre as pessoas que residiam no centro. Isto ocorria não apenas por se tratar de um local de convívio, já que era o espaço no qual os residentes se reuniam para partilhar refeições ou ver jogos de futebol, mas também porque se tratava de um local compartilhado com os funcionários de *Emmaüs-Solidarité*. Durante as minhas visitas, em diversas ocasiões participei na distribuição de refeições aos residentes – geralmente entre o meio-dia e as duas da tarde – e procedi a almoçar em conjunto com residentes, assalariados e voluntários. Finalmente, é importante referir que à entrada do CHPN, as filas de espera foram uma fonte recorrente de muita tensão.

Vários conteúdos jornalísticos foram produzidos sobre os conflitos que surgiam às margens do centro, com acampamentos instalando-se aos arredores da entrada principal. Funcionários de *Emmaüs-Solidarité* corroboraram estas informações ao longo das minhas idas ao CHPN. Em diversas ocasiões, o acolhimento foi significativamente reduzido ou até inteiramente encerrado devido a conflitos exacerbados nas filas de espera. É nesse sentido que consideramos a imagética dos centros de refugiados como espaços de controlo e de cuidado, onde conforme refere Liisa Malkki são exercidas as “tecnologias do poder” que procuram a “gestão dos deslocamentos em massa” (Santinho, 2016:32).

Capítulo IV. A formulação das representações do Centro Humanitário de Paris-Nord nos telejornais

Nous sommes, nous tous, des corps : de quoi nous réchauffer les uns les autres. La réalité, elle, a de plus en plus cette gueule de petit écran.

- Éliseo Véron (1983:118)

I. O formato do Journal Télévisé (JT)

Coloumb-Gully enfatiza, em relação ao formato do telejornal (*“journal télévisé”* - *JT*), que o mesmo delimitou as suas características em oposição a outros géneros de programas televisivos, e também com relação a outros tipos de discursos de informação – tais como o jornalismo impresso ou a rádio. Segundo a autora, o contrato dos discursos de informação seria fundado, em primeiro lugar, num “imperativo de credibilidade” (Coloumb-Gully 2002: 107). Nesse sentido, a scenografia do JT reforçaria a preocupação de criar representações “verossímeis”: a “obsessão referencial”, a função do “direto”, a precaução dos jornalistas e dos repórteres no terreno. Além disso, os esforços de exaustividade, neutralidade e pluralidade de pontos de vista contribuiriam para organizar o discurso do telejornal em torno de um “imaginário da verdade” (*Idem*: 107).

Por outro lado, os telejornais devem ser produzidos conforme as normas discursivas próprias aos *medias* televisivos, nomeadamente o “princípio de captação” (*Ibidem*). Este mecanismo implica, entre outras coisas, a eficácia da transmissão de informação, a presença de um apresentador “vedeta” e a *mise-en-scène* do contacto visual. A configuração em que o apresentador olha diretamente para a câmara, simulando “olhar nos olhos” do espectador – num mecanismo que chamaremos de “eixo Y-Y” – a singularidade da enunciação, os mecanismos de construção de narrativas sob ângulos determinados (*“mise en intrigue de l’information”*), a dramaturgia e o suspense, contribuiriam para a teatralização do formato do JT (*Ibidem*).

Quando nos referimos à *mise-en-scène* das peças de telejornal concebemos a forma como diversos mecanismos audiovisuais e discursivos são articulados para cumprir com o “contrato” do discurso de informação. Consideramos que a maioria de peças que constitui o nosso *corpus* pertence ao género “telejornal; reportagem” (*“journal télévisé; reportage”*) podemos focar-nos, por um lado, na scenografia do *plateau*; no momento

onde o apresentador se dirige à audiência a partir do estúdio e, por outro, na *mise-en-scène* da reportagem.

Entre os diversos mecanismos que caracterizam o formato telejornalístico, destaca-se o *eixo Y-Y* e a importância do dispositivo do olhar. O antropólogo, semiólogo e sociólogo argentino Éliese Verón explicita a importância desse processo como característica central do formato do JT. Segundo o autor, nos anos 1960 o telejornalismo francês – que era marcado pela predominância do “jornalismo de terreno”, centralizado em reportagens e captura de imagens – passa a privilegiar o “jornalismo de estúdio”, focando-se em comentários e reflexões sobre os acontecimentos no *plateau*. Após a eclosão da ORTF em 1974, e no fim da década de 80, o JT francês começa a incorporar a “personalização da informação”, através da emergência de apresentadores “vedetas”. Assim, Verón refere que “o JT escolheu constituir-se à volta desta operação fundamental, que se tornou uma das marcas do género, como um indício da sua pertença ao « regime do real »: [o estabelecimento de um eixo olhos-nos-olhos-do-espectador]”. (Verón, 1983:103-104).

Se em programas fictícios o olhar das personagens mantém-se numa esfera apartada do telespectador, o telejornal apropria-se do dispositivo do “olhar nos olhos” para legitimar-se enquanto fonte de informação. Este não é o caso para todo tipo de formato audiovisual que busque atingir credibilidade; diversos documentários legitimam a sua verossimilhança sem ter de recorrer à formulação do *eixo Y-Y*. Em séries televisivas ou em filmes de ficção, se uma personagem olhar abruptamente para a câmara gera-se uma ruptura; o contrato entre telespectador e personagem é transgredido. Ora, no formato telejornalístico, a centralidade deste dispositivo é incontornável. Efetivamente, Verón refere que devido à sua posição central, o *eixo Y-Y* consegue contaminar a estética das peças: os momentos em que as imagens da reportagem invadem a totalidade do pequeno ecrã, apagando o *plateau*, são os momentos onde o apresentador “não está a olhar para o telespectador” (*Idem*, 1983: 104). A alternância entre momentos em que o apresentador do telejornal se dirige diretamente à audiência, confiando-lhe informações relevantes, e os momentos em que o *eixo Y-Y* se apaga para dar margem ao surgimento de imagens da “reportagem” constitui um ponto central do discurso telejornalístico. Desse modo, o *eixo Y-Y* constituiria uma prova da ancoragem do discurso telejornalístico na atualidade (Verón, 1983:9)

II. A construção de representações do Centro Humanitário de Paris-Nord

2.1 O conceito de “representação”

Esta dissertação propõe analisar um *corpus* de peças telejornalísticas referentes à abertura do Centro Humanitário de *Paris-Nord*. Nesses termos, o conceito de “representação” surge como crucial para o desenvolvimento da investigação. Parece-nos pertinente, nesses termos, partir da premissa de que “representar” uma entidade equivale a produzir “significados” sobre a mesma com base em símbolos veiculados e organizados na “linguagem” (Hall, 1997:28). Os símbolos referidos são de naturezas múltiplas, podendo equivaler a sons, palavras escritas, imagens produzidas eletronicamente, notas musicais ou objetos (*Idem*: 1).

Em relação à leitura da forma como estes mecanismos trabalham, Hall distingue duas visões: a abordagem “semiótica” e a abordagem “discursiva”. Segundo o autor, a abordagem semiótica viria associada à “poética” do conteúdo. O foco seria colocado na tentativa de compreender *como* – e através de *que* mecanismos – a linguagem operaria como um “sistema de representação” (*Idem*: 1). A abordagem discursiva, por sua vez, demonstraria interesse pelos efeitos e pelas consequências sócio-políticas de determinados tipos de representações, inspirando-se em premissas foucaltianas sobre práticas de biopoder (*Idem*: 15). As formulações discursivas seriam responsáveis por determinar “quais elementos seriam – e quais não seriam – apropriados nas formulações e nas práticas relativas a um tema específico (...) que conhecimentos seriam considerados úteis, relevantes e “verídicos” (...) e que tipos de “sujeitos” encarnariam as características [do fenómeno, do tema ou do evento].” (*Idem*: 6).

O discurso jornalístico exerce precisamente a função de determinar que categorias de informações devem ser consideradas relevantes em relação a uma temática específica, tendo por base os conceitos de “autenticidade” e “verossimilhança” dos factos apresentados, que devem corresponder aos critérios de “valor-notícia” pré-estabelecidos pela redação do jornal. Os imperativos de “concisão” e de “clareza” (Berthaut, 2012: 367) seriam estruturantes na elaboração das reportagens, que se veriam limitadas tanto de um ponto de vista temporal quanto semântico (*Idem*: 368-369). Desse modo, para Berthaut :

“La brièveté des formats (audiovisuels ou écrits) fait de la “concision” la consigne sans doute la plus rappelée dans les rédactions. (...) L’exigence de la “clarté” est un autre impératif de mise en forme qui s’applique indifféremment aux médias analysés. (...) La “concision” des formats ne permet en effet guère au reporter de se lancer dans un exposé multipliant les nuances et les sources d’explication” (Berthaut, 2012 : 368-369).

As reportagens telejornalísticas ver-se-iam, desse modo, constrangidas a negligenciar nuances, criando representações simplificadas a partir de formulações *concisas e claras*. Os significados produzidos e disseminados pelos *mass medias* estariam atrelados aos imperativos deontológicos do discurso de informação jornalística. Por outro lado, estes significados circulariam no interior do grupo de modo a variar no *tempo* e no *espaço*. Amireault refere que as representações formuladas pela coletividade estão em constante mutação, já que os valores, as normas e as crenças não são estanque (Amireault, 2007 :36). A formulação de significados seria fruto da comunicação entre os diversos membros da coletividade através de cooperação e de embate entre em processos interativos (*Idem*: 36).

Assim, as representações nasceriam, ganhariam vida, circulariam, fusionar-se-iam, apagar-se-iam e levariam à criação de outras representações (*Idem*: 36-37). As mesmas teriam como função central “interpretar a realidade”, ao tempo que estabelecem com ela relações simbólicas. Através desses dois mecanismos, empreenderiam um “recorte” e uma “remodelação” da realidade social. Por outro lado, através do estabelecimento de relações simbólicas com a realidade, as representações sociais exerceriam a função de mediação entre o indivíduo, o grupo, e o ambiente no qual ambos se inserem (*Ibidem*).

Nesses termos, antes de analisar as representações veiculadas pelos *mass medias* nos telejornais, pareceu-nos relevante inserir uma vinheta etnográfica a partir da qual poderemos extrair algumas considerações. No dia 17 de Maio de 2017, assisti a uma iniciativa que pretendia integrar os refugiados do CHPN à vizinhança de *Porte de la Chapelle* através da organização de jogos de *cricket*. Efetivamente, muitos dos requerentes de asilo albergados no centro são de origem afegã; ora, o *cricket* é um desporto extremamente popular no Afeganistão, e uma atividade com dimensões sociais, culturais e políticas significativas. Nessa quarta-feira à tarde, após ter efetuado o meu turno de voluntariado no CHPN, dirigimo-nos todos – voluntários, assalariados, requerentes de asilo – ao *Centre Sportif des Poissoniers*, no 18^o *arrondissement*, de modo

a formar equipas e jogar *cricket*. O evento contava com a presença da Federação Francesa de Cricket (“*Fédération Française de Cricket*”) e o presidente da junta de freguesia do 18º arrondissement (*maire du 18ème arrondissement*), Éric Lejoindre. A presença de jovens que efetuavam programas de *serviço comunitário* patrocinados pela cidade de Paris, envolvendo-se no voluntariado do Centro Humanitário de *Paris-Nord* foi igualmente emblemática.

No início do evento, três discursos políticos inauguraram as atividades: em primeiro lugar, o presidente da freguesia do 18º *arrondissement*, senhor Lejoindre, dirigiu-se ao público para anunciar que era com grande alegria que assistiria ao modo como, através do desporto, os requentes de asilo poderiam se sentir mais “integrados” à comunidade do 18º *arrondissement*. O seu discurso atribuiu legitimidade ao evento como uma iniciativa de carácter *político* que visava a “integração” dos refugiados na comunidade local. Do mesmo modo, Aurélie El-Hassak Marzoti reiterou que *Emmaüs-Solidarité* estaria sempre a tentar promover este tipo de iniciativas, de modo a que o espaço do centro pudesse ser integrado nas dinâmicas do bairro. O CHPN cumpriria assim a função de estabelecer uma “ponte” entre os requerentes de asilo e a comunidade de Porte de la Chapelle. Em último lugar, um requerente de asilo que já residia em França há muito tempo, membro da Federação Francesa de Cricket, contou um pouco sobre a sua experiência; era oriundo do Afeganistão e tinha sido através da prática do *cricket* que tinha encontrado um “lar” em França (através do estabelecimento de redes de contactos, proporcionando sentimentos de “superação”, “integração”, “contribuição” para o grupo).

Enquanto os representantes discursavam, funcionários da junta de freguesia do 18º *arrondissement* fotografavam e filmavam o evento. Após o encerramento, todos os requerentes de asilo se uniram aos membros da Federação Francesa de Cricket para tirar uma fotografia emblemática; os fotógrafos registraram a reunião de todos os elementos supracitados, e eu própria pude fazê-lo com a câmara do meu telemóvel (*Anexo D*). Ao capturar o momento, ocorreu-me que estava a presenciar uma inversão de paradigma: se habitualmente tirar fotos dos requerentes de asilo poderia parecer “desrespeitoso” considerando a minha condição de voluntária, neste momento a ausência de respeito teria emanado do fato de não registrar a cerimónia. Os dados recolhidos ao longo deste evento parece-nos relevante na medida em que demonstra como, paralelamente às representações elaboradas pelos *mass medias*, “práticas mediáticas” paralelas (Postill, 2010) que pretendiam negociar uma “imagem” da estrutura de acolhimento (ilustrando-a como um

dispositivo que promove a “integração” dos refugiados) foram articuladas em diferentes escalas.

2.2 As peças do *corpus*

À posteriori iremos proceder à análise das dez peças que constituem o nosso *corpus*. Em primeiro lugar, estabeleceremos marcos cronológicos para compreender a produção de discursos sobre a inauguração do CHPN em quatro momentos distintos. Posteriormente, a partir das ferramentas da Análise Crítica do Discurso analisaremos os mecanismos discursivos estruturantes destas peças telejornalísticas.

Quadro 1.3

Referências cronológicas das peças do corpus

Data de transmissão no telejornal	Acontecimento
31.05.2016	Anne Hidalgo, presidente da câmara municipal de Paris, anuncia a criação do Centro Humanitário de <i>Paris-Nord</i> .
06.09.2016	A presidente da câmara revela que o local de instalação do CHPN será o bairro de Porte de la Chapelle e a inauguração estará prevista para o mês de outubro de 2016.
10.11.2016	Abertura oficial do Centro Humanitário de <i>Paris-Nord</i> .
31.12.2016	Último dia do ano de 2016, momento em que se efetua o balanço do ano transato.

Como podemos constatar, cada um dos quatro momentos apresentados no *Quadro 1.3* é dotado de simbologias específicas. A primeira data (31.05.2016), representa o primeiro momento em que o projeto de construção de um centro de acolhimento em Paris é apresentado publicamente pela câmara municipal de Paris. Nesta altura, os detalhes sobre a data e o local onde o centro será implementado não são divulgados.

A segunda data, 06.09.2016, representa o dia em que Anne Hidalgo revela de forma mais clara os pormenores do projeto de construção do CHPN. Este anúncio permite que a produção de reportagens se centre nos factos que foram apresentados pela câmara Municipal: o local escolhido ter sido o bairro de Porte de la Chapelle e a data de abertura ter sido fixada para Outubro.

A terceira data representa o dia da abertura oficial do CHPN, leia-se 10.11.2016. Neste período, as peças têm a possibilidade de apresentar com maior precisão os pormenores do funcionamento do centro. Os repórteres e jornalistas têm acesso ao interior da estrutura de acolhimento, que já se encontra de pé. Por outro lado, devido à peça ser transmitida no mês de Novembro, as referências ao frio ao qual os migrantes terão de fazer face durante o inverno começam a surgir.

A quarta data, 31.12.2016, constitui o último dia do nosso recorte temporal, coincidindo com o último dia do ano. Como referido anteriormente, a determinação deste marcador deveu-se, em parte, ao final do ano representar um período em que se multiplicam os atos de solidariedade em relação ao “outro”, em que a figura da “família” ganha destaque, e onde se efetua um balanço do ano transacto. Tendo em conta o peso destes fatores sobre o discurso mediático, pareceu-nos relevante observar como a questão de um centro de acolhimento para refugiados se enquadraria nestas narrativas. Com base nas ferramentas estipuladas previamente no âmbito da Análise Crítica do Discurso (ACD) e fazendo recurso a conceitos de análise imagética, iremos analisar os conteúdos do *corpus* de análise (*Quadro 1.1*) na secção seguinte.

Peça 1 : “Plateau brève: Anne Hidalgo annonce la création d’un camp de réfugiés à Paris” e 1.1 : “Plateau invité : Florian Philippot”

(Canal+)

O primeiro documento é dotado de características particulares, destacando-se dos demais elementos do *corpus*. Em primeiro lugar, trata-se do único constituído por duas peças: “Plateau brève: Anne Hidalgo annonce la création d’un camp de réfugiés à Paris” e “Plateau invité: Florian Philippot”. A escolha de considerar estas duas peças como uma unidade deve-se ao facto de não identificarmos uma transição formal – dos pontos de vista discursivo e audiovisual – entre as duas partes do telejornal. Acrescenta-se, por outro lado, a necessidade de analisar o modo como se constrói a figura do “convidado”

no telejornal francês, de modo a examinar o carácter polifónico do discurso de informação (Perbost, 2012:60). Através deste estudo de caso, podemos examinar a forma como é representada a participação de Florian Philippot – vice-presidente do Front National⁴⁸ – nesta transmissão do “JT de Canal +” no dia do anúncio oficial da inauguração do Centro Humanitário de *Paris-Nord*, 31.05.2016.

Por outro lado, identificamos uma configuração singular no que diz respeito à *mise-en-scène* no plateau do telejornal. O telespectador visualiza dois apresentadores (Maïtena Birabeu e Victor Robert) ao invés de apenas um, como é costume no formato contemporâneo do JT francês. O facto da primeira parte do documento ser constituído por uma peça “breve” e não por uma “reportagem” implica, paralelamente, que esta seja a única peça do *corpus* que não envolve o deslocamento de uma equipa de filmagem ao local do acontecimento. Por esse motivo, a dimensão “visual” da peça revela-se limitada perante os demais elementos do *corpus*, já que as filmagens ocorrem majoritariamente no estúdio, com a presença de uma audiência.

No início da peça, surgem imagens de arquivo dos acampamentos de Jaurès e Stalingrad: visualizamos tendas nas calçadas e indivíduos filmados de costas e com os rostos cobertos (*Anexos B.8 e B.9*). Embora haja um comentário simultâneo ao fluxo de imagens, a maioria das intervenções têm lugar no *plateau*, ao contrário das demais reportagens que utilizam de forma proeminente o dispositivo do *voice-over*. A peça inicia com a introdução do tópico sobre o qual os apresentadores e o convidado irão debater. Os apresentadores revelam que a presidente da câmara de Paris, Anne Hidalgo, terá anunciado a inauguração de um “campo de humanitário de refugiados” na capital parisiense, como podemos observar através da transcrição que se segue (*Excerto (i)*)⁴⁹:

Excerto (i)

“[Maïtena Birabeu]: On a autre annonce de la journée, très commentée celle-là, celle de la Maire de Paris, c’était cet après-midi.

[Victor Robert]: Anne Hidalgo a annoncé tout à l’heure qu’elle compte créer un camp humanitaire de réfugiés à Paris. La mairie fait actuellement l’expertise de différents sites pour voir dans quel délai – « le plus tôt possible » a précisé la maire, « ce camp sera mis à disposition ».”

⁴⁸ O *Front National* (“Frente Nacional”) é um partido de extrema-direita francês fundado em 1972 que defende políticas proteccionistas, conservadoras e nacionalistas. As opiniões emitidas pela presidente do partido (Marine Le Pen) e pelo vice-presidente (Florian Philippot) são conhecidas por serem radicalmente contrárias às políticas que facilitem a entrada de pessoas imigrantes em território francês.

⁴⁹ *Tradução livre do excerto (i)*: [M.B]: Temos outro anúncio do dia, muito comentado. É da presidente da Câmara de Paris e foi anunciado esta tarde. [V.R]: Anne Hidalgo anunciou há pouco que conta criar um

Através da leitura deste excerto, identificamos três elementos de base para a construção da notícia jornalística. Num primeiro momento, a referência ao anúncio ser “muito comentado”, atribuindo-lhe relevância e legitimando a sua apresentação no telejornal. Em segundo lugar, a referência a uma figura de autoridade, a “presidente da câmara de Paris”, que contribui, paralelamente, para a legitimação do evento como notícia. Por último, a referência temporal “esta tarde”, que reveste o propósito de atualidade e lhe atribui “valor-notícia” (Traquina, 2002 *apud* Silvestre, 2011: 43).

Como referido anteriormente, esta peça telejornalística caracteriza-se pela presença de um “convidado” que participa da rubrica “Plateau Invité” no JT do Canal+. Juntamente com os dois apresentadores, Florian Philippot permanece no *plateau* ao longo da apresentação dos diversos tópicos, de modo a comentar as notícias apresentadas. Identificamos, desse modo, três participantes: Maïtena Birabeu e Victor Robert na condição de apresentadores e Florian Philippot, no estatuto de “convidado político” e comentador. É interessante observar que a presença de um terceiro indivíduo gera uma disrupção do *eixo Y-Y*; os apresentadores oscilam entre olhar nos olhos da câmara – quando se dirigem ao espectador – e olhar em direção ao convidado, quando lhe dirigem perguntas ou aguardam as suas réplicas. O convidado, por outro lado, não se dirige diretamente à audiência; o discurso é intermediado pelos apresentadores (Véron, 1993: 115).

Em paralelo, surgem participantes invisíveis (não-presenciais) na formulação destas representações. Através da interação entre apresentadores e convidado são invocadas personagens que, embora não se encontrem fisicamente no plateau, ganham vida no discurso através de citações e referências intertextuais. A primeira personagem referida

Excerto (ii)

“[Florian Philippot] : Oui, c’est ce que l’on a dit au départ à Calais. C’est ce que l’on a dit au départ à Calais puis on a vu ce que ça a donné. On a dit la même chose à Grande-Synthe et on a vu ce que ça a donné... La même chose maintenant à Paris... Je veux dire, Madame... Hidalgo, puisqu’elle s’entend si bien avec l’émir du Qatar, ferait mieux de lui demander – à son grand ami l’émir du Qatar – de bien vouloir accueillir des réfugiés et des migrants directement là-bas. (...) Donc qu’elle utilise ses relations magnifiques avec cette dictature islamiste et qu’elle fasse pression pour qu’ils soient plutôt accueillis et bien-traités d’ailleurs là-bas...”

campo humanitário de refugiados em Paris. A câmara municipal está a examinar diferentes locais para determinar qual será o prazo – “o mais cedo possível”, precisou a presidente da Câmara, “este campo será colocado à disposição”.

é, como mencionado anteriormente, Anne Hidalgo. Tanto os apresentadores quanto o convidado, Florian Philippot, fazem referências à presidente da câmara de Paris, seja ao citá-la diretamente ou ao referi-la indiretamente no discurso. Nesses termos, destacamos a seguinte intervenção do vice-presidente do Front National (*Excerto (ii)*)⁵⁰:

Iremos centrar-nos, neste parágrafo, no modo como esta intervenção reforça a construção da personagem de Anne Hidalgo. Identificamos que, neste enunciado, o retrato da presidente da câmara de Paris é formulado unicamente através de associações. Os segmentos “*puisqu’elle s’entend si bien avec l’émir du Qatar*”, “*son grand ami l’émir du Qatar*” cumprem a função de associar a presidente da câmara ao governante catariano. Estas menções servem o propósito de vinculá-la a uma figura que, à priori, não é familiar ao telespectador francês e que, por ser exterior *comunidade imaginada* francesa, adquire uma conotação negativa.

Através do uso de figuras estilísticas, constrói-se neste enunciado um discurso politicamente inflamado. O uso do adjetivo “magníficas” para qualificar as relações que a presidente da câmara de Paris teria com o estado do Catar reforça a ligação entre as duas entidades através do recurso a uma hipérbole. Por outro lado, o uso do termo “ditadura islâmica” cumpre a função discursiva e política de posicionar o enunciador contrariamente a esta entidade, tendo em conta as conotações pejorativas destes termos em parte do imaginário coletivo francês. Condena-se, por extensão, os demais elementos que se tenham associado a esta figura, inserindo subrepticamente a noção de que Anne Hidalgo seria “cúmplice” deste regime político autoritário. Ao comentar a abertura de uma estrutura de acolhimento a refugiados em Paris, o vice-presidente do Front National evoca posteriormente a figura do Dalai Lama. Após anunciar que se opõe à construção do Centro, que refere “transformará a cidade de Paris numa “selva” (“*jungle*”), como ocorreu nas estruturas de Calais e de Grande-Synthe, Philippot refere (*Excerto (iii)*)⁵¹:

⁵⁰ Tradução livre do excerto (ii): “[F.P]: Quer dizer, a senhora... Hidalgo, já que se dá tão bem com o emir do Catar, faria melhor em perguntar – ao seu grande amigo o emir do Catar – se poderia acolher os refugiados e os migrantes diretamente lá.”

⁵¹ Tradução livre do excerto (iii): “[F.P]: Estou um pouco de acordo com o Dalai Lama, está a ver... Ele fez uma declaração hoje, declarando que os migrantes, os refugiados, deveriam voltar às suas casas... Porque não é um presente que lhes damos, fazê-los atravessar o Mediterrâneo arriscando as próprias vidas. Há milhares de mortos todos os anos. Seria melhor reequilibrar a região lá, reconstruir Estados estáveis, seguros... Na Líbia... Nós os destruímos hein, Sarkozy os destruiu... No Iraque...”

Excerto (iii)

“[Florian Philippot] : Je suis un peu d’accord avec le Dalai Lama, vous voyez... Il a fait une déclaration aujourd’hui en déclarant qu’il fallait que les migrants, les réfugiés rentrent chez eux... Parce que ce n’est pas un cadeau qu’on leur fait de leur faire traverser la Méditerranée au risque de leurs vies. Il y a des milliers de morts chaque année. Il vaudrait mieux rééquilibrer la région là-bas, rebâtir des États stables, sûrs... En Lybie... On les a détruits hein, Sarkozy l’a détruit... En Irak...”

A partir desta intervenção identificamos três mecanismos discursivos principais. Em primeiro lugar, a evocação de uma figura carismática da envergadura do Dalai Lama, líder espiritual tibetano, de modo a conferir “legitimidade” ao seu discurso politicamente cético ao acolhimento de refugiados. Em segundo lugar, identificamos o uso dos termos “migrantes” e “refugiados” de forma alternada, sem que se delimite uma distinção entre ambos. Ao associar estes dois estatutos sem apreender as particularidades de cada um, enfatiza-se a ideia de que os “migrantes” como categoria geral – incluindo indivíduos que residem em França de forma permanente – estariam apenas temporariamente no território e que, nos termos do político frontista, deveriam “voltar às suas casas” (embora, para muitos, as suas “casas” estejam estabelecidas no território francês). Por outro lado, o enunciador não atribui importância às especificidades inerentes ao estatuto de refugiado, nomeadamente o facto de serem indivíduos que segundo a Convenção de Genebra (1951) se encontram impossibilitados de regressar aos países de suas nacionalidades. Posteriormente, na conclusão da sua intervenção, Florian Philippot evoca o ex-presidente francês Nicolas Sarkozy.

Nesses termos, todo o discurso do convidado sobre a inauguração do centro de *Paris-Nord* é erguido a partir de associações a personagens e a eventos exteriores. Ao longo da intervenção, o enunciador começa por referir-se às estruturas de Calais e de Grande-Synthe, argumentando que a inauguração de uma iniciativa humanitária irá inexoravelmente transformar Paris numa “selva” (“*jungle*”). Posteriormente, o convidado refere-se a países do golfo árabe – Arábia Saudita e Catar – traçando uma representação da presidente da câmara que consiste em vinculá-la a referências exteriores à *comunidade imaginada* francesa, retratando-a como “cúmplice” de regimes ditatoriais. Para finalizar, Philippot refere as ações de países ocidentais nos processos políticos da Primavera Árabe, responsabilizando Nicolas Sarkozy pela destruição gerada durante as intervenções militares da NATO. Os comentários acerca da inauguração do centro são

sistematicamente erguidos com base em referências exteriores, sem referir-se diretamente ao projeto, à sua formulação ou a sua implementação. O convidado utiliza a digressão como estratégia discursiva, o que “implica a substituição de um domínio de relevâncias (tópico discursivo, ou seja, assunto da atividade textual) por outro domínio diferente que suspende momentaneamente aquele domínio anterior, colocando-o à margem da percepção, enquanto o novo tópico discursivo assume posição focal” (Andrade, 1993:2).

Importa enfatizar que as referências do convidado ao Catar não são aleatórias. Trata-se de uma referência ao fato de que o vice-presidente do Front National, Florian Philippot, é alvo de um processo jurídico emitido pelo Estado do Cárar, que o acusa de calúnia e difamação por afirmar que o país financia grupos islamistas⁵². Verificamos, nesse sentido, a importância de ter em conta o *contexto* de comunicação, na medida em que a enunciação – e o próprio enunciador – são condicionados por fatores de ordem social, cultural, política e ideológica. As representações formuladas no discurso do convidado ecoam, nesse sentido, na sua posição enquanto ator político e pessoa jurídica. Assim, é importante constatar que a construção da figura de “convidado” do plateau neste telejornal é erguido através de processos interativos. Ao longo da peça, ambos jornalistas interagem com o vice-presidente da Frente Nacional, confrontando-o e colocando em causa as suas afirmações. Efetivamente, a escolha de entrevistar o vice-presidente do Front National (FN) contém um propósito. O contexto pré-eleitoral do ano de 2016 traz à tona o debate sobre as migrações e o acolhimento de refugiados. Tendo em conta o discurso inflamado que o partido de Philippot utilizou para construir a sua retórica anti-imigração, a escolha do mesmo para participar no telejornal de *Canal+* cumpre o objetivo de abordar o tema sensível do acolhimento de refugiados em França, ao mesmo tempo que legitima o telejornal como uma fonte de informação vinculada na atualidade.

Peça 2 : “Paris: bientôt un camp de réfugiés”

(France 2)

A segunda peça do nosso *corpus* intitula-se “Paris: bientôt un camp de réfugiés”, e foi transmitida pelo canal France 2 no dia 31.05.2016. Por se tratar do primeiro anúncio oficial a esta estrutura de acolhimento, as plataformas de comunicação não dispunham de

⁵² Segundo diversas fontes de informação – entre as quais o jornal Le Monde – no dia 9 de Março de 2015 o estado do Catar apresentou um processo contra Florian Philippot por “difamação”, devido às afirmações do vice-presidente do FN de que o país estaria a financiar grupos islâmicos radicais (consultado em: <https://goo.gl/pH58ic> no dia 01.09.2017).

informações pormenorizadas acerca do projeto no momento da elaboração desta reportagem. Em primeiro lugar, identificamos que o título da reportagem “Paris: bientôt

Excerto (iv)

“[David Pujadas] : Dans l’actualité également l’annonce surprise d’Anne Hidalgo : Paris va accueillir un camp de réfugiés, il ouvrira dans les semaines qui viennent pour plusieurs centaines de migrants”.

un camp de réfugiés” estabelece uma relação de equivalência entre o primeiro elemento (“a cidade de Paris”) e o segundo (“um campo de refugiados”). Posteriormente, o advérbio “*bientôt*” (“em breve”) serve como indicador de temporalidade para implicar que, num futuro próximo, a cidade de “Paris” será o equivalente a um “campo de refugiados”. A modalidade desta formulação é assertiva, e contribuí para a hiperbolização do impacto que a implementação do centro terá a nível local. No início da reportagem, o apresentador David Pujadas anuncia (*Excerto (iv)*)⁵³:

A utilização do adjetivo “*surprise*” (“surpresa”) para qualificar o anúncio de Anne Hidalgo tem aqui uma conotação irónica, gerando uma crítica implícita à iniciativa (dando a entender que a decisão foi tomada “sem aviso prévio”). Posteriormente, a referência à abertura do centro “nas próximas semanas” é equivocada; é certo que no primeiro anúncio oficial houve uma imprecisão relativamente à fixação da data; porém, o centro só foi inaugurado no outono de 2016. Em nenhum momento se afirmou que o dispositivo estaria pronto “semanas” após o primeiro anúncio oficial. A imprecisão em relação à quantidade de pessoas que seriam acolhidas – devido à redação do telejornal não dispôr desse dado no momento da reportagem – também enfatiza o caráter especulatório das informações

Excerto (v)

“[V.O] : Des tentes blanches alignées au milieu du désert, comme au camp de Zaatari, en Jordanie. Ou des cabanes en bois, comme à Grande-Synthe, près de Dunkerque. Vera-t-on bientôt ce type d’installation à Paris ? C’est ce que souhaite la maire de la capitale, Anne Hidalgo. Un campement sur le modèle de celui de Grande-Synthe et capable d’accueillir plusieurs centaines de personnes. Le lieu d’installation n’a pas encore été arrêté, mais le futur camp devrait prendre place dans le Nord de Paris, autour des quartiers de la Chapelle et de la Gare du Nord”.

⁵³ Tradução livre do excerto (iv): “[David Pujadas]: “Também na atualidade, o anúncio *surpresa* de Anne Hidalgo: Paris vai acolher um campo de refugiados, ele será inaugurado nas próximas semanas para várias centenas de migrantes”

divulgadas nesta peça. No seguimento da reportagem, o dispositivo narrativo de *voice-over* propõe uma ilustração do centro: (*Excerto (v)*)⁵⁴:

A analogia com a imagem de um campo de refugiados de Zaatari, na Jordânia, cria um cenário amplificado do que será a implementação do centro de *Paris-Nord*⁵⁵. As imagens de tendas brancas que surgem no ecrã (*Anexos B.10 e B.11*) não correspondem à proposta veiculada pelos relatórios divulgados pela municipalidade⁵⁶. A menção à Jordânia, um local exterior à *comunidade imaginada* francesa, situado no sudoeste asiático, contribui para distanciar os telespectadores do projeto, através da evocação de figuras transnacionais (*Anexos B.12 e B.13*). A comparação com Dunquerque também surge como peculiar; em primeiro lugar, o número de pessoas no norte de França é consideravelmente superior ao número de pessoas que reside em Paris, já que esta região concentra indivíduos que pretendem cruzar o canal da Mancha para chegar ao Reino Unido. Em segundo lugar, as cabanas de madeira de Grande-Synthe não correspondem à proposta do Centro Humanitário de *Paris-Nord*. A reportagem faz recurso a analogias e hipérboles devido ao facto de não disporem de informações oficiais acerca da criação do centro; estas especulações levam à ampliação de um fenómeno que, retratado desta forma, contribui para gerar tensões nos receptores do conteúdo televisivo.

A formulação interrogativa “veremos em breve esse tipo de instalações em Paris?” (“*vera-t-on bientôt ce type d’installations à Paris ?*”) contribui, posteriormente, para enfatizar a aproximação discursiva entre o campo de refugiados de Zaatari e o que irá se instalar em Paris. “É o que deseja a presidente da câmara de Paris, Anne Hidalgo” (“*C’est ce que souhaite la maire de Paris, Anne Hidalgo*”), replica o próprio apresentador; a forma verbal “deseja” (“*souhaite*”) adquire aqui uma conotação negativa, na medida em que se afirma que Anne Hidalgo “deseja” que estas estruturas exóticas, alheias à

⁵⁴ Tradução livre do excerto (v): “[V.O]: Tendas brancas alinhadas no meio do deserto, como no campo de Zaatari, na Jordânia. Ou cabanas de madeira, como em Grande-Synthe, perto de Dunquerque. Veremos em breve esse tipo de instalações em Paris? É o que deseja a presidente da câmara da capital, Anne Hidalgo. Um acampamento no modelo de Grande-Synthe e capaz de acolher algumas centenas de migrantes. O local de instalação ainda não foi determinado, mas o futuro campo deveria ter lugar no norte de Paris. À volta dos bairros de La Chapelle e da Gare du Nord.

⁵⁵ O relatório disponibilizado por *Internews: Europe* em 2012 refere que o campo de Zaatari albergava mais de 30 000 refugiados sírios e se estendia num território de mais de 9km² nesta data (Consultado em: <https://goo.gl/SKqxXb> no dia 27.08.2017)

⁵⁶ Relatórios da câmara municipal de Paris (consultados em: <https://goo.gl/gUwSYM> e <https://goo.gl/CdJtKF> no dia 27.08.2017).

comunidade francesa, sejam implementadas no coração de Paris. As referências à estrutura como “*campement*” (“acampamento”) e “*camp*” (“campo”) reiteram a conotação pejorativa e o tom de oposição com o qual estas formulações se posicionam perante a inauguração do centro de acolhimento.

Embora não disponham de informações exatas sobre a localização em que o centro será implementado, a peça informa que será “no norte de Paris”, próximo aos bairros de “La Chapelle”⁵⁷ e da “Gare du Nord”. A referência à Gare du Nord parece-nos constituir, igualmente, uma tentativa de amplificar o impacto local da instalação do centro, na medida em que se trata de um local de referência pelo qual transitam muitos parisienses. No que diz respeito aos acampamentos de Jaurès e Stalingrad, ao invés de enfatizar que a abertura do CHPN pretende constituir uma resposta política perante os mesmos, a narrativa constrói-se a partir da associação entre as duas estruturas – os acampamentos precários e o centro humanitário – ao tempo que reforça a construção da ilegalidade destes indivíduos. Posteriormente, é entrevistado um deputado de oposição do partido *Les Républicains* (LR), contrário ao projeto, que cria analogias entre o dispositivo de acolhimento e “um bairro de lata” (“*un bidonville*”) (*Excerto (vi)*)⁵⁸:

Excerto (vi)

“[V.O] : Récemment la Mairie de Paris a fait évacuer plusieurs campements illégaux à Stalingrad ou dans ce lycée désaffecté du 19ème arrondissement. (...) Face à ces situations la Mairie de Paris a fait le choix de créer un camp de toutes pièces. Mais pour les députés d’opposition, le projet est voué à l’échec.

[Daniel Fasquelle – *Les Républicains*] : On va créer une espèce de Bidonville où règnera l’insécurité et que l’on devra dans l’intérêt même des migrants, d’ailleurs, par la suite, démanteler, donc c’est une erreur majeure. La solution n’est pas là.”

A ênfase no caráter “ilegal” dos acampamentos precários exerce uma função quase metonímica, servindo para atribuir “ilegalidade” às pessoas que se encontravam instaladas naqueles locais. Posteriormente, a afirmação de que “a câmara de Paris fez a

⁵⁷ Não confundir La Chapelle (estação de metro localizada na linha 2) com Porte de la Chapelle (estação de metro localizado na linha 12).

⁵⁸ *Tradução livre do excerto (vi)*: “[V.O] Recentemente a câmara municipal de Paris evacuou vários acampamentos ilegais em Stalingrad, ou nesta escola secundária em desuso do 19º *arrondissement*. Perante estas situações, a presidente da câmara de Paris fez a escolha de criar um campo a partir do zero. Mas para os deputados de oposição, o projeto está destinado ao fracasso. [Daniel Fasquelle – LR]: Vamos criar uma espécie de bairro de lata onde reinará a insegurança, e que deveremos posteriormente – no interesse dos próprios migrantes – desmantelar, portanto é um enorme erro. A solução não está nisso.”

escolha de criar um campo a partir do zero” (“*la Mairie de Paris a fait le choix de créer un camp de toutes les pièces*”) atesta da ausência de compromisso com diferenciar, por um lado, as estruturas precárias nas quais as pessoas se encontram instaladas nas ruas, dormindo em tendas e no meio da calçada, sem acesso a alimentação, cuidados de saúde e higiene mínima (*Anexo B.14*) e, por outro, um centro de acolhimento que pretende fornecer quartos, casas de banho, assistência médica e auxílio administrativo a estas pessoas.

A intervenção do deputado de oposição aproxima esta estrutura de acolhimento a um “bairro de lata onde reinará a insegurança”, referindo que “no interesse dos próprios migrantes, deveremos posteriormente desmantelar”. O uso do termo “desmantelar” (que se tornou recorrente durante as evacuações de Calais e nas ações policiais no norte de Paris) ao invés de “encerrar” demonstra que o próprio interveniente associa as instalações precárias de Jaurès e Stalingrad à estrutura oficial de acolhimento proposta por Anne Hidalgo. A menção do deputado ao “interesse dos migrantes” constitui, igualmente, um recurso estilístico que pretende atribuir legitimidade à sua intervenção.

Peça 3 : “PTE CHAPELLE / CAMP RÉFUGIÉS”

(France 3)

A terceira peça do *corpus* intitula-se “PTE CHAPELLE / CAMP RÉFUGIÉS”, transmitida pelo canal France 3 e apresentada pela jornalista Émilie Tran Nguyen no dia 06.09.2016. Nessa data, a presidente da câmara de Paris acrescentou aos dados anteriormente divulgados o nome do local onde o Centro Humanitário de *Paris-Nord* seria construído: o bairro de Porte de la Chapelle. O projeto, até então desprovido de corporalidade, ganhou dessa forma uma referência espacial. Este anúncio oficial de materialização do dispositivo num território determinado desencadeou a produção de reportagens acerca das dinâmicas do bairro, da reação dos habitantes e dos impactos que a construção desta estrutura teria para a comunidade local (*Excerto (vii)*): ⁵⁹

⁵⁹ *Tradução livre do excerto (vii)*: “[E. T. N]: Na atualidade igualmente, uma nova evacuação de um campo selvagem em Paris esta manhã, ao tempo que Anne Hidalgo, a presidente da câmara da cidade, desvendou a criação de dois campos de refugiados - estes, bem oficiais. Um para os homens a partir de meados de outubro, outro para as mulheres e as crianças até o final do ano. Os detalhes mas também a reação dos habitantes e dos migrantes que fomos recolher esta manhã”

Excerto (vii)

“[Émilie Tran Nguyen] : Dans l’actualité également une nouvelle évacuation d’un camp sauvage à Paris ce matin alors même qu’Anne Hidalgo, la maire de la ville, a dévoilé la création de deux camps de réfugiés –et bien officiels ceux-là. Un pour les hommes dès la mi-octobre, l’autre pour les femmes et les enfants d’ici à la fin de l’année. Les détails mais aussi les réactions des habitants et des migrants que nous sommes allés recueillir ce matin.”

No início deste excerto, a referência à evacuação de um “campo” adjetivado de “selvagem” em Paris detém, em primeiro lugar, uma conotação pejorativa, já que como referido anteriormente, estabelece-se um contraste entre o espaço urbano parisiense “civilizado” e os acampamentos “selvagens” nos quais se instalam os imigrantes e refugiados. Por outro lado, o segundo segmento da frase *“alors même qu’Anne Hidalgo, la maire de la ville, a dévoilé la création de deux camps de réfugiés”* coloca o Centro Humanitário de *Paris-Nord* em pé de igualdade com os acampamentos de rua em Jaurès e Stalingrad. Por outro lado, o uso dos termos *“et bien officiel celui-là”* para se referir ao CHPN, além de nivelá-lo com os acampamentos – que, por oposição ao “[campo] oficial”, seriam “ilegais” – constitui um recurso linguístico irónico. Efetivamente, a enunciação indicaria que a presidente da Câmara de Paris estaria a erguer uma estrutura que “oficializaria” os “campos” de refugiados que se teriam proliferado pela cidade. Haveria, nesses moldes, uma confusão entre a visão do centro como uma “resolução” de acampamentos de rua ou como uma “oficialização” do “problema público” da imigração.

No que diz respeito à apresentação dos *participantes* e das respectivas funções que desempenham, ao descrever o que virá a seguir, a apresentadora refere: “os detalhes mas também a reação dos habitantes e dos migrantes que fomos recolher esta manhã” (*“les détails mais aussi la réaction des habitants et des migrants que nous sommes allés recueillir ce matin”*). É crucial constatar que embora haja uma referência inicial à recolha da “reação dos migrantes”, não surgem em nenhum momento filmagens de pessoas que se identifiquem como tal. Ao contrário, decorrem entrevistas no formato *micro-trottoir*⁶⁰, interpelando parisienses que se apresentam como residentes do bairro de Porte de La Chapelle. Paralelamente, o modo como os “migrantes” recebem a notícia da abertura do CHPN não é abordado nesta peça.

⁶⁰ O dispositivo “*micro-trottoir*” constitui uma técnica telejornalística através da qual se entrevistam indivíduos nas calçadas para coletar opiniões sobre um assunto determinado.

Em termos estéticos observamos que, devido ao facto das filmagens terem sido realizadas antes da inauguração do centro, a captura de imagens centra-se no processo de edificação do espaço. Visualizamos elementos que remetem à imagética da construção: escavadeiras, andaimes, operário com capacetes a trabalhar no terreno (*Anexos B.15 e B.16*). As primeiras imagens que surgem atribuem um aspecto precário à estrutura: vemos uma casa cinzenta e branca, com a aparência de estar suja, janelas com os vidros partidos, paredes manchadas e grafitadas (*Anexos B.17, B.18, B.19*). A sensação é a de estar a visualizar um *non-lieu*; um local sem relação espacial e identitária, e um *hors-lieu*, na medida de que se trata de um espaço afastado e exterior à *comunidade imaginada*. Essa sensação é reiterada pela enunciação em *voice-over*, que refere (*Excerto (viii)*)⁶¹:

Excerto (viii)

"[V.O] : Un hangar vide, recouvert de tags, à deux pas du périphérique dans le Nord de Paris. D'ici un mois, cette ancienne friche de la SNCF deviendra le premier camp d'accueil des migrants de la capitale."

A adjetivação do local como *vazio* serve, em primeiro lugar, a função de retratá-lo como um espaço de vácuo relacional e identitário. Em segundo lugar, a precisão "coberto de *tags*" traça o perfil de um lugar marginalizado, periférico, na fronteira da cidade. A referência à proximidade com a rodoviária ("*à deux pas du périphérique*") e o uso do termo "camp" reforçam o distanciamento e a marginalidade do sítio. Ao mesmo tempo que o centro se encontra tecnicamente dentro do espaço urbano da capital – por estar situado na parte interior da rodoviária (o "*périphérique*") – emerge a conceptualização do espaço como simultaneamente dentro e fora da cidade, numa espécie de limbo territorial e identitário. No que diz respeito ao terreno ser uma "*ancienne friche*" da SNCF (Société Nationale de Chemins de Fer Français), destacamos, além do adjetivo "antiga", que remete para um carácter obsoleto, a definição oficial do termo "*friche*" no Dicionário LaRousse:

"*Friche* : Nom féminin, (Moyen néerlandais *versch*, frais): Terrain dépourvu de culture et abandonné"⁶²

⁶¹ Tradução livre do excerto (viii): "[V.O] Um hangar vazio, coberto de *tags*, a poucos passos da rodovia no norte de Paris. Dentro de um mês, este antigo espaço deserto da SNCF se tornará o primeiro campo de acolhimento de migrantes na capital. "

⁶² Disponibilizado pelo dicionário *Larousse* (consultado em : <https://goo.gl/8DHr15> no dia 24.08.2017)

Segundo esta definição, o local seria “um terreno desprovido de cultura e abandonado”. Em suma, através destas representações são enfatizadas as ideias de transitoriedade, de precariedade e de ausência da conceptualização do terreno como um espaço no qual se geram laços relacionais. Em relação ao dispositivo do micro-trottoir, iremos centrar-nos na intervenção da primeira residente (“*riveraine*”) (*Anexo B.20*). Ao comentar a inauguração do CHPN, refere (*Excerto (ix)*)⁶³:

Excerto (ix)

“[*Riveraine 1*] : Finalement on nous a rien demandé. Je suis d’avis que mon appartement ne va plus avoir la même valeur. Je suis d’avis que mes trois enfants ont déjà du mal à évoluer dans cet environnement... Alors si en plus on a en plus un camp de migrants supplémentaire...”

Ao analisar a primeira frase, destacamos a utilização do pronome “*on*” (“*nós*”) que cria a imagem de uma coletividade; considerando que a *riveraine* é-nos apresentada como uma “moradora do bairro”, presumimos que o uso do pronome faça referência à *comunidade* de habitantes de Porte de la Chapelle. A afirmação de que “nada lhes foi perguntado” insinua a exclusão dos *riverains* do processo de decisão de reajustamento do espaço público, em detrimento do acolhimento dos “migrantes”. O poder municipal teria, nesses termos, tomado uma medida sem consultar os moradores do bairro. Como consequência dessa decisão haveria uma desvalorização das moradias locais, por se encontrarem à proximidade de um centro de acolhimento a refugiados. Por outro lado, a referência aos filhos da entrevistada contém a conotação implícita de que a presença de “migrantes” ou “refugiados” seria incompatível com o bem-estar de crianças. Nesses termos, a inauguração do CHPN é retratada como nociva à comunidade por ameaçar os seus membros mais vulneráveis. Além dos *riverains*, é-nos apresentado o presidente da associação *France Terre d’Asile*, Pierre Henry, e é partilhado um excerto da sua intervenção (*Excerto x*)⁶⁴:

⁶³ Tradução livre excerto (ix): “[*Riveraine 1*]: No final de contas não nos perguntaram nada. Eu sou da opinião que o meu apartamento não vai mais ter o mesmo valor. Sou da opinião que os meus três filhos, que já têm dificuldades em evoluir neste ambiente... Agora si além disso teremos um campo de migrantes adicional”.

⁶⁴ Tradução livre do excerto (x): “[P.H]: Este centro será ver-se-á imediatamente saturado, uma vez que há uma centena de pessoas que chegam todos os dias a Paris, e uma capacidade de 400 lugares”.

Excerto (x)

“*[Pierre Henry]* : Ce centre sera engorgé immédiatement. Puisque vous avez une centaine de personnes qui arrivent chaque jour sur Paris et vous avez une capacité de 400 places...”

É importante referir que tivemos acesso à intervenção completa do presidente da associação *France Terre d’Asile* na Peça 4 (Arte), e é emblemático que se tenha selecionado especificamente este trecho da entrevista na Peça 3 (France 3). A referência à saturação do centro é extremamente relevante, mas o facto de omitir o fragmento em que o entrevistado refere o seu “apoio à decisão política de Anne Hidalgo” constitui uma estratégia discursiva que pretende centrar-se exclusivamente no sobrecarregamento do CHPN. O uso do adjetivo “*engorgé*” seguido do advérbio enfático “*immédiatement*” reforça uma desvalorização da eficácia do futuro centro de acolhimento.

Peça 4 : “Paris : Anne Hidalgo a dévoilé son projet de centre d’accueil pour migrants”

(Arte)

Em carácter introdutório, é importante referir que o canal de televisão Arte é dotado de características particulares em relação às demais plataformas que constituem a base de dados da “TV Nationale”. Ao contrário dos outros meios, trata-se de um canal televisivo franco-alemão, composto por Arte France e Arte Deutschland TV GmbH.⁶⁵ As reportagens selecionadas para este *corpus* são todas oriundas de *Arte France*, e a extensão das transmissões é nacional. Não obstante, consideramos importante mencionar a particularidade do carácter duo-nacional do grupo. Também é importante referir que as reportagens oriundas do canal Arte sobressaem das demais peças do *corpus* devido à emissora privilegiar o jornalismo de investigação perante o jornalismo sensacionalista, o que se traduz em conteúdos elaborados de forma meticulosa. A peça que iremos analisar em seguida intitula-se “*Paris: Anne Hidalgo a dévoilé son projet de centre d’accueil pour*

⁶⁵ Disponibilizado no texto “Naissance d’ARTE: une télévision franco-allemande à vocation européenne” (consultado em <https://goo.gl/P5t71b> no dia 10.09.2017)

migrants”, e foi transmitida no dia 06.09.2016 às 19:46:07. No início da peça, a apresentadora Marie Labory anuncia (*Excerto (xi)*)⁶⁶:

Excerto (xi)

“[Marie Labory] : Le premier centre d’accueil pour migrants de Paris ouvrira donc ses portes courant Octobre, annonce faite par Anne Hidalgo ce matin, il accueillera 400 personnes qui pourront y trouver de l’aide dans leurs démarches.”

O uso do termo “*centre d’accueil*” para referir-se à estrutura de acolhimento demonstra, em primeiro lugar, uma preocupação com utilizar as designações correspondentes às que foram divulgados pela câmara de Paris. O uso da forma verbal “acolherá” (“*accueillera*”) enfatiza, por outro lado, a proposta de auxílio oferecida pelo centro; esta perspectiva é posteriormente reforçada pelo segmento “400 pessoas que poderão encontrar *ajuda* para os seus procedimentos”. Quando a imagem transita do *plateau* para as captações da reportagem, o *voice-over* anuncia (*Excerto (xii)*)⁶⁷ :

Excerto (xii)

“[V.O] : Ne plus jamais revoir cette scène : depuis plus d’un an le quartier de La Chapelle à Paris vit cette routine de la honte. Des centaines de migrants dormant à même le sol, se regroupant pour être visibles. Pour ces personnes venues d’Afghanistan, du Soudan ou d’Érythrée les campements sauvages sont devenus les seuls moyens d’être pris en charge par les autorités. Une situation intenable pour la maire de Paris, Anne Hidalgo veut faire de sa ville un lieu d’accueil et de répit”.

O início da enunciação faz recurso a uma frase declarativa e assertiva: “Nunca mais rever esta cena” (“*Ne plus jamais revoir cette scène*”). Através desta formulação, o enunciador é posicionado contrariamente a uma “*cena*” cuja reprodução postula como inconcebível. Identificamos aqui marcas de subjetividade, em que a enunciação do telejornal se opõe criticamente ao fenómeno dos acampamentos precários. Completa-se:

⁶⁶ Tradução livre do excerto xii: “[Marie Labory]: o primeiro centro de acolhimento para migrantes em Paris abrirá então as suas portas durante o mês de Outubro, anúncio feito por Anne Hidalgo esta manhã, o centro acolherá 400 pessoas que poderão encontrar auxílio nos seus procedimentos”

⁶⁷ Tradução livre do excerto xii: “[V.O] “Nunca mais rever esta cena”: há mais de um ano o bairro de La Chapelle em Paris vive a rotina da vergonha. Centenas de migrantes dormindo no chão, reagrupando-se para serem visíveis. Para estas pessoas vindas do Afeganistão, do Sudão e da Eritreia, os acampamentos selvagens tornaram-se a única forma de serem acolhidos pelas autoridades. Uma situação insustentável para a presidente da Câmara de Paris, Anne Hidalgo quer fazer da sua cidade um local de acolhimento e de descanso”.

“há mais de um ano o bairro de La Chapelle em Paris vive esta rotina da vergonha”. A força do termo “vergonha” reforça, posteriormente, o posicionamento contrário da reportagem à existência destes acampamentos.

Em primeiro lugar, destacamos a formulação informativa que indica que estas pessoas dormem “no chão”, no centro do espaço público. Posteriormente, anuncia-se que elas se “reagrupam para serem visíveis”. Esta afirmação atribui um caráter político a estas estruturas; as pessoas agregam-se precisamente para tornar-se visíveis no espaço urbano, para mostrar os contornos da crise dos requerentes de asilo e para reivindicar a resolução da problemática do acesso a alojamentos. Em seguida, explicita-se: “Para estas pessoas vindas do Afeganistão, do Sudão ou da Eritreia, os acampamentos selvagens tornaram-se os únicos meios de serem atendidos pelas autoridades”. Através desta frase, atribui-se a responsabilidade da existência destas estruturas indignas às autoridades, e não aos indivíduos desalojados.

É importante enfatizar, por um lado, que as reportagens oriundas do Arte Journal dispõem, de forma geral, de imagens com maior qualidade do ponto de vista formal e estético. Nesta reportagem, queremos enfatizar o uso de mecanismos como os *grandes planos*, que permitem a filmagem de traços faciais de forma humanizante. A imagem do rosto de uma senhora africana com um véu violeta à volta do cabelo é emblemático dessa situação (*Anexo B.21*). Visualizamos uma expressão pungente: os traços dos olhos descaídos, a perda de foco no olhar e os cantos da boca ligeiramente voltados para baixo. É uma imagem com um efeito potente e enternecedor, que atribui humanidade às pessoas que se encontram instaladas nestes acampamentos. O uso do formato do *grande plano* cria, além disso, a percepção de uma proximidade entre o receptor da imagem e a pessoa que se encontra representada no fotograma.

No que diz respeito aos participantes (ou *atores*) das reportagens e os seus respectivos papéis (ou *funções sociais*), destacamos novamente o surgimento da presidente da câmara municipal de Paris. Conforme anunciado na transcrição, trata-se de uma situação “insustentável” para Anne Hidalgo, que quer fazer da sua cidade um local de “acolhimento” e de “descanso”. O adjetivo “insustentável” indica que a representante se opõe ao surgimento dos acampamentos precários de Jaurès e Stalingrad, já que os mesmos se opõem à visão que a mesma tem para a cidade. Temos acesso, em seguida, à intervenção de Anne Hidalgo acerca desta problemática. Surgem igualmente personagens que representam as associações envolvidas no projeto: por um lado Aurélie El-Hassak

Marzoti, diretora-geral adjunta de *Emmaüs-Solidarité* (Anexo A.18). Por outro, Pierre Henry, diretor de *France Terre d'Asile* (Excerto (xiii))⁶⁸:

Excerto (xiii)

"[Anne Hidalgo] : Cela passe par la création d'un centre d'accueil où les migrants qui arrivent sur le territoire pourront se poser, bénéficier d'un bilan médical, bénéficier aussi d'une aide psychologique..."

"[Pierre Henry] : Je soutiens le choix de la Maire de Paris, le choix politique d'avoir créé cette structure. Mais elle ne fonctionnera pas s'il n'y a pas d'autres structures analogues..."

"[V.O] Tout le problème est là : 80 migrants arrivent chaque jour à Paris. Sans de nouvelles places d'hébergement le centre risque d'être vite débordé et les campements reprendront. Paris tente une expérience inédite, désormais c'est à l'État de prendre le relais".

Nesses termos, Anne Hidalgo propõe a criação de um centro de acolhimento para que as pessoas possam “pousar, beneficiar de um check-up médico (...) de auxílio psicológico”; estas escolhas lexicais procuram reiterar o caráter benevolente do centro, que busca outorgar uma solução de emergência ao fluxo de pessoas recém-chegadas à cidade. A intervenção de Pierre Henry enfatiza por sua vez o caráter político da decisão da presidente da câmara, ainda que alertando para a saturação inexorável do centro e apelando à construção de estruturas análogas. Nessa mesma linha de raciocínio, o *voice-over* da reportagem conclui com um apelo para que o poder estatal dê continuação a esta iniciativa, reforçando a multiplicação de dispositivos humanitários.

Peça 5 : “Prochaine ouverture d'un centre d'accueil pour réfugiés à Paris”

(TF1)

A quinta peça do nosso *corpus* intitula-se “*Prochaine ouverture d'un centre d'accueil pour réfugiés à Paris*” e foi transmitida no dia 06.09.2016 pelo canal TF1. No

⁶⁸ Tradução livre do excerto (xiii): “ [A.H]: Isso passa pela criação de um centro de acolhimento onde os migrantes que chegam ao território possam pousar, beneficiar de um check-up médico, beneficiar também de auxílio psicológico... [P.H]: Eu apoio a escolha da presidente da câmara de Paris, a escolha política de ter criado esta estrutura. Mas ela não funcionará se não houver estruturas análogas. [V.O]: Todo o problema está aí: 80 migrantes chegam a Paris por dia. Sem novos lugares de acolhimento, o centro corre o risco de ver-se rapidamente saturado, e os acampamentos ressurgirão. Paris tenta uma experiência inédita, doravante é o Estado que deve assumir.””

início, o apresentador Gilles Bouleau encontra-se sentado no *plateau*, posicionando o olhar no eixo Y-Y, com a projeção de um mapa (“*croquis*”) do Centro Humanitário de *Paris-Nord* em segundo plano (*Excerto (xiv)*):⁶⁹

Excerto (xiv)

“[Gilles Bouleau] : C’est une question que se posent de plus en plus de maires, quel que soit leurs orientations politiques : comment accueillir les migrants qui arrivent en France illégalement ? À Paris, des campements sauvages sont régulièrement évacués par la police, c’était le cas encore ce matin. Un [...] centre, situé près de la Porte de la Chapelle, dans le nord de la capitale, accueillera des hommes dès le mois prochain. Dans quelles conditions, pour quelle durée et à quel prix ?”

Na primeira frase, o apresentador afirma que “cada vez mais presidentes das câmaras municipais, independentemente das suas orientações políticas” perguntam-se “como acolher os migrantes que chegam a França ilegalmente?”. A escolha do advérbio “ilegalmente” nesta interrogação contribui para o enviesamento da pergunta, já que traça, à partida, uma representação hostil dos migrantes que se encontram no território francês. A frase atesta igualmente da centralidade que se tem atribuído ao debate sobre a temática das migrações no contexto francês, sendo uma problemática transversal a diversos municípios e inclinações políticas.

Após a afirmação de que “um centro, localizado perto do bairro de Porte de la Chapelle, no norte da capital, acolherá homens a partir do próximo mês”, segue-se uma frase interrogativa na última linha da transcrição, simétrica à que inaugura a reportagem: “Sob que condições, por que duração e a que preço?”. Nesta enunciação, o termo “preço” é ambivalente, referindo-se em simultâneo ao investimento económico, social e político da construção desta infraestrutura. De qualquer modo, a pergunta traduz uma resistência do enunciador perante o projeto, já que a formulação enfatiza que haverá um “preço” a pagar, e que o mesmo ainda não teria sido determinado.

No que diz respeito aos mecanismos de intertextualidade, é importante referir que após a reportagem “Un nouveau centre pour migrants à Paris” do canal France 2, o

⁶⁹ Tradução livre do excerto (xiv): “[G.B]: É uma questão que se colocam cada vez mais presidentes das câmaras municipais, independentemente das suas orientações políticas: como acolher os migrantes que chegam a França ilegalmente? Em Paris, acampamentos selvagens são regularmente evacuados pela polícia, foi o caso ainda esta manhã. Um centro (...) localizado perto do bairro de Porte de la Chapelle, no norte da capital, acolherá homens a partir do próximo mês. Sob que condições, por que duração e a que preço?”

apresentador anuncia que “Angela Merkel terá pago um “preço” muito elevado devido à sua política favorável aos refugiados”⁷⁰, antes de apresentar a peça “*Allemagne, bilan accueil réfugiés*” (Anexo A). Durante esta reportagem, é enfatizado que se as políticas de Merkel tivessem sido menos favoráveis ao acolhimento de refugiados, a própria poderia ter usufruído de benefícios eleitorais. Posteriormente, as imagens no *plateau* se apagam, dando lugar às imagens da reportagem. Através do dispositivo de *voice-over* é anunciado (Excerto (xv))⁷¹:

Excerto (xv)

“[V.O] : C’est une terre presque oubliée, à la lisière de Paris, entre périphérique et voie ferrée. Une ancienne friche de la SNCF. Et pourtant ce sera bientôt le premier camp de transit de réfugiés dans une capitale européenne.”

Novamente, deparámo-nos com a formulação deste local como um “*non-lieu*”. O uso da perífrase “*une terre presque oubliée*”, e da descrição “*à la lisière de Paris, entre périphérique et voie ferrée*” enfatizam o caráter marginal do espaço. É interessante pensar que tanto os acampamentos de Jaurès-Stalingrad quanto o centro de *Paris-Nord* são representados como espaços inerentemente marginais. A referência à rodoviária (“*périphérique*”) enfatiza que o local se encontra no limite de Paris, reiterado pelo ressurgimento do termo “*friche*” (“*une ancienne friche de la SNCF*”). Posteriormente, o advérbio “*pourtant*” cria uma oposição entre o fato de se tratar de um espaço marginal e, ainda assim, “será em breve o primeiro campo de trânsito de refugiados numa capital europeia (“*ce sera bientôt le premier camp de transit de réfugiés dans une capitale européenne*”). A menção ao facto da estrutura ser inédita na Europa enfatiza, por outro lado, a importância política que se atribui a esta iniciativa. Nesta peça, a ideia do centro como uma negociação entre o poder municipal e o poder nacional é abordada (Excerto (xvi))⁷²:

⁷⁰ Dado recolhido durante o visionamento da peça “*Allemagne, bilan accueil réfugiés*”, transmitido pelo canal France 2 no dia 06.09.2016.

⁷¹ Tradução livre do excerto (xv): “[V.O]: É uma terra quase esquecida, à beira de Paris, entre a rodoviária e a ferrovia. Um antigo terreno deserto da SNCF. E, no entanto, será em breve o primeiro campo de trânsito de refugiados em uma capital europeia.”

⁷² Tradução livre do excerto (xvi): “[V.O]: É também uma aposta com o Estado lançada por Anne Hidalgo, já que se o centro fará um acolhimento será apenas um trânsito de alguns dias, antes de que as pessoas sejam re-dirigidas de acordo com as suas situações. E o governo prometeu encontrar novos lugares em toda a França, sob pena de ver saturado o belo projeto parisiense”.

Excerto (xvi)

“[V.O] C’est aussi un pari avec l’État qu’a lancé Anne Hidalgo, car si le centre fera un accueil ce n’est qu’un transit de quelques jours, avant d’être réaiguillés selon leurs situations.

Et le gouvernement a promis de trouver des nouvelles places dans toute la France, sous peine de voir saturer le beau projet parisien.”

O uso da perífrase “*un pari avec l’État*” (“uma aposta com o Estado”) para referir-se às motivações do projeto torna a sublinhar a separação entre as esferas municipal e nacional, na medida em que se espera que a inauguração do centro possa desencadear o surgimento de projetos semelhantes a nível nacional. Há também a ideia de uma “parceria” estabelecida entre as duas instâncias, na medida em que o Centro Humanitário de *Paris-Nord* apenas fará um acolhimento “transitório, de alguns dias” e o governo “reorientará as pessoas conforme as suas situações” para *Centres d’Accueil et Orientation* [CAO], *Centres d’Accueil pour Demandeurs d’Asile* [CADA] e o *Samusocial*. A reportagem conclui que “o governo teria prometido providenciar novos locais de acolhimento em todo o território francês, de modo a evitar a saturação do projeto parisiense”.

No que diz respeito às imagens desta reportagem, é importante destacar que surgem, no começo da notícia, diversos mapas (“*croquis*”) que permitem visualizar as respectivas localizações dos centros em Porte de la Chapelle e em Ivry (*Anexos B.24 e B.25*). As imagens que se seguem propõem retratar o bairro de Porte de la Chapelle. Observamos uma fotografia desfocada e nebulosa que reforça a desvalorização do local (*Anexo B.26*). Posteriormente, são-nos mostrados planos (“*croquis*”), que caracterizam a estrutura e funcionamento do centro (*Anexo B.28 e B.29*). O anúncio do número de migrantes que chega a Paris por dia é acompanhado de imagens de pessoas deitadas no chão, em colchões e instalações precárias (*Anexo B.30*) redizidos ao estado de *zoé* (Saillant & Truchon, 2008).

Peça 6 : “Un nouveau Centre pour migrants à Paris”

(France 2)

A sexta peça do nosso *corpus* intitula-se “*Un nouveau centre pour migrants à Paris*”, e foi transmitida pelo canal *France 2* no dia 06.09.2016. Ao analisar esta peça, iremos

focar-nos, por um lado, na descrição que é traçada do funcionamento do centro, recorrentemente retratando-o como um “*hors-lieu*” (Augé, 1992). Por outro lado, identificaremos os elementos que servem à construção da “opinião dos riverains” sobre a implementação do projeto da municipalidade parisiense.

No que diz respeito ao título, destacamos três referências: em primeiro lugar, o uso do termo “*centre*”, que demonstra rigor na denominação da instituição. Em segundo lugar, o termo “*migrants*”, que ao nosso entender, não contém uma conotação carregada negativamente, na medida em que o centro tenciona acolher tanto indivíduos dotados do estatuto de “refugiados”, e posteriormente reencaminhá-los para CADAs (*Centre d’Accueil aux Demandeurs d’Asile*) quanto indivíduos que não reúnam as condições determinadas para dispôr desse estatuto, e que serão posteriormente reencaminhados para CAOs (*Centre d’Accueil et d’Orientation*). Em relação à peça, a enunciação inicia-se com a apresentação do tópico a ser desenvolvido pelo apresentador David Pujadas, no estúdio de *France 2* (*Excerto (xvii)*)⁷³:

Excerto (xvii)

“[David Pujadas] : La présentation à Paris du premier centre d’accueil de migrants dans la capitale. C’est un ancien entrepôt de la SNCF qui sera reconverti, 600 places au total dans quelques mois pour un budget de rénovation de 6 millions et demie d’euros. Un second centre ouvrira à Ivry. ”

Em contraste com a peça transmitida por France 2 no dia 31.05.2016, que estabelecia analogias com um “campo de refugiados de Zaatari, na Jordânia”, é interessante destacar o uso do termo “*centre d’accueil de migrants dans la capitale*”, traçando um retrato moderado da instituição. De facto, no dia da transmissão desta peça (06.09.2016), Anne Hidalgo divulgou pormenores sobre o funcionamento da estrutura, o que permitiu às plataformas de comunicação privilegiarem os factos anunciados ao invés de incorrerem em especulações.

Como referido no excerto, o local onde será instalado o centro é um “*ancien entrepôt de la SNCF qui sera reconverti*”. No que diz respeito ao número de lugares, foi anunciado que estariam previsto “400 lugares”, embora o número pudesse aumentar para

⁷³ Tradução livre do excerto (xvii): “[David Pujadas]: A apresentação em Paris do primeiro centro de acolhimento a migrantes na capital. É um antigo armazém da SNCF que será convertido, 600 lugares no total em alguns meses, para um orçamento de renovação de 6 milhões e meio de euros. Um segundo centro abrirá em Ivry. ”

atingir os 800 se fosse necessário. A referência à estimativa dos “600 lugares” aparece, assim, como uma média entre os dois valores. Por outro lado, destacamos a referência ao “orçamento de renovação de 6 milhões e meio de euros” (“*budget de rénovation de 6 millions et demie d’euros*”) na medida em que se trata da única peça do *corpus* que faz referência ao valor do financiamento desta iniciativa de acolhimento.

O local é referido como sendo situado “às portas de Paris, entre uma ferrovia e uma autoestrada” (“*aux portes de Paris, entre une voie-ferrée et une auto-route*”), enfatizando o caráter territorialmente marginalizado do mesmo (Anexo B.31). Bruno Morel, diretor-geral de *Emmaüs-Solidarité*, refere que “estará pronto daqui a um mês (...) porque (...) é [material] modular que está instalado no interior” (“*ce sera prêt dans un mois (...) parce que (...) c’est du modulaire qui est installé à l’intérieur*”). Seguem-se qualificações, no registro descritivo, que pretendem elucidar-nos sobre a estrutura e funcionamento do centro (*Excerto (xviii)*) ⁷⁴:

Excerto (xviii)

[V.O] : 100 mille mètres carrés de Hangar, où seront installées des dizaines de cabanes en bois, ici représentées en vert. Chacune de ces cabanes accueillera 4 lits. En tout, 400 à 700 migrants pourront être accueillis pour une durée de 5 à 10 jours. Le voisinage se pose beaucoup de questions.

“[Riverain 1] : Ça va faire quoi, un deuxième Sangatte ? Une deuxième base comme à Calais là ?

[Journaliste] : Qu’est-ce que vous redoutez ?

[Riverain 1] : L’insécurité.

[Riveraine 2] : Faut bien qu’ils aient un toit où aller, hein... Au lieu qu’ils dorment par terre ou dans les rues...

[Riverain 3] : Le onzième jour, où-va-t-on les mettre ?”

Após a descrição do estabelecimento : 100 mil metros quadrados de “Hangar”, onde serão instalados dezenas de cabanas de madeira, e cada uma acolherá quatro camas, são referidas as reações da vizinhança, “que coloca muitas questões [perante esta conjuntura]”. A conotação subreptícia desta formulação – de tom pejorativo – seria de que a construção do CHPN provocaria o surgimento de tensões no bairro de Porte de la

⁷⁴ Tradução livre do excerto (xviii): “Cem mil metros quadrados de Hangar, onde serão instaladas dezenas de cabanas em madeira, aqui representadas em verde. Cada uma dessas cabanas acomodará 4 camas. Um total de 400 a 700 migrantes poderão ser acomodados por um período de 5 a 10 dias. A vizinhança coloca muitas questões.” [R.1]: Qual será o resultado? Um segundo *Sangatte*? Uma segunda base, como em Calais? [J]: O que é que teme? [R.1]: A insegurança. [R.2] Eles têm que ter um teto para onde ir, hein... Ao invés de dormirem no chão ou nas ruas... [R.3]: No décimo-primeiro dia, onde os colocaremos?

Chapelle. Como referido anteriormente, as intervenções dos *riverains* em formato *micro-trottoir* são fragmentadas e montadas sequencialmente, de modo a corresponder à narrativa formulada pelo telejornal. De facto, não temos acesso à maioria das perguntas que lhes são colocadas; a primeira intervenção inicia-se *in medias res*. Podemos pressupor, nesses termos, que a intervenção venha na sequência de uma conversa previamente desenvolvida à qual não temos acesso.

A referência do primeiro residente ao centro de Sangatte é altamente emblemática dos processo de intertextualidade inerentes a estas peças. O uso do termo “*base*” remete para o campo lexical militar, fazendo referência à narrativa da “invasão”, veiculadas por determinadas plataformas mediáticas (Falk, 2010: 84). A referência a Calais é igualmente fulcral; trata-se de um tema amplamente divulgado nas plataformas mediáticas em todo o período pré-eleitoral do ano de 2016. A menção à “insegurança” temida pelo enunciador contribui, por outro lado, para reforçar a ideia de que a presença destas pessoas trará consigo o aumento da criminalidade, estabelecendo uma relação de causalidade entre os fenómenos.

A segunda interveniente demonstra uma maior benevolência perante a inauguração do centro, afirmando ser preferível perante a alternativa de pessoas continuarem a dormir nas calçadas. O terceiro parisiense, um senhor de idade, intervém com um questionamento, que pressumos vir igualmente na sequência de uma interação anterior: “*et le onzième jour, où va-t-on les mettre?*” (“e no décimo-primeiro dia, onde iremos colocá-los?”). Importa enfatizar a objetificação da figura do refugiado; o uso do pronome “les” (“os”), juntamente com a forma verbal “colocar” retira a agencialidade dos mesmos. Identificamos o uso de um recurso estilístico irónico que procura enfatizar que após o acolhimento transitório de 5 a 10 dias disponibilizado para o centro, os refugiados e migrantes “retornarão às ruas”.

Posteriormente, surgem imagens de pessoas acampadas no 18^o *arrondissement*: vemos uma tenda aberta, na qual se encontra instalada uma família: uma mãe, uma criança e um bebé (*Anexo B.32*). A criança está descalça, e conseguimos visualizar o interior da tenda na qual habitam. Em seguida, a câmara aproxima-se e visualizamos um *grande plano* do rosto do bebé, aparentemente de origem africana, adormecido (*Anexo B.33*). Estas imagens contribuem para construir uma imagética da redenção; o bebé adormecido emana uma aura angelical, remetendo para o imaginário da iconografia cristã (Falk, 2010: 84).

Peça 7 : “Mise en place d’un centre d’accueil de migrants à Paris”

(France 3)

A sétima peça do nosso *corpus* intitula-se “*Mise en place d’un centre d’accueil de migrants à Paris*”, e foi transmitida pelo canal France 3 no dia 06.09.2016. No início da peça, a apresentadora Carole Gaessler introduz o tópico, referindo que a presidência da câmara terá tomado a decisão de instalar um centro de acolhimento a refugiados na capital com vista a responder ao elevado “fluxo de migrantes” que chegam todos os dias à cidade. Posteriormente, refere que a reportagem será centrada na história de um refugiado específico, que nos irá relatar o seu percurso. Analisaremos, então, por um lado, a construção da “figura do refugiado” nesta peça e a formulação de que a abertura do centro constituirá “a esperança de um quotidiano um pouco melhor”. A apresentação do tópico da peça no telejornal começa com o seguinte excerto (*Excerto (xix)*)⁷⁵:

Excerto (xix)

“[Carole Gaessler] : Nous avons rencontré l’un deux [des réfugiés], il nous raconte son histoire. Le camp fait l’espoir d’un quotidien un peu meilleur. ”

[V.O] : Il tient à nous montrer les conditions dans lesquelles il vit. Un seul point d’eau pour se laver. Et boire.

[Stéphane Azzathia] – *dobrado em francês* : On est quatre à se partager cette bouteille.

[V.O] : Et ces toilettes installées depuis une semaine, déjà hors d’usage.

No início da peça, é traçada uma breve apresentação do “personagem do refugiado” cujo percurso as câmaras irão seguir: Stéphane Azzathia, oriundo da Costa do Marfim, imigrou para a Líbia em 2010, foi preso e teve de fugir da guerra civil que assolou o país. Encontra-se em território francês há aproximadamente três meses. Na imagem, visualizamos um jovem africano, com barba, que aparenta ter entre vinte e trinta anos (*Anexo B.34*). É interessante constatar que Stéphane cumpre a função de “fonte” (“*source*”) perante os jornalistas, que é análoga à do “informante” no trabalho de campo antropológico (Bird, 2005). Posteriormente, Stéphane traça um percurso de modo a

⁷⁵ *Tradução livre do excerto (xix):*” [C.G]: Encontramos um deles [dos refugiados], ele nos conta a sua história. O campo cria a esperança de um quotidiano um pouco melhor. [V.O]: Ele quer nos mostrar as condições nas quais ele mora. Um único ponto de água para lavar-se, e para beber”. [S.A]: Somos quatro pessoas a partilhar esta garrafa. [V.O]: E estas casas-de-banho, instaladas há uma semana, já estão fora de serviço”.

mostrar-nos a precariedade das condições dos acampamentos de Jaurès e Stalingrad. Esta parte da reportagem contém uma dimensão imagética forte, na qual visualizamos colchões sujos estendidos no chão, escassez de alimento, materiais degradados, tendas danificadas, infraestruturas deterioradas, corpos estendidos nas calçadas (*Anexos B.35, B.36, B.37, B.38*).

As referências a uma fonte de água única para se lavar e beber, à garrafa que quatro pessoas compartilham e às casas-de-banho degradadas enfatizam a dimensão de escassez perante a qual estas pessoas se vêem confrontadas (Ibrahim & Howarth, 2016:5) (*Anexos B.39, B.40, B.41*). É também importante enfatizar que, novamente, a voz da personagem é dobrada por um *voice-over* em francês, que pretende traduzir as suas palavras ao sobrepôr uma linguagem que se pretende “acessível ao telespectador”. Posteriormente, é compartilhado com o telespectador outro fragmento do *background* de Stéphane, nomeadamente no que diz respeito à sua estadia na Líbia durante a guerra civil (*Excerto xx*)⁷⁶:

Excerto (xx)

[Stéphane Azzathia] – *dobrado em francês* : Ils avaient l’habitude de nous donner à manger une fois par jour dans cette prison de Lybie. On ne pouvait avertir personne. Chaque jour, tous les jours, quelqu’un mourait. On n’avait plus d’espoir, on savait que maintenant c’était entre nous et Dieu. On allait mourir. On s’est rebellé, on s’est échappé. Ils ont tué 240 personnes.

Esta intervenção cumpre a função de sensibilizar o receptor de conteúdo perante o passado de Stéphane. A referência aos maus tratos (“[...] *de nous donner à manger une fois par jour*”), ao silenciamento (“*on ne pouvait avertir personne*”) e à tortura, aferida pela afirmação de que “cada dia, todos os dias alguém morria”, que “já não tinham esperança” e que, quando se rebelaram e escaparam, “eles mataram 240 pessoas”, suscitam sentimentos de empatia em relação à figura do refugiado incorporado por Stéphane. Posteriormente, o *voice-over* acrescenta: “*Ici, il a trouvé de la sécurité, mais aussi une grande misère*”. Esta frase contribui para denunciar as condições inaceitáveis nas quais se encontram as pessoas acampadas nestas estruturas precárias.

⁷⁶ Tradução livre do excerto (xx): “[S.A]: Eles tinham o hábito de nos alimentar uma vez por dia nessa prisão na Líbia. Não podíamos alertar ninguém. Cada dia, todos os dias, alguém morria. Não tínhamos mais esperança, sabíamos que agora seria entre nós e Deus. Iriamos morrer. Nos rebelamos e fugimos. Eles mataram 240 pessoas”.

Como referido no início da análise, uma dimensão importante desta reportagem é a escolha de representar o Centro Humanitário de *Paris-Nord* como um emblema de esperança para Stéphane Azzathia. Efetivamente, os recursos discursivos contribuem para cristalizar a imagem de um local simbólico de “esperança” que contribuiria para construir uma vida melhor. Observemos, nesses termos, a transcrição que se segue (*Excerto (xxv)*)⁷⁷:

Excerto (xxi)

“[V.O] : Pour lui, la construction d’un camp à Paris est un grand espoir.

[Stéphane Azzathia]: C’est notre rêve. Tout le monde prie pour que nous ayons un camp. Que chacun puisse avoir son propre lit. Et qu’ils puissent même nous apprendre la langue”.

O dispositivo de *voice-over* começa por anunciar que “para ele [Stéphane], a construção de um centro de acolhimento em Paris representaria “uma grande esperança”. Em termos de atribuir *papéis* às intervenções das *personagens*, a fala de Stéphane Azzathia reitera que a construção do centro seria “o *nosso* sonho”, que “*toda a gente* reza para que tenhamos um campo”. A utilização do pronome na primeira pessoa do plural (“nosso”) e a referência “toda a gente” enfatizam o caráter coletivo do sonho, implicando que Stéphane representa um grupo de refugiados quando aspira à construção do CHPN. Acrescenta, em seguida, o desejo de que “cada um possa ter a sua própria cama”, e que “*eles* possam mesmo ensinar-nos a língua”. Posteriormente, a filmagem do rosto de indivíduos em *grande plano* (*Anexo B.42*) reforçam os laços de empatia entre o telespectador e a figura do refugiado.

A referência ao pronome pessoal “eles” (“ils”) cumpre, aqui, a função de se referir ao grupo de pessoas da sociedade de acolhimento, isto é, os parisienses. O desejo de aprender a língua “*deles*” enfatizaria, nesse sentido, a vontade de estabelecer pontes de comunicação com o outro, de se inserir no contexto francês. Assim, o perfil de Stéphane é traçado como o “refugiado legítimo”, favorável à sua “integração” em França. Esta formulação é reiterada na conclusão da reportagem, no momento em que a *voice-over*

⁷⁷ Tradução excerto (xxi): “[V.O]: Para ele, a construção de um campo em Paris é uma grande esperança. [S.A]: É o nosso sonho. Toda a gente reza para que tenhamos um campo. Que cada um possa ter a sua própria cama. E até que nos possam ensinar a língua [francesa].”

anuncia que demorará tempo até que o mesmo possa “reencontrar uma *vida normal* (...) que *espera* poder construir na França”.

Peça 8 : “Migrants: un centre de transit ouvre ses portes à Paris”

(TF1)

O oitavo documento do nosso *corpus* intitula-se “Migrants: un centre de transit ouvre ses portes à Paris”, transmitida pelo canal TF1, no dia da inauguração oficial do CHPN (10.11.2016). No começo da peça, o apresentador Gilles Bouleau anuncia (*Excerto (xxii)*)⁷⁸:

Excerto (xxii)

“[Gilles Bouleau] : L’ouverture après plusieurs mois de travaux du premier centre de transit pour réfugiés à Paris, certains de ces réfugiés qui viennent précisément d’Irak ou de Syrie.”

“[V.O] : Ce centre de transit c’est d’abord une structure gonflable pour accueillir les demandeurs d’asile. Les quelques 50 à 80 nouveaux migrants qui arrivent chaque jour à Paris, comme eux. À l’intérieur de cette structure temporaire, des salariés et des bénévoles d’Emmaüs chargés d’accueillir ces hommes majeurs. Ces jeunes femmes les informent notamment sur leurs droits. Elles leurs expliquent le fonctionnement du centre, lui explique qu’il a passé quelques nuits dehors.”

Em primeiro lugar, identificamos o uso da designação “*centre de transit pour réfugiés*”, que, como vimos, denota um rigor maior do que o termo “camp de réfugiés”. Em seguida, a frase “*certaines de ces réfugiés qui viennent précisément d’Irak ou de Syrie*” tenta traçar um perfil dos residentes do Centro. Por outro lado, o uso do advérbio “*précisément*” remete para uma referência anterior na grelha de programação do telejornal; trata-se do estabelecimento de um vínculo com a peça que precedeu a que analisamos, intitulada “*Mossoul : avec les blindés de la division d’or*” (Anexo A). Nesta reportagem, relata-se a notícia de que as tropas anti-terroristas iraquianas – intituladas “Divisão de Ouro” – estarão a avançar em direção à região de Mossoul. O uso do adjetivo

⁷⁸ Tradução livre do excerto (xxii): “[G.B]: A abertura, após vários meses de obras, do primeiro centro de trânsito para refugiados em Paris, alguns destes refugiados que vêm precisamente do Iraque ou da Síria. [V.O]: Este centro de transito é, em primeiro lugar, uma estrutura insuflável para acolher os requerentes de asilo; os 50 a 80 novos migrantes que chegam cada dia a Paris, como eles. No interior desta estrutura temporária, assalariados e voluntários de Emmaüs encarregados de acolher estes homens maiores. Estas jovens mulheres os informam nomeadamente sobre os seus direitos. Elas explicam o funcionamento do Centro, ele explica que passou algumas noites na rua”.

serve, assim, o propósito de associar os habitantes do centro com a reportagem anterior, que retrata o combate ao terrorismo no Iraque.

As reportagens que ocorrem no dia da abertura do centro cumprem, naturalmente, a função de explicar o funcionamento desta estrutura de acolhimento. Por esse motivo, seguem-se descrições pormenorizadas dos diferentes espaços do centro, e da logística através da qual estas pessoas serão acolhidas. Refere-se, por um lado, à “estrutura insuflável” (“*structure gonflable*”) que caracteriza o centro (Anexo B.43, B.44), e refere-se às pessoas acolhidas como “requerentes de asilo” (“*demandeurs d’asile*”); aqui também, um termo utilizado com maior rigor (Anexo B.45). Traçam-se, em paralelo, dois “grupos” nesta enunciação: “*ces hommes majeurs*”, constituída pelos homens de maioridade que se encontram presentes, e “*ces jeunes femmes*”, que se encarregam de explicar-lhes o funcionamento do centro. A captura de imagens de residentes do CHPN retrata-os sempre de costas; tanto no momento em que os visualizamos na fila de espera quanto no fotograma em que interagem com as jovens voluntárias (Anexos B.45, B.46, B.47). Efetivamente, podemos observar o excerto abaixo (Excerto xxiii): ⁷⁹

Excerto (xxiii)

“[Voice-over]: Moncef a 18 ans, il arrive d’Afghanistan et il explique qu’il n’a aucun autre vêtement que ce qu’il porte sur lui.

[Moncef] : Only one.

[Bénévole] : Bon j’ai un stock de vêtements, chaque personne a le droit à deux tenues...”

Somos brevemente apresentados à figura de Moncef (Anexo B.48), jovem afegão de 18 anos. É-nos referido que ele “não têm outras roupas para além das que está a utilizar”. Posteriormente, ouvimo-lo a referir em inglês “*only one*”, para reiterar que só tem acesso a um conjunto de roupas. Segue-se a intervenção de um voluntário, que refere que tem acesso a um *stock* de roupas, e que cada pessoa albergada no centro tem direito a dois conjuntos. A “figura do refugiado” é aqui novamente apresentada de forma unidimensional; a intervenção de Moncef é efémera, servindo apenas para reiterar o que o dispositivo de *voice-over* já tinha anunciado anteriormente. Enfatiza-se a ausência de

⁷⁹ Tradução livre do excerto (xxiii): “[V.O]: Moncef tem 18 anos, chega do Afeganistão e explica-nos que não tem outra roupas para além das que está a utilizar”. [Moncef]: Só uma. [Voluntária]: Bom eu tenho um stock de roupas, cada pessoa tem direito a dois conjuntos...”

bens materiais na sua posse (através do complemento de objeto direto “nenhuma outra roupa” [“*aucun autre vêtement*”]), mas não nos é apresentado um perfil mais extenso de Moncef, reduzindo a sua identidade à situação de fragilidade na qual se encontra. Posteriormente, uma assalariada de *Emmaüs-Solidarité* explica-nos melhor o processo de acolhimento do centro de *Paris-Nord*, nomeadamente no que diz respeito ao sistema de atribuição de cartões e o acesso às refeições (*Excerto (xxiv)*)⁸⁰:

Excerto (xxiv)

“[*Salariée*] : Toutes sont des chambres modulables. Donc de quatre personnes. Cette carte c’est la carte qu’on leur attribue pour aller chercher le repas. Ils ont trois repas par jour et ils ont le droit à café et thé à volonté. ”

“[V.O] : Les autorités ne veulent plus de campements sauvages comme celui évacué la semaine dernière, quartier Stalingrad, à Paris.”

Através desta intervenção, a assalariada procura enfatizar o aspecto acolhedor do centro, ao referir que as pessoas têm acesso a “quartos”, a “três refeições por dia” (*Anexo B.49*), e que têm direito a “café e chá à vontade”. Na conclusão da reportagem, a frase declarativa “*les autorités ne veulent plus*” e a qualificação dos acampamentos como “selvagens” (“*sauvages*”) reitera a condena das estruturas de acolhimento precárias às quais estas pessoas se viam anteriormente subjugadas (*Anexo B.50*).

Peça 9 : “Paris: ouverture d’un foyer temporaire pour migrants et hommes isolés”

(Arte)

A nona peça do nosso *corpus* intitula-se “*Paris : ouverture d’un foyer temporaire pour migrants et hommes isolés*”, e foi transmitida no dia 10.11.2016 pelo canal Arte. Trata-se, portanto, do dia em que o dispositivo de acolhimento foi inaugurado e aberto ao público (*Excerto (xxv)*)⁸¹:

⁸⁰ Tradução livre do excerto (xxiv): “[Assalariada]: Todos são quartos modulares, portanto para quatro pessoas. Este cartão é o cartão que eles recebem para ter acesso à refeição. Eles têm três refeições por dia e eles têm direito a café e chá à vontade. As autoridades não querem mais acampamentos selvagens como os que foram evacuados na semana passada, no bairro de Stalingrad, em Paris”.

⁸¹ Tradução livre do excerto (xxv): “[K. A-D]: Em França a abertura esta manhã em Porte de la Chappelle em Paris de um centro humanitário reservado aos migrantes, exclusivamente homens isolados que

Excerto (xxv)

“[Kady Adoum-Douass]: En France, l’ouverture ce matin Porte de la Chapelle à Paris d’un centre humanitaire réservé aux migrants, exclusivement des hommes isolés qui pourront y être hébergés de 5 à 10 jours avant d’être orientés vers d’autres lieux selon leurs situations. Une initiative qui se veut une alternative aux campements (...).”

Num primeiro momento, esta peça propõe descrever a organização e o funcionamento do dispositivo, mostrando-nos os diferentes locais que constituem o “*Centre Humanitaire de Paris-Nord*” (Anexo B.51 e B.52). É-nos informado que os homens que integram o centro são alojados de 5 a 10 dias (“*hébergés de 5 à 10 jours*”), reiterando a transitoriedade da sua estadia, e que residem no centro antes de serem “orientados para outros locais segundo as suas situações”. Posteriormente, a apresentadora refere que se trata de “uma iniciativa que se quer uma alternativa aos acampamentos”.

A reportagem inicia-se com a Aurélie El-Hassak Marzoti, representando a associação *Emmaüs-Solidarité*, dirigindo-se aos migrantes e apertando-lhes a mão. Na montagem, têm-se cuidado para deixar a gravação do áudio, de modo a que se ouça a interação entre a assalariada e os migrantes (ao acolhê-los, a assalariada exclama “*Bonjour!*”). São filmados assalariados e futuros residentes visualizados entre as grades (Anexo B.53). Vemos um assalariado com um capuz que lhe cobre o rosto e um colete de *Emmaüs-Solidarité* colocando-se à frente da entrada do CHPN. Grades verdes entreabertas encontram-se na lateral, remetendo para uma scenografia do encarceramento (Anexo B.54). O *voice-over* anuncia (Excerto (xxvi))⁸²:

poderão se albergar de 5 a 10 dias, antes de serem orientados a outras estruturas conforme as suas situações. Uma iniciativa que se quer uma alternativa aos acampamentos”.

⁸² Tradução livre do excerto (xxvi): “Um lar temporário para estes três eritreus, é o que incarna o novo centro humanitário em Paris. De uma capacidade de acolhimento modesta, 400 lugares, é uma primeira tentativa para regular a situação dos migrantes na capital. [V.O]: Além da estrutura de acolhimento, o centro oferece um auxílio administrativo aos requerentes de asilo. Cerca de 200 voluntários e assalariados os acolhem e estão dispostos a escutá-los. Sob o chapitot foram criadas oito aldeias, cada uma com cerca de vinte quartos, todas equipadas com quatro camas. As mulheres e as crianças são acolhidas em outras estruturas, enquanto os homens podem ficar até dez dias aqui até serem reorientados para outros destinos. ”

Excerto (xxvi)

“[V.O] : Un foyer temporaire pour ces trois érythréens, c’est ce qu’incarne le tout nouveau Centre Humanitaire à Paris. D’une capacité d’accueil modeste, 400 places, c’est une première tentative pour réguler la situation des migrants dans la capitale.

Au-delà de la structure d’accueil, le centre offre une aide administrative aux demandeurs d’asile. Près de 200 bénévoles et salariés les prennent en charge et sont à leur écoute.

Sous le chapitot ont été créés huit villages, chacun comptant une vingtaine de chambres, tout équipé de quatre lits. Les femmes et les enfants sont accueillis dans d’autres structures, quant aux hommes, ils peuvent rester jusqu’à dix jours ici, le temps de les réorienter vers d’autres destinations. ”

Observamos que o uso do substantivo “lar” (“*foyer*”) e do adjetivo “humanitário” (“*humanitaire*”) demonstra, em primeiro lugar, um rigor da reportagem na utilização de termos referentes ao CHPN. Por outro lado, a referência à proveniência das pessoas (“*ces trois érythréens*”) contribui para a outorgação de um “*background*”, complexificando um pouco a sua identidade (Rosello, 1998: 140). A adjetivação “modesta” (“*modeste*”) para referir-se à capacidade de acolhimento do centro, bem como o segmento “é uma primeira tentativa” (“*c’est une première tentative*”), reiteram o rigor supracitado. De facto, as diversas peças oriundas do canal Arte têm atenção para não gerar confusões discursivas entre o CHPN e os acampamentos de rua. Ao mesmo tempo, mantêm um tom crítico em relação à forma como os indivíduos serão tratados pelas associações.

Nessa sequência, a indicação de que “o centro irá oferecer auxílio administrativo aos requerentes de asilo” reitera que as pessoas se encontravam desprovidas de apoio institucional que permitisse encaminhá-las para que regularizassem situações de clandestinidade. A precisão de que “cerca de 200 voluntários e assalariados os [irão] acolher e [estarão] à sua escuta” reforça o caráter “humanitário” desta estrutura de acolhimento. As informações que se seguem, sob um registo descritivo, contribuem para criar uma imagem materializada do espaço do CHPN. A referência às oito “aldeias” (“*villages*”) atribui uma dimensão humana à estrutura, através da analogia com um espaço urbano organizado de pequena dimensão. A adjetivação “todo equipado” (“*tout équipé*”) reitera que os quartos nos quais as pessoas irão se instalar dispõem de recursos materiais apropriados para habitação.

Na última frase do excerto, é indicado que “as mulheres e as crianças” serão reorientadas a outras estruturas e que “os homens” poderão ficar entre 5 a 10 dias no local, antes de serem “reorientados a outras destinações”. Esta informação reitera o caráter de continuidade dos processos, mas relembra igualmente o aspecto transitório da estadia no centro. Por outro lado, o uso dos termos “outras destinações” é inespecífico e vago; já que não temos acesso a relatos pormenorizados dos locais onde estes indivíduos serão posteriormente colocados. Entendemos essa formulação como a manutenção de uma postura vigilante subreptícia; o enunciador descreve o centro com certa benevolência, embora sem deixar de se posicionar criticamente perante a alegada “reorientação” que as associações humanitárias propõem. No final da reportagem é apresentada a síntese que se segue (*Excerto (xxvii)*)⁸³:

Excerto (xxvii)

“[V.O] : Avec la construction de ce centre humanitaire les autorités parisiennes tentent de juguler un foisonnement de camps sauvages. Mais c’est une goutte d’eau dans une mer de misère. Des milliers de migrants vivent toujours dans la rue, d’autres centres sont en projet. Mais en attendant, l’hiver et le froid guettent les migrants. ”

A construção do CHPN é retratada, nestes termos, como uma tentativa das autoridades parisienses de “conter” (“*juguler*”) o surgimento de novos acampamentos selvagens. Essa ressalva reitera, novamente, que o objetivo deste projeto seria impedir a proliferação de migrantes sem-abrigo nas calçadas da cidade. Não obstante, a enunciação permanece crítica, reconhecendo que esta iniciativa constitui apenas “uma gota de água num mar de miséria”, já que “milhares de migrantes ainda vivem nas ruas”, e embora “outros centros estejam a ser planificados”, o “inverno e o frio irão pairar sobre os migrantes” (*Anexos B.55, B.56*).

Peça 10 : “Bénévoles Emmaüs avec les réfugiés pour le nouvel an”

(France 3)

⁸³ Tradução livre do excerto (xxvii): “[V.O] Com a construção deste centro humanitário, as autoridades parisienses tentam conter uma proliferação de campos selvagens. Mas é uma gota de água em um mar de miséria. Milhares de migrantes ainda vivem nas ruas, outros centros estão planejados, mas, entretanto, o inverno e o frio pairam sobre os migrantes.”

A décima peça do nosso *corpus* intitula-se “*Bénévoles Emmaüs avec les réfugiés pour le nouvel an*”, e é transmitida pelo canal France 3 no dia 31.12.2016. Trata-se da única peça que selecionámos que decorre mais de um mês após a abertura do centro. Destacam-se duas abordagens a partir da qual analisamos este documento: por um lado, o modo como os processos narrativos desencadeiam a construção da figura da “voluntária” (“*bénévole*”) no Centro Humanitário de *Paris-Nord*, e por outro, o modo como se articula a semi-invisibilidade da “figura do refugiado” que reside no centro. A peça inicia-se com a introdução do tópico por parte da apresentadora Catherine Matausch (*Excerto (xxviii)*)⁸⁴:

Excerto (xxviii)

“[Catherine Matausch] : Les migrants arrivés en France passeront cette nuit de la Saint Silvestre loin de la terreur, mais loin de leurs pays. Laurence Nahon et Samuel Guibout ont suivi une bénévole qui a choisi cette année de les accompagner pour cette fête.”

Em primeiro lugar, a apresentadora faz referência aos migrantes (“*les migrants*”) que “chegaram em França” e que se encontram numa situação ambivalente: embora passem a noite da São Silvestre “longe do terror”, também estarão “longe do seus países”. Encontram-se, desse modo, desprovidos de laços relacionais durante um período festivo em que o núcleo familiar representa a estrutura central. Posteriormente, é-nos referido que os dois repórteres terão seguido uma voluntária que escolheu passar o *réveillon* com estas pessoas; a peça é construída a partir do percurso desta jovem, traçando os contornos da sua decisão de “acompanhar [os migrantes] nesta festa [de fim-de-ano]”. A nível técnico e imagético, a peça é centrada no protagonismo da voluntária, a partir da constituição de *grandes planos* do seu rosto, e com os movimentos de câmara acompanhar o seu percurso (*Anexos B.57, B.58, B.59, B.60, B.61*). De um ponto de vista discursivo, também identificamos mecanismos que contribuem para a construção desta personagem através da valorização das suas “ações solidárias” (*Excerto (xxix)*)⁸⁵:

⁸⁴ Tradução livre do excerto (xxviii): “[C.M]: Os migrantes chegados a França passarão esta noite de São Silvestre longe do terror, mas longe dos seus países. Laurence Nahon e Samuel Guibout seguiram uma voluntária que escolheu, este ano, acompanhá-los durante estas festa.

⁸⁵ Tradução livre do excerto (xxiv): [V.O]: É no Centro Humanitário de Paris Nord que Stéphanie passará seu Ano Novo. Com uma jaqueta azul nas costas, ela se tornará voluntária de Emmaüs-Solidarité. Nesta

Excerto (xxix)

“[V.O] : C’est au Centre Humanitaire de Paris Nord que Stéphanie passera son Réveillon. Chasuble bleu sur le dos, elle devient bénévole d’Emmaüs Solidarité. Dans cette partie du Centre réservé à l’accueil de jour, elle croise des migrants venus se mettre à l’abri du froid. Comme ce couple arrivé depuis deux semaines d’Afghanistan.

[Stéphanie] : Souvent on ne parle pas la même langue. On baragouine quelques mots d’anglais, des fois quelques mots de turque, ou des mots d’arabe... Enfin, ce qu’on connaît de droite ou de gauche. Et ce qui est le plus important c’est que même si la langue nous fait défaut, on arrive à communiquer par des gestes, par des sourires... On en croise des regards parfois qui en disent long. On imagine bien qu’ils ont vécu des choses terribles...”

O *voice-over*, que cumpre a função de fio condutor, situa Stéphanie como a referência central da construção da narrativa: “*Stéphanie* passará o seu réveillon” (“*Stéphanie* passera son réveillon”), “colete azul sob as [*suas*] costas” (“chasuble bleue sur [*son*] dos”), “*ela* torna-se voluntária” (“*elle* devient bénévole”), “*ela* cruza-se com os migrantes” (“*elle* croise des migrants”). Estas referências – sempre na voz ativa – outorgam agencialidade a Stéphanie, que *escolhe* passar o seu réveillon nestas circunstâncias. O poder de decisão de que dispõe contrasta com a ausência de agencialidade atribuída aos refugiados e migrantes; é ela que *escolhe* tornar-se voluntária, é *ela* que os “cruza” ao transitar pelos corredores do centro.

As intervenções desta personagem contribuem, igualmente, para a construção da sua própria imagem: identificamos uma jovem benevolente, preocupada com o bem-estar dos outros, que disponibiliza o seu tempo para auxiliar pessoas necessitadas. A referência às tentativas de estabelecer pontes de comunicação, independentemente do empecilho linguístico, contribui para fortalecer os laços entre o telespectador e a personagem, que representa um membro da *comunidade imaginada* parisiense que tenta uma aproximação com os residentes do centro. A frase “*on imagine bien qu’ils ont vécu des choses terribles*” cumpre a função de demonstrar que a mesma se encontra sensibilizada perante as dificuldades com as quais estes indivíduos se vêem confrontados.

parte do Centro dedicada ao acolhimento diurno, ela encontra migrantes que se abrigam do frio, como esse casal que chegou há duas semanas do Afeganistão. [Stéphanie]: Muitas vezes nós não falamos a mesma língua. Balbuceamos algumas palavras de inglês, de turco ou árabe... Enfim, o que sabemos daqui ou dali. O que é mais importante é que, mesmo que o idioma nos falhe, conseguimos nos comunicar por gestos, por sorrisos... Às vezes trocamos olhares que dizem muita coisa. Podemos imaginar que eles vivenciaram coisas terríveis.”

A nível visual, observamos que a câmara segue o percurso de Stéphanie pelo CHPN, seguindo sempre os seus movimentos quando se desloca (*Anexo B.57*). Visualizamos o seu rosto em *grandes planos*, que revelam os seus traços faciais (*Anexo B.58*). A figura do “voluntário” é posteriormente valorizada pela intervenção de Aurélie El-Hassak Marzoti, diretora-geral adjunta de *Emmaüs-Solidarité*, que refere que “o Centro Humanitário não poderia viver, não poderia agir sem as energias positivas de todos estes voluntários que trabalham quotidianamente” (“*le Centre Humanitaire ne pourrait vivre, ne pourrait agir sans les énergies positives de tous ces bénévoles qui oeuvrent au quotidien*”).

Os “voluntários” tornam-se, assim, figuras centrais no mecanismo de acolhimento e auxílio humanitário; em simultâneo, identificamos opções discursivas que reforçam a invisibilidade da figura do “refugiado” (nesta reportagem identificado como “migrante”). De facto, os “refugiados” aparecem inicialmente apenas como referência sem discursos indiretos, na apresentação do tópico pela apresentadora no estúdio e ao longo das intervenções da voluntária. A nível imagético, são representados em segundo plano, virados de costas, ou cortados pelo enquadramento. Porém, a protagonista da imagem é sistematicamente Stéphanie, que é retratada de frente, a sorrir, enquanto os refugiados são marginalizados pelos enquadramentos da câmara (*Anexos B.59, 60, 61*). Quando surgem os *personagens* de um “casal afegão”, os mesmos não intervêm diretamente na reportagem. A primeira intervenção de um residente do centro, Moktar, ocorre no momento que se segue (*Excerto (xxx)*)⁸⁶:

Excerto (xxx)

[V.O] : Pour le nouvel an, le centre a organisé un gouter. Quelques gâteaux et boissons que Stéphanie et les autres bénévoles distribuent. Une présence qui apaise un peu les migrants.

[Moktar – réfugié guinéen] : Ça me donne un peu de l’espoir. Un peu de fierté. Nous sommes contents pour cela un peu.

[Journaliste] : Mais ça reste dur...

[Moktar] : Oui ça reste dur un peu. Beaucoup même.

V.O] : Passée la période des fêtes, Stéphanie a prévu de revenir au centre. Elle y sera bénévole une journée par mois.

⁸⁶ *Tradução livre do excerto (xxx)*: [V.O] Para o Ano Novo, o centro organizou um lanche. Alguns bolos e bebidas que Stéphanie e os outros voluntários distribuem. Uma presença que tranquiliza um pouco os migrantes. [Moktar - refugiado guineense]: Isso me dá um pouco de esperança. Um pouco de orgulho. Estamos um pouco felizes por isso. [Jornalista]: Mas ainda assim é difícil ... [Moktar]: Sim, continua a ser um pouco difícil. Aliás, muito. [V.O]: “Após o período de festas, Stéphanie previu retornar ao centro. Ela será voluntária uma vez por mês”

A fala de Moktar surge na sequência de uma afirmação feita pelo dispositivo de *voice-over*: “uma presença que tranquiliza um pouco os migrantes” (“*une présence qui apaise un peu les migrants*”), referindo-se à presença dos “voluntários” como modo de “aliviar” a dureza da realidade destas pessoas. Após a intervenção do mesmo, uma jornalista questiona se, mesmo com estes auxílios administrativos, a situação “continua a ser difícil”. Moktar assente, acrescentando que continua a ser “*muito* difícil”; novamente, a sua intervenção serve para reiterar as afirmações feitas pela plataforma jornalística. Na conclusão da peça, é-nos referido que Stéphanie pretende retornar ao centro, onde será voluntária uma vez por mês. Constatamos que existe um desnível evidente entre o protagonismo atribuído à voluntária e a semi-invisibilidade da figura do “refugiado” que surge, inicialmente, apenas em referências indiretas, e posteriormente para legitimar o discurso jornalístico. Não nos é apresentado, nesta peça, uma visão de maior profundidade sobre Moktar, que é retratado como um personagem unidimensional. Por outro lado, o discurso de sensibilização alinha-se com o contexto de períodos festivos, que realçam os sentimentos de “benevolência” e de “redenção” (Falk, 2010: 84).

Para finalizar, ao analisar este *corpus* de representações do CHPN, identificamos que o discurso mediático sobre a recepção de refugiados no espaço público é heterogéneo e polifónico (Perbost, 2012: 3). Em diversas reportagens, ocorrem menções a outros dispositivos de acolhimento, nomeadamente os de Sangatte, Calais, Grande-Synthe e Forges-Les-Bains. O diálogo com estas estruturas ocorre devido ao carácter interdiscursivo da prática jornalística (Perbost, 2012: 9). Desse modo, estas referências contribuem para situar as representações do CHPN num espectro mais amplo, permitindo a sua inserção no segmento do *mediascape* centrado no acolhimento humanitário. Na secção seguinte, iremos desenvolver uma abordagem descritiva das demais estruturas de acolhimento mencionadas, de modo a apreender as implicações interdiscursivas que se estabelecem com os elementos do nosso *corpus* de análise.

III. O diálogo com outras estruturas de acolhimento para refugiados: *Sangatte, Calais, Grande-Synthe e Forges-Les-Bains*

Identificamos nestas peças referências a outras estruturas de acolhimento nas quais se abrigaram requerentes de asilo em França, sob condições deterioradas, por períodos relativamente prolongados desde os últimos anos do século XX. Embora o

universo de referências seja extenso, iremos citar as entidades que surgem de modo explícito e proeminente nestes discursos. Em primeira intância, a discussão sobre a gestão de fluxos de migrantes e acolhimento humanitário em França é inexoravelmente marcada por um centro da Cruz Vermelha, inaugurado em Setembro de 1999 na comuna de Sangatte. Os migrantes recebidos nesta estrutura eram em grande parte oriundos do Kosovo, devido ao centro ter sido inaugurado durante o ápice da crise que assolava os Balcãs⁸⁷. Segundo Thomson (2003), entidades como *Le Gisti* relatam que o local era “originalmente um armazém em que se depositavam equipamentos usados para cavar o Túnel da Mancha entre o Reino Unido e a França (...) [e] “o auxílio oferecido era básico; sem aquecedores, poucos chuveiros e tendas ou cabines de metal para a acomodação”. Originalmente, o centro previa acolher 700 pessoas, mas rapidamente este número aumentou para 1800, e as condições de habitação começaram a deteriorar-se (Thomson, 2003: 3).

Pese à precariedade, o fluxo de pessoas não cessava de incrementar, levando facções da classe política a crer que a estrutura estaria a atrair “imigrantes económicos ilegítimos” e a transformar-se num ponto de referência para a clandestinidade. (*Ibidem*) De facto, a proximidade da estrutura com o Eurotúnel representava uma fonte exacerbada de tensões entre as duas nações europeias. Recorrentemente, associava-se o espaço fronteiriço às práticas criminosas de contrabandistas que se engajavam em tráfico humano, reforçando as preocupações de segurança pública por parte das autoridades. As funções primordiais do Estado-Nação de assegurar a integridade do seu território e segurança interna para os seus nacionais estavam a ser veementemente postas em causa dos dois lados do canal. Assim, as negociações entre França e Reino-Unido referiram procurar as “soluções mais equitativas e a longo prazo” (*Ibidem*), e culminaram no encerramento do dispositivo em França e na implementação de políticas migratórias mais restritivas no Reino-Unido. Este desfecho abrupto desencadeou discussões inflamadas nas plataformas de comunicação francesas, que Didier Fassin interpreta nos seguintes termos:

“[Sarkozy] would close the Sangatte center in the name of the Republic. Branding the building “sinister,” he threw his opponents’ argument back at them, asserting that he rejected the “undignified conditions” to which foreigners were being subjected. He and his collaborators, notably Brice Hortefeux, who would

⁸⁷ Informação recolhida no artigo “Sangatte refugee camp”, publicado no jornal The Guardian no dia 23.05.2017 (Consultado em: <https://goo.gl/qdiuby> no dia 01.09.2017)

go on to become the minister of immigration several years later, went so far as to adopt the word “camp” themselves in order to condemn past policy and justify closing the center.” (Fassin, 2012:134).

Impõe-se aqui a narrativa da “moral republicana”, que prega os valores franceses de liberdade, igualdade e fraternidade, e que afirma não tolerar “as condições indignas nas quais se encontram estas pessoas”. Este discurso busca agradar tanto os partidos nacionalistas quanto tentar justificar-se perante as associações humanitárias. Como referido, o uso do termo “camp” surgiria fortemente conotado, de modo a denegrir a imagem do centro de acolhimento de Sangatte, justificando o decreto que levou ao seu encerramento. A partir deste ponto de viragem, Ibrahim e Howarth (2016) argumentam que “ao rotulá-los como *migrantes*, os governos de França e do Reino-Unido procuraram evitar arranjos para refugiados garantidos pelo direito internacional. Através desta retórica, o governo de Sarkozy colocou uma “proibição *de facto* em abrigos semi-permanentes” (Ibrahim & Howarth, 2016: 5-6). Consequentemente, a importância do encerramento de Sangatte emana do facto de representar um evento traumático, amplamente retratado pelos *medias* e ancorado no imaginário coletivo como um “problema de segurança pública” e uma afronta aos “valores da República”.

A segunda menção que surge nas peças que seleccionámos é a referência a Calais. Na peça “*Plateau Invité: Florian Philippot*”, o convidado discorre sobre os motivos pelos quais se opõe à criação do CHPN e refere: “(...) *on est en train de mettre partout en France des jungles... Des mini-jungles de Calais... La mini jungle deviendra la grande jungle demain...*”⁸⁸. Com isso, o enunciador pretende desqualificar a inauguração do projeto da câmara municipal de Paris, ao associá-lo a uma experiência cujos resultados foram extremamente negativos. Embora o aglomerado de migrantes em Calais exista desde o início dos anos 2000 e tenha sido “desmantelado” em diversas ocasiões – e de forma particularmente emblemática no ano de 2009⁸⁹ – a atenção renovada que adquiriu a crise no *mediascape* francês em 2015 deveu-se a eventos de maior escala que ocorriam às portas da “fortaleza da Europa” (Ravenel, 1993:101), quando um número sem

⁸⁸ Tradução livre: “Estamos a colocar em todos os lados selvas... Mini-selvas de Calais... A mini-selva tornar-se-á a grande selva amanhã...”

⁸⁹ No dia 22 de setembro de 2009, a *Jungle de Calais* (I) é desmantelada por cerca de 500 policiais sob ordens do presidente Nicolas Sarkozy. O argumento estatal é impedir que as pessoas sejam vítimas de tráfico humano. Relatos de violências por parte do Estado afluem igualmente à posteriori nas plataformas de comunicação.

precedentes de refugiados arriscava as suas vidas em embarcações sobrelotadas sob condições de extremo perigo⁹⁰. Eventos como o naufrago de uma estrutura transportando 950 pessoas na costa da Líbia em Abril de 2015, deixando apenas 28 sobreviventes, e a imagem trágica do jovem Aylan Kurdi numa praia turca em setembro de 2015 simbolizaram o agravamento do fenómeno. Desse modo, Ibrahim e Howarth referem que “algumas destas temáticas são intertextuais relacionando-se com [fenómenos migratórios] mais amplos (...) o alargamento da [esfera] visual é encaixada com a inquietação do público quanto ao afogamento de pessoas e às mortes que ocorrem no mar Mediterrâneo” (Ibrahim & Howarth, 2016: 7).

Segundo dados da plataforma Junglenews, disponibilizada pelo canal Arte⁹¹, o “início do fim” da jungle de Calais (intitulada por muitos *Jungle II*, após o desmantelamento massivo da *Jungle I* em 2009) começa em Março de 2016. A partir desta data, o governo propõe-se “[*détruire*] la dynamique de cette ville qui est en train de naître”⁹². A região sul do local é inteiramente destruída, os restaurantes e as lojas encerradas. Interditada-se a entrada de material de construção na “jungle” para que não se ergam mais casas, e as pessoas que chegam vêm-se obrigadas a acampar em tendas. Segundo François Guennoc: “*Ce qui est devenu une ville se transforme de nouveau en camp*”.⁹³ A partir de setembro e outubro 2016, o ministro do interior, Bernard Cazeneuve, anuncia o desmantelamento oficial da *Jungle II*. A presidente da câmara da municipalidade de Calais, Natacha Bouchart, refere uma destruição “total”, em “apenas uma etapa”⁹⁴. As associações humanitárias posicionam-se contrariamente a um desmantelamento acelerado, argumentando que com isso não haverá margem para que as pessoas possam encontrar alternativas de alojamento. Não obstante, entre os meses de Outubro e Novembro de 2016, as forças policiais francesas evacuam todas as pessoas que se encontravam instaladas na região. O papel das representações que circulam do desmantelamento da estrutura de Calais em 2016 é incontornável na medida em que remete para eventos migratórios massivos cujo desenlace ocorria às portas da Europa.

⁹⁰ Segundo dados da International Organization for Migration (IOM), mais de 3,770 pessoas perderam a vida no ano de 2015 na tentativa de cruzar o mar Mediterrâneo (Consultado em: <https://goo.gl/sd1dvN> no dia 12.09.2017)

⁹¹ Informação recolhida através da plataforma Junglenews do canal Arte (Consultado em: <https://goo.gl/qkEbiA> no dia 12.09.2017)

⁹² *Ibidem.*

⁹³ *Ibidem.*

⁹⁴ *Ibidem.*

Esta sequência de eventos traumáticos segue-se ainda de dois incêndios de centros de acolhimento a refugiados, dos quais traçaremos uma cronologia breve. No inverno de 2015, cerca de 3000 pessoas estavam instaladas em situações de escassez no bairro de Basroch, em Dunquerque ⁹⁵. Com vista a dar resposta a esse fenómeno, o presidente da câmara Damien Carême encarregou a associação *Utopia 56* de gerir um centro intitulado “La Linière”, em Grande-Synthe, no mês de Março de 2016. O financiamento do projeto foi principalmente levado a cabo por fundos da associação *Médecins Sans Frontières* (MSF). Não obstante, os poderes municipais e estaduais anunciam, em Março de 2017, que pretendiam o encerramento do local, contrariando o presidente da câmara⁹⁶. Na noite de 10 a 11 de abril de 2017, um incêndio destrói, tragicamente, mais de metade do terreno⁹⁷. Um segundo incêndio, desta vez em *Forges-les-Bains* (Essonnes), obteve um lugar de destaque no *mediascape* francês no outono de 2016. As referências a este incidente, que ocorreu na noite de 5 a 6 de Setembro de 2016 estabeleceram ligações com a abertura do centro de acolhimento em Paris. Segundo a câmara municipal local, o futuro centro iria acolher 91 requerentes de asilo, principalmente de origem sudanesa e afegã, mas as chamas destroçaram partes do local pouco tempo antes. Embora não se saibam os motivos que levaram ao incidente, a polícia e as plataformas mediáticas especularam que tivesse sido um ato criminoso, já que, dias antes, uma tentativa de inundação teria ocorrido no mesmo estabelecimento. Não obstante, não foram divulgadas informações definitivas acerca das causas dos respectivos incêndios.

Identificamos, na formulação destas narrativas, padrões de adversidades que se repetem sem que se forneçam explicações claras sobre a origem das mesmas. A ausência da divulgação das “resoluções” destes ataques remetem para uma explicação opaca, como se tratasse de um alerta “transcendente” ou de um “castigo divino” (“*châtiment divin*”). Efetivamente, a noção de “arquétipo mítico” seria caracterizada por constituir um padrão que se repete, e por implicar a suspensão de marcadores espaço-temporais. A percepção da comunicação de massa como um fenómeno que “reordena [duas dimensões:] o tempo e o espaço” (Thompson, 1995: 31) sublinharia a aproximação entre notícias jornalísticas

⁹⁵ Informação recolhida no artigo “À la Grande-Synthe, 3000 migrants dans le froid et un océan de boue” publicado por France Info no dia 31.12.2015 (Consultado em: <https://goo.gl/rS6aow> no dia 01.09.2017)

⁹⁶ Informação recolhida no artigo: “Le maire de Grande-Synthe s’oppose à la fermeture du camp de réfugiés”, publicado pelo jornal Le Monde no dia 15.03.2017 (Consultado em: <https://goo.gl/rp87rb> no dia 12.09.2017)

⁹⁷ Informação recolhida no artigo: “À Grande-Synthe, la fin brutale et symbolique d’un camp de migrants qui se voulait exemplaire”, publicado pelo jornal Huffington Post no dia 11.04.2017 (Consultado em: <https://goo.gl/PRWtG5> no dia 12.09.2017)

e arquétipos míticos. Por outro lado, Mircea Eliade refere que: “(...) *But to relate a sacred history is equivalent to revealing a mystery. (...) The myth proclaims the appearance of a new cosmic situation or of a primordial event. Hence it is always the recital of a creation; it tells how something was accomplished, began to be*”. (Eliade, 1959:95). A repetição de infortúnios relacionados aos períodos inaugurais da “criação” de centros de acolhimento humanitários seriam projetados como argumentos que sustentariam posições contrárias à criação de um dispositivo análogo em Paris.

Considerações finais

Les États européens semblent se désolidariser de la question de l'accueil des demandeurs d'asile et des migrants, et laissent place à un système de gestion plus local, fonctionnant généralement entre le formel et l'informel, donnant couramment lieu à des dérives.

- Picard & Lagarde, 2016 :155.

As grandes cidades europeias têm sido palco de um incremento de tensões sociais no que diz respeito ao acolhimento de requerentes de asilo e migrantes desde 2015. Consequentemente, medidas de regulamentação de políticas migratórias têm vigorado, com vista a assegurar a proteção da “fortaleza da Europa” (Ravenel, 1993:101). Por outro lado, os governos nacionais têm oscilado entre posturas de coerção e de inércia quando confrontados com a necessidade de acolher indivíduos estrangeiros no seu território (Jendly, 2007:197). Para dar resposta a estes fenómenos, iniciativas de gestão local têm surgido no seio de câmaras municipais, organizações não-governamentais (ONG) e grupos militantes. Com o surgimento de acampamentos precários em Paris, a consolidação da imagem de corporalidades exteriores no espaço público remete para um fenómeno que Fassin define como “*compassionate repression*”:

“In the context of a consolidated European Union, which has strengthened control at its frontiers, the political economy of contemporary Europe has reduced immigrants from poor countries to what Hannah Arendt called “workers without work, that is, deprived of the only activity left for them” (1983:38). Its moral economy has evolved toward a compassionate attention to individual suffering in which the search for a common humanity resides in the recognition of bare life, that of the physical alterations of the body” (Fassin, 2005:372).

Ao examinar as representações da cerimónia pública de inauguração de um centro de acolhimento para refugiados no norte de Paris que circulam nos principais telejornais franceses, podemos concluir que estas peças traduzem, de certa forma, o modo como as organizações mediáticas se posicionam em relação à implementação deste projeto de acolhimento. Por outro lado, estas formulações discursivas constituem um espelho que retrata a forma como os *medias* e segmentos da coletividade refletem sobre o acolhimento do *outro* e sobre os impactos que essa abertura ao “estrangeiro” exerce sobre as dinâmicas locais. Regressando à pergunta de partida elaborada no início desta dissertação, interessou-nos, ao longo deste trabalho, identificar os principais mecanismos discursivos utilizados para formular as representações do Centro Humanitário de *Paris-Nord* no *mediascape* francês. Considerando que França é o berço de algumas das maiores

associações humanitárias existentes – *Croix Rouge, Médecins du Monde [MdM], Médecins Sans-Frontière [MSF]* – partimos da premissa de que, através da desconstrução destas representações, poderíamos identificar reflexões sobre as práticas de acolhimento a refugiados no imaginário nacional contemporâneo.

Havíamos colocado, em primeiro lugar, a hipótese de que estas representações associariam a abertura do centro à deterioração do espaço público da cidade. Efetivamente, o recurso linguístico a *figuras de estilo* tais como a *hipérbole* (peças 1, 2), a *analogia* (peça 2) e as *perguntas retóricas* (peças 2, 5) procura criar uma imagem ampliada do impacto do centro de Porte de la Chapelle sobre a urbe parisiense, bem como gerar confusões discursivas entre o centro de acolhimento e os acampamentos precários de Jaurès e Stalingrad. A implementação do dispositivo de entrevistas sob a forma de *micro-trottoir* visa, igualmente, legitimar estas reportagens como fontes fidedignas de informação, que integram as “vozes exteriores” dos parisienses. No seio destas intervenções, destacamos as referências às preocupações com a “insegurança” derivada da proximidade entre “refugiados” e “crianças”, reiterando as associações entre o CHPN e problemas de “segurança pública” e levando os residentes a “não reconhecerem o seu bairro”. Por outro lado, a intervenção do deputado de oposição Daniel Fasquelle reforça a ideia da implementação do centro como equivalente à transformação da cidade num “bairro de lata” (“*bidonville*”), termo fortemente conotado no seio do imaginário francês. Esta referência é emblemática na medida em que remete para um imaginário mais extenso sobre a relação entre as migrações e o reordenamento da cidade.

Tradicionalmente, as populações migrantes (particularmente originárias do leste da Europa, os “*roms*”) ocuparam alojamentos precários intitulados “*bidonvilles*” de forma notória em França (Legros, 2014: 2). A construção de uma imagética da criminalidade e da marginalidade nestes espaços foi recorrentemente reiterada pelos *medias* e veio acompanhada da elaboração de políticas públicas que postulavam a “integração” destas comunidades nas dinâmicas da cidade (Bourgois *et al.*, 2015: 12). O “discurso da integração” no mundo francófono destaca-se por privilegiar uma ótica culturalista para explicar as dificuldades que alguns imigrantes encontram em adaptar-se às dinâmicas locais, ao invés de questionar as exacerbadas dificuldades administrativas e burocráticas com as quais se confrontam para regularizar as suas situações (Ehret, 2002: 25) ou bem as representações pejorativas que os precedem, condicionando a receptividade das sociedades de acolhimento (W.J. T. Mitchell, 2010:13). O medo de “infecção” de corpos

debilitados surge ancorado às reflexões que justificam a implementação de medidas de segregação urbana em espaços porosos (Falk, 2010: 84).

Nesses termos, constatamos que as dimensões textual e imagética destas reportagens (*peças 3, 5, 6*) reforçam a conceptualização do CHPN como um *hors-lieu*: a visualização de andaimes, escavadeiras, vidros partidos e paredes repletas de *tags* sublinham o caráter transitório e marginalizado do terreno. Isto é reiterado por formulações discursivas que referem que o centro se encontra “às portas de Paris” (*peças 3, 5*). Ora, a construção da narrativa de deterioração do espaço urbano nestas peças é apenas parcial, na medida em que certas reportagens do *corpus* não corroboram esta premissa. As peças oriundas do canal Arte (*peças 4, 9*) manifestam, por vezes, uma postura crítica: é o caso da *peça 4*, que se posiciona contrariamente aos acampamentos de Jaurès e Stalingrad de forma muito clara, qualificando-os como uma “vergonha” e cumprindo a função de distingui-los da estrutura oficial do CHPN. Por outro lado, a *peça 7*, transmitida pelo canal France 3, refere que a construção de um centro em Paris poderia representar um “emblema de esperança” para Stéphane Azzathia e para as demais pessoas que se encontram desalojadas.

A segunda hipótese que havíamos colocado era que a construção da “alteridade” dos indivíduos nestas reportagens seria feita através da associação dos mesmos a dimensões de “ilegalidade” (Rosello, 1998: 139). Identificamos, em elementos do *corpus*, mecanismos discursivos que reforçam o caráter “ilegal” dos acampamentos urbanos; embora não seja o caso em todas as reportagens. Em uma das peças em que temos acesso à figura de um residente dos acampamentos precários (*peça 7*), é-nos revelado que o mesmo fugiu de uma prisão na Líbia durante a guerra civil, reforçando a ideia de criminalização da figura do “migrante”. A dimensão imagética de muitas destas peças contribui para a “invisibilização” destas pessoas, através de filmagens que ocultam os rostos, planos efêmeros que ilustram um coletivo de pessoas visualmente “ameaçadoras”, pessoas cortadas pelos enquadramentos da câmara, a redução do corpo das pessoas ao estado de *zoé* (Saillant & Truchon, 2008: 63). O recurso a determinadas *figuras de estilo* através de adjetivações como “acampamentos ilegais” (*peça 2*) e “migrantes que chegaram *ilegalmente* em França” (*peça 5*), reforça essa dimensão.

Não obstante, em outros elementos do *corpus* (*peça 4*) identificamos filmagens de grandes planos “humanizantes” destas pessoas, através do retrato dos seus rostos, expressões faciais, imagens de crianças, mulheres e famílias. Através destes mecanismos,

atribuí-se à figura do refugiado um carácter humanizado, e o potencial de criação de laços empáticos entre telespectador e indivíduo projeto no ecrã é reforçado. Constatamos, nesses termos, que as reportagens alternam entre duas abordagens principais: optar por termos, modalidades e figuras de estilo que associam a presença destas pessoas no espaço público à “ilegalidade” ou evocar o campo lexical da “redenção”, do acolhimento destas pessoas como um “dever” e uma “virtude”, remetendo para o imaginário da iconografia cristã referido por Falk (2010) e pela oxímora referida por Fassin (2005).

A terceira hipótese que tínhamos colocado era a de que as representações do CHPN partem de um fenómeno *local* e adquirem o estatuto de um evento *nacional e transnacional*, garantindo assim um lugar de destaque no *mediascape* francês. Observamos, por um lado, que as referências a figuras de autoridade nestas reportagens visam legitimar o evento retratado como politicamente relevante. De facto, a presença de Anne Hidalgo, presidente da câmara municipal de Paris e Dominique Versini, adjunta de solidariedade à câmara municipal (*peças 1, 4, 5*) destacam a importância da cerimónia de inauguração do centro no espaço político da cidade. Posteriormente, as personagens de Florian Philippot e Daniel Fasquelle atribuem às reportagens um destaque nacional. Interessa notar que as representações do centro como um dispositivo “apaziguador” de tensões sociais, que pretende assegurar a “integração” dos refugiados na comunidade local são igualmente empreendidas através de práticas mediáticas paralelas. Efetivamente, a vinheta etnográfica que apresentei, na qual a filmagem de um jogo de *cricket* entre refugiados e crianças da FFC num centro desportivo local (contando com a presença da diretora-geral adjunta de *Emmaüs-Solidarité* e o *Maire* do 18^o *arrondissement* de Paris) exerce a função de reforçar a imagem do CHPN como um projeto que promove a integração dos refugiados no bairro de Porte de la Chapelle de forma consistente. Por outro lado, estas práticas levantam questões importantes sobre a construção de imagens do centro erguidas em diferentes escalas; a “negociação” da imagem do CHPN e do seu impacto é, assim, sujeita à interação entre atores sociais, políticos e mediáticos diversos.

Por outro lado, a associação do projeto a experiências prévias de acolhimento a refugiados em França reforça a sua conceptualização como um evento de interesse *nacional* (*peça 1; 2; 6*). Diversas reportagens estabelecem diálogos entre o CHPN e outros dispositivos de acolhimento a refugiados, criando processos interdiscursivos e atestando do carácter contínuo da veiculação de tópicos relacionados às adversidades

associadas ao acolhimento de refugiados nas plataformas de comunicação francesas. Efetivamente, a evocação de fenómenos tumultuosos tais como o encerramento do centro de Sangatte, o desmantelamento de Calais por *bulldozers*, os incêndios que arrasaram os centros de Grande-Synthe e Essonne resgatam as imagens de vicissitudes associadas a estes projetos. Por último, a referência ao centro como “o maior da Europa” sublinha a transição do evento da cena nacional à internacional: “*The liminality of the situation of refugees and the ambiguity of the hospitality they are provided offers a transition between the national and the international scenes (...)*” (Fassin, 2012: 16). O evento da inauguração de um centro de acolhimento em Porte de la Chapelle em Paris assegura, deste modo, a continuidade da temática do acolhimento a refugiados nos *imaginary landscapes* (Rubdy & Alsagoff, 2013) parisienses, franceses e europeus, ao tempo que exorta alguns dos seus pontos mais sensíveis.

BIBLIOGRAFIA

- Abélès, M. (1988). “Modern Political Ritual: Ethnography of an Inauguration and a Pilgrimage by President Mitterrand”, *Current Anthropology*, Vol. 29, No.3, 391-404;
- Abu-Lughod, L. (1997). “The interpretation of Culture(s) after Television”, *Representations*, N° 59, Special Issue: *The Fate of “Culture”: Geertz and Beyond*, 109-134;
- Amireault, V. (2007). *Représentations culturelles et identité d’immigrants adultes de Montréal apprenant le français* (Tese de doutoramento). Université McGill, Montréal;
- Anderson, B. (1983). *Imagined Communities: Reflections on the Origin and Spread of Nationalism*, London, Verso;
- Andrade, M. (1993). “A digressão como estratégia discursiva na produção de textos orais e escritos”, *ABRALIN – Boletim da Associação Brasileira de Lingüística*, 14, 425-453;
- Ang, I. (1985). *Watching “Dallas:” Soap opera and the melodramatic imagination*. New York: Methuen;
- Appadurai, A. (1996), *Modernity at Large: Cultural Dimensions of Globalization*, University of Minnesota Press; 1 edition;
- Appadurai, A. (1990), Disjuncture and Difference in the Global Cultural Economy, *Public Culture*, Vol. N° 2;
- Augé, M. (1992), *Non-Lieux : introduction à une anthropologie de la surmodernité*, Paris, Seuil, Coll. La librairie du XXIème siècle;
- Berthaut, J. (2013), *La banlieue du 20 heures. Ethnographie de la production d’un lieu commun journalistique*, Agone, coll. L’Ordre des choses ;
- Berthaut, J., Dar, E., Sylvain, L. (2009), “Pourquoi les faits-divers stigmatisent-ils ? L’hypothèse de la discrimination indirecte”, *Réseaux*, n° 157-158 (*Pratiques journalistiques*), 89-125
- Bird, E. (2005). “The Journalist as Ethnographer? How Anthropology can Enrich Journalistic Practice” em Rothenbuhler, E.W, Coman, M. (orgs), *Media Anthropology*, 301-308

Bird, E. (2009) (org.). *Anthropology of news and journalism: global perspectives*, Indianapolis: Indiana University Press;

Bondol, J-C (2006). *La médiation journalistique dans le discours rapporté direct : mise en évidence du point de vue subjectivisant dans le langage de la télévision*. Article de linguistique/sciences de l'information et de la communication;

Bourgois, L. et al. (2015), "Du bidonville à la ville: vers la «vie normale»? ", Recherche-Action, Parcours d'Insertion des personnes migrantes ayant vécu en bidonvilles en France, La Délégation Interministérielle à l'Hébergement et à l'accès au logement (DIHAL) ;

Brito-Semêdo, M. (2006). *A construção da identidade nacional : análise da imprensa entre 1877 e 1975*, Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro (IBNL) (Edição da tese de doutoramento defendida pelo autor em Dezembro de 2003, na Universidade Nova de Lisboa), 21-38;

Brooks, P. (2011). "Semiotics and Thick Description" em Jeffrey C. Alexander, Philip Smith, M. Norton (orgs), *Interpreting Clifford Geertz: Cultural Investigation in the Social Sciences*, Cultural Sociology, 9-16;

Cancillieri, F. (2013), "La représentation de Paris dans la littérature du XIXème siècle : entre mythe et réalité" (Travail de candidature), Esch-sur-Alzette ;

Camargo Heck, M. (1980). "The ideological dimension of media messages", in *Culture, Media, Language*, Centre for Contemporary Cultural Studies;

Cervulle, M. (2013). "Les controverses autour du «Mariage pour tous» dans la presse nationale quotidienne : du différentialisme ethno-sexuel comme registre d'opposition", *L'Homme et la Société*, 2013/3 (n°189-190), 207-222, DOI 10.3917/lhs.189.0207 ;

Coloumb-Gully, M. (2002). "Propositions pour une méthode d'analyse du discours télévisuel", *Mots. Les langages du politique* [Online], 70. Disponible em : <http://mots.revues.org/9683> ; DOI : 10.4000/mots.9683 (Consultado em : 03.07.2017);

Coman, R. et al. (2016). *Méthodes de la science politique*, Belgique, De Boeck Supérieur s.a ;

Coman, M. (2003). *Pour une Anthropologie des Médias*, Presses Universitaires de Grenoble - PUG;

- Corneau, F., Dunezat, X. (2008). “Faire figure d’immigré-E”, *Espace populations sociétés*, 2008/3, disponibilizado online a partir de 1 de dezembro 2010. DOI: 10.4000/eps.3529;
- Derrida, J (1967). *La structure, le signe et le jeu dans le discours des sciences humaines*, Paris, “Seul”, 409-429;
- Doniger, W. (1995). “Preface” em Lévi-Strauss, C., *Myth and Meaning: Cracking the code of culture*, Schocken Books; 1st Pbk. Ed edition (1 Mar. 1995)
- Ehret, R. (2002). “Le discours de l’intégration. De quelle culture parlons-nous ?”, *Ethnologie Française* 2002/2, (Vol.32), 253-261 ;
- Eliade, M. (1959). *The Sacred and the Profane: The nature of religion*, A Harvest Book, Harcourt, Brace & World, Inc., New York;
- Fairclough, N. (1995). *Critical discourse analysis: the critical study of language*. London: Longman;
- Falk, F. (2010). “Invasion, Infection, Invisibility: An Iconology of Illegalized Immigration”, em Christine Bischoff, Francesca Falk, Sylvia Kafehsy (orgs.), *Images of Illegalized Immigration: Towards a Critical Iconology of Politics*, Transcript Verlag, Bielefeld, 83-100;
- Fassin, D. (1996). “ « Clandestins » ou « exclus » ? Quand les mots font des politique”, *Politix*, vol.9, n°34, DOI: 10.3406/polix.1996.1032 ;
- Fassin, D. (2005). “Compassion and Repression: the Moral Economy of Immigration Policies in France”, *CULTURAL ANTHROPOLOGY*, Vol. 20, Issue 3, pp. 362–387;
- Fassin, D. (2012). *Humanitarian Reason: a moral history of the present*, University of California Press; 51501st edition (October 3, 2011);
- Ferreira, S. (2008). “Antropologia dos Media : perspectivas e leituras”, CPIESCS, vol.3, N°5;
- Ferreira, S., Silvano, F., Rosales, M. (2012). “*Gente da Nossa* - the production of a mediated “Portuguese discourse in Canada”, *Portuguese Studies Review* 20 (2), 143-169;

- Ferreira, S. (2017). “Magazine Contacto” (2017): medias et performance dans la construction de l’identité nationale”, *Cahiers de l’Urmis*, 17, URL: <http://urmis.revues.org/1451>;
- Foucault, M. (2008). *A arqueologia de saber*, 7ed, Rio de Janeiro, Forense Universitária;
- Foucault, M. (1976). *História da Sexualidade*, Gallimard ;
- Geertz, C. (1973). *The Interpretation of Cultures*, Basic Books;
- Ghosn, C. (2013). “Minorités ethniques et télévision : quel constat en France et à l’étranger ? Comparaison sélective”, *Les Enjeux de l’information et de la communication* 2013/1 (n° 14/1), 51-61
- Hall, S. (1980). “Introduction to Media Studies at the Centre” em *Culture, Media, Language*, Centre for Contemporary Cultural Studies;
- Hall, S. (1980). “Encoding/Decoding”, em *Culture, Media, Language*, Centre for Contemporary Cultural Studies
- Hall, S. (1997). *Representation: Cultural Representations and Signifying Practices*, Sage Publications;
- Hall, S. (1985). Gramsci’s contribution to the study of race and ethnicity, In *Colloquium on Theoretical Perspectives in the Analysis of Racism and Ethnicity*, Paris, 1985, Division of Human Rights and Peace, U.N.E.S.C.O;
- Hoog, E. (2006). “L’instauration d’un dépôt légal de la radiotélévision”, em *L’INA*, Que sais-je?, 29-30;
- Hassenteufel, P. (2010). “Les processus de mise sur agenda : sélection et construction des problèmes publics”, *Informations Sociales* 2010/1 (n°157), 50-58 ;
- Ibrahim, Y, Howarth, A. (2016). Imagining the Jungles of Calais: Media Visuality and the Refugee Camp, *Networking Knowledge* 9(4) Fortress Europe: Media, Migration and Borders;
- Inastat (2015). *20 ans de JT*, Le baromètre thématique des journaux télévisés, n°38 ;
- Inastat (2016). *10 ans de migrations dans les JT*, Le baromètre thématique des journaux télévisés, n° 41 ;

Jendly, M. (2007), « Retour ou pérennité des camps ? », Cultures & Conflits, Le retour des camps ? Sangatte, Lampedusa, Guantanamo..., Paris, Autrement, 197-200. Disponível em : <https://conflits.revues.org/3139>

Keita, S. (2009). *Communication, médias et solidarité internationale : la médiatisation de l'humanitaire dans la presse française*, (Tese de doutoramento). Université de Lorraine ;

Legros, O. (2011). “Campements et bidonvilles roms en France : quelle(s) solution(s) pour quel(s) problème(s) ?” *Précarisation et grande exclusion*, Mai 2010, La Courneuve, France, 85-90 ;

Lévi-Strauss, C. (1995), *Myth and Meaning: Cracking the code of culture*, Schocken Books; 1st Pbk. Ed edition;

Lule, Jack, “News as Myth: Daily News and Eternal Stories” (2001) em Rothenbuthler, E.W, Coman, M. (2005). *Media Anthropology*, SAGE Publications;

Maigret, E. (2003). *Sociologie de la communication et des médias*, Paris, Éditions Armand Colin, Coll. “U” ;

Maingueneau, D. (2004). *Análise de textos de comunicação* – 3. Ed. – São Paulo: Cortez: 2004;

Mankekar, P. (1993). *National texts and gendered lives: an ethnography of television viewers in a North Indian city*, DOI: 10.1525/ae.1993.20.3.02a00050;

Mills-Affif, E. (2004). *Filmer les immigrés : les représentations audiovisuelles de l'immigration à la télévision française (1960-1986)*, De Boeck & Larcier s.a., Institut national de l'audiovisuel ;

Morice, A. (2014). “1996-1997: L'épopée de Saint-Bernard”, *Plein droit*, 2014/2 n° 101, 40-44 ;

Morley, D. (1988). *Family Television: Cultural Power and Domestic Leisure*, Routledge;

Pacquot, T. (2009). *L'espace public*, Repères, La Découverte, disponível em : <https://www.cairn.info/l-espace-public--9782707154897.htm> (Consultado em 02.09.2017)

- Paul, E. (2010). “Étrangers, immigrés et réfugiés : définitions”, *Regards croisés sur l'économie*, 2010/2 (n°8), 39-40, DOI : 10.3917/rce.008.0039
- Perbost, L. (2012). *Rôles Énonciatifs, Interactionnels et Construction de l'Identité des Sources dans les JT* (tese de doutoramento), Université de Lorraine-Metz;
- Peterson, M. A. (2003). *Anthropology and Mass Communication: Media and Myth in the New Millenium*, Berghahn Books;
- Picard, J, Lagarde, D. (2016). “Quand les migrants arrivent en ville : politiques et pratiques de l’hospitalité et de la citoyenneté”, *Diasporas : circulations, migrations, histoire*, Compte-rendu des 9^{ème} rencontres franco-italiennes de géographie sociale, 155-161. Disponível em : <https://diasporas.revues.org/686>
- Postill, J. (2010). “Introduction: Theorising media and practice” em B. Bräuchler and J. Postill (Orgs) *Theorising Media and Practice*, Oxford and New York: Berghahn;
- Ravenel, B. (1993). “L’insoutenable « Fortresse Europe »”, *Confluences*, N°5 Hiver 1993, 101-120 ; disponível em : http://www.revues_plurielles.org/uploads/pdf/9_5_15.pdf (consultado em 02.09.2017) ;
- Rosello, M. (1998). “Representing Illegal Immigrants in France: from *clandestins* to *l'affaire des sans-papiers de Saint-Bernard*”, *Journal of European Studies*, 137-151 ;
- Rothenbuthler, E.W (2008), *Media Anthropology as a Field of Interdisciplinary Contact*, Department of Communication, Texas A&M University, 1-21;
- Rubdy, R., Alsagoff, L. (2013), *The Global-Local interface and Hybridity: Exploring Language and Identity*, Multilingual Matters, Bristol, Buffalo, Toronto;
- Rygiel, P. (2011). *Politique et administration du genre en migration: Mondes atlantiques, XIXè-XX siècles*; Publibook ; Collection Universitaire ;
- Said, E. (1979). *Orientalism*, *First Vintage Books Edition*;
- Saillant, F., Truchon, K. (2008). “Être plus que corps. Figures des réfugiés dans l’espace public”, 59, *Corps et Politiques*, Printemps 2008, 61-74

- Santinho, Maria Cristina (2016), “Refugiados e requerentes de asilo em Portugal : contornos políticos no campo da saúde. – (Teses; 48)”, Alto Comissariado para as Migrações (A.C.M, I.P), Biblioteca Nacional de Portugal;
- Santos, M. (2007). “Imagens de mulheres imigrantes na imprensa portuguesa: Análise do ano 2003”, (Teses;14); *Alto-Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural* (ACIDI, I.P.);
- Sayad, A. (1979). “Qu’est-ce qu’un immigré ?”, *Peuples Méditerranéens (Mediterranean Peoples)*, Revue trimestrielle, N°7;
- Sillard, B. (2012). “La construction médiatique du «problème rom» dans la presse écrite française”, Université Lumière Lyon 2 (tese de mestrado) ;
- Silvano, F. (2004). "Proposition pour un module de cours d'anthropologie de l'espace", em Muntanola, J. e Provansal, D. (orgs) *Anthropologie et Espace, Champ, Méthodes et Pratiques, Architectonics*, Barcelona, 126-132
- Silvano, F. (2006). “Ir à terra - mobilidade transnacional e construção de sedentariiedades imaginadas”, em Casimiro Balsa (org.) *Relações sociais de espaço, homenagem a Jean Remy*, Lisboa, Colibri, 199-218;
- Silvano, F. (2009). “Introdução Antropologia do Espaço”, *Recensions d'ouvrages, Espaces et sociétés* 2009/1 (n° 136-137), 239-262, DOI 10.3917/esp.136.0239;
- Silveirinha, M. J.; Cristo, A. T. (2004), “A construção discursiva dos imigrantes na imprensa”, *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 69, Outubro 2004: 117-137;
- Silvestre, F. (2011). “Um olhar sobre a imprensa: Representações sobre os requerentes de asilo e refugiados em Portugal” (tese de mestrado);
- Spitulnik, D. (1993), Anthropology and Mass Media, *Annual Review Anthropology*; 293-315;
- Sumiala, J. (2013), *Media and Ritual: Death, Community, and Everyday Life*, Routledge;
- Sundin, E., (2013) “Mapping the World: Understanding the Complexity of Cultural Identity and (Local, National) International News”, em Trivundža *et al.* (orgs), *Past, Future and Change: contemporary analysis of evolving media spaces*; 147-156;

Thomson, M. (2003), *Images of Sangatte: Political representations of asylum seeking in France and the UK*, Sussex Centre for Migration Research, Sussex Migration Paper nº18; Disponível em: <https://goo.gl/qw8Ksc> (Consultado em 02.09.2017)

Thompson, J. B. (1995), *The Media and Modernity: a social theory of the media*, Stanford University Press, Stanford, California, 31-43;

Tsaliki, L. (1995), *The Media and the Construction of an "Imagined Community": the Role of Media Events on Greek Television*; European Journal of Communication; DOI: 10.1177/0267323195010003003;

Valence, A. (2009) "Discours médiatiques et représentation sociales de l'immigration" ; *Accueillir* nº 252 ; 82-83 ;

Van Dijk, T. (1991), *Racism and the Press*, London: Routledge;

Verón, E. (1983), "Il est là, je le vois, il me parle". In: *Communications*, 38, 1983. Enonciation et cinéma. pp. 98-120; doi : 10.3406/comm.1983.1570, disponível em: http://www.persee.fr/doc/comm_0588-8018_1983_num_38_1_1570 (Consultado em 02.09.2017)

Wodak, R., Reisigl, M. (Orgs.) (2009). *The Discursive Construction of National Identity*. Edinburgh: EUP;

Wood, N., King, R. (2001), "Media and migration: an overview" em King, R., Wood, N., *Media and migration: constructions of mobility and difference*, Routledge, London and New York, 1-23;

WEBOGRAFIA

About Refugee TV. Disponível em: <http://refugee.tv/about/> (Consultado no dia 31.08.2017)

ACNUR, "What is a refugee?". Disponível em: <http://www.unrefugees.org/what-is-a-refugee/> (Consultado no dia 11.09.2017);

ACNUR, “Convenção relativa ao estatuto de refugiado (1951)”. Disponível em: http://www.acnur.org/t3/fileadmin/Documentos/portugues/BDL/Convencao_relativa_ao_Estatuto_dos_Refugiados.pdf (Consultada no dia 11.09.2017);

Arte, “Naissance d’Arte: une télévision franco-allemande à vocation européenne”. Disponível em : <https://www.arte.tv/sites/corporate/naissance-darte/> (Consultado no dia 10.09.2017);

Arte, “Un camp devenu ville: L’Histoire de la jungle en 6 étapes” (2016, Outubro 19), Jungle News. Disponível em : <http://jungle-news.arte.tv/fr/2016/10/19/un-camp-devenu-ville-lhistoire-de-la-jungle-en-6-etapes/> (Consultado no dia 12.09.2017);

CEST, “À Grande-Synthe, la fin brutale et symbolique du camp de migrants”. Huffington post. Disponível em : http://www.huffingtonpost.fr/2017/04/11/a-grande-synthe-la-fin-tres-symbolique-dun-camp-qui-se-voulait_a_22034753/ (Consultado no dia 12.09.2017);

Commission Consultative Nationale des Droits de l’Homme (CCNDH) (2016) : “Avis sur la situation des migrants à Grande-Synthe”. Disponível em : http://www.cncdh.fr/sites/default/files/16.05.26_avis_situation_migrants_grande_synthe_1_0.pdf (Consultado no dia 02.09.2017)

Couvellaire, L. (2016, Novembre 10), “Le Centre humanitaire ouvre ses portes à Paris”. Disponível em : http://www.lemonde.fr/immigration-et-diversite/article/2016/11/10/le-centre-pour-migrants-ouvre-ses-portes-a-paris_5028547_1654200.html (consultado no dia 06.09.2017);

Dearden, L. (2017, Fevereiro 11), “Get out of France: Paris police tear gassing refugees and stealing blankets in freezing conditions, report reveals”. The Independent. Disponível em: <http://www.independent.co.uk/news/world/europe/refugee-crisis-paris-migrants-france-police-sleeping-bags-blankets-violence-refugee-rights-data-a7575376.html> (Consultado no dia 03.09.2017);

De Mareschal, E. (2016, Outubro 27), “Paris: les riverains de Stalingrad «à bout de nerfs» face aux campements de migrants”, Le Figaro. Disponível em : <http://www.lefigaro.fr/actualite-france/2016/10/27/01016-20161027ARTFIG00243-paris-les-riverains-de-stalingrad-a-bout-de-nerf-face-aux-campements-de-migrants.php> (Consultado no dia 05.08.2017);

Emmaüs-Solidarité, “En Bref”. Disponível em: <https://www.emmaus-solidarite.org/en-bref/> (Consultado em 02.09.2017);

European Parliament Research Service Blog (2015, Outubro 17), “Refugee status under international law”. Disponível em: <https://epthinktank.eu/2015/10/27/refugee-status-under-international-law/> (Consultado no dia 11.09.2017);

Eurostat (2017, Março 13), “Statistiques sur l’asile”. Eurostat. Disponível em : http://ec.europa.eu/eurostat/statistics-explained/index.php/Asylum_statistics/fr (Consultado no dia 10.09.2017);

Fouteau, C. (2016, Septembre 6), “Le camp de réfugiés de Paris sort de terre”. Mediapart. Disponível em : <https://www.mediapart.fr/journal/france/060916/le-camp-de-refugies-de-la-ville-de-paris-sort-de-terre?onglet=full> (Consultado no dia 02.09.2017);

FTA, “Réfugiés”. Disponível em: <http://www.france-terre-asile.org/presentation-refugies/flexicontent/que-faisons-nous/page-principale-presentation> (Consultado no dia 11.09.2017);

Gittus, S. *et al.* (2016, Novembro 4), “Migrants à Paris: la carte des 29 camps démantelés en 1 an et demi”. Le Monde. Disponível em : http://www.lemonde.fr/les-decodeurs/article/2016/11/04/campements-de-migrants-a-paris-un-an-et-demi-de-demantelements_5025226_4355770.html (Consultado no dia 03.09.2017);

“Humanitarian Information Needs Assessment: Zaatari Refugee camp, Jordan”, Internews: Europe 2012. Disponível em: https://www.internews.org/sites/default/files/resources/Internews_JORDAN_assessment_Sep12_WEB.pdf (Consultado no dia 27.09.2017);

Inathèque, “Outils d’aide à l’analyse”, Inathèque. Disponível em : <http://www.inatheque.fr/consultation/outils-analyse.html> (Consultado no dia 05.08.2017);

International Organization for Migration (OIM), “Over 3,770 Migrants Have Died Trying to Cross the Mediterranean to Europe in 2015”. Disponível em: <https://www.iom.int/news/over-3770-migrants-have-died-trying-cross-mediterranean-europe-2015> (Consultado no dia 12.09.2017);

La Documentation Française (2012), “L’aide humanitaire : définitions et controverses”, La Documentation Française. Disponível em : <http://www.ladocumentationfrancaise.fr/dossiers/d000530-l-aide-humanitaire-en-questions/l-aide-humanitaire-definITIONS-et-controverses> (Consultado no dia 01.09.2017);

Lemonde.fr (2015, Junho 1), “Le Qatar porte plainte pour diffamation contre Florian Philippot”. Disponível em : http://www.lemonde.fr/politique/article/2015/06/01/le-qatar-porte-plainte-pour-diffamation-contre-florian-philippot_4644564_823448.html (Consultado no dia 01.09.2017);

Lemonde.fr (2017, Março 15), “Le maire de Grande-Synthe s’oppose à la fermeture du camp de réfugiés”. Le Monde. Disponível em : http://www.lemonde.fr/societe/article/2017/03/15/le-maire-de-grande-synthe-s-oppose-a-la-fermeture-du-camp-de-refugies_5095014_3224.html (Consultado no dia 12.09.2017);

Loisy, F. (2016, Setembro 6), “Essonne: piste criminelle privilégiée après l’incendie d’un centre pour migrants”, Le Parisien. Disponível em : <http://www.leparisien.fr/forges-les-bains-91470/forges-les-bains-incendie-dans-le-futur-centre-d-accueil-de-refugies-06-09-2016-6098041.php> (Consultado no dia 27.08.2017);

Magenou, F., “À la Grande-Synthe, 3000 migrants dans le froid et un océan de boue”. France Info. Disponível em : http://www.francetvinfo.fr/monde/europe/migrants/a-la-grande-synthe-3000-migrants-dans-le-froid-et-un-ocean-de-boue_1244324.html (Consultado no dia 01.09.2017);

Mairie de Paris, “Camp de réfugiés à Paris (6 de setembro de 2017) : Anne Hidalgo dévoile les détails du projet”. Disponível em : <https://presse.paris.fr/wp-content/uploads/2016/09/Camp-de-r%C3%A9fugi%C3%A9s-%C3%A0-Paris-Anne-Hidalgo-d%C3%A9voile-les-d%C3%A9tails-du-projet.pdf> (Consultado em: 27.08.2017);

Mairie de Paris, “Camp de réfugiés à Paris : Anne Hidalgo et Manuela Carmena Visitent le chantier” (12 de setembro de 2017). Disponível em : <https://presse.paris.fr/wp-content/uploads/2016/09/Camp-de-r%C3%A9fugi%C3%A9s-de-Paris-Anne-Hidalgo-et-Manuela-Carmena-visitent-le-chantier.pdf> (Consultado em: 27.08.2017);

Médecins du Monde. Disponível em : <http://www.medecinsdumonde.org/fr> (Consultado no dia 10.09.2017);

OCDE (2017), Perspectives des migrations internationales 2017, Éditions OCDE, Paris. Disponível em: http://dx.doi.org/10.1787/migr_outlook-2017-fr (Consultado no dia 16.08.2017);

OFII, “Réfugiés”. Disponível em: http://www.ofii.fr/la_demande_d_asile_51/refugies_28.html (Consultado no dia 11.09.2017);

OFPPRA (2016), “Le statut de réfugié”. Disponível em : <https://www.ofppra.gouv.fr/fr/asile/les-differents-types-de-protection/le-statut-de-refugie> (Consultado no dia 11.09.2017);

Pouchard, A. (2015, Setembro 24), “Les migrants, tous des hommes?”. Le Monde. Disponível em : http://www.lemonde.fr/les-decodeurs/article/2015/09/24/les-migrants-tous-des-hommes_4770522_4355770.html (Consultado no dia 04.09.2017);

Samusocial, “Qu’est-ce que le Samusocial?”. Disponível em : <https://www.samusocial.paris/quest-ce-que-le-samusocial> (Consultado no dia 10.09.2017);

Staff and Agencies, “Santagatte refugee camp” (2002, Maio 23). The Guardian. Disponível em: <https://www.theguardian.com/uk/2002/may/23/immigration.immigrationandpublicservices1> (Consultado no dia 01.09.2017);

Université Nice-Sophia Antipolis, “La perception de l’espace urbain: principes et fonctionnements”. Disponível em : <http://unt.unice.fr/uoh/espaces-publics-places/la-perception-de-lespace-urbain-principes-et-fonctionnements/> (Consultado no dia 31.08.2017)

Ville de Paris, “Près de 500 accueillis au centre humanitaire d’Ivry-Sur-Seine”. Disponível em : <https://www.paris.fr/actualites/un-centre-humanitaire-pour-les-femmes-migrantes-et-les-familles-4430> (consultado no dia 06.09.2017);

Statius, T. (2016, Setembro 22), “Visite guidée du camp de réfugiés de la chapelle avec son architecte Julien Beller”. Disponível em :

<https://www.streetpress.com/sujet/1474540928-visite-camp-de-refugies-avec-architecte>

(Consultado no dia 06.09.2017);

ANEXOS

ANEXO A- Tabelas de programação dos telejornais

Peça 1: “*Anne Hidalgo annonce la création d’un camp de réfugiés à Paris*” e **Peça 1.1** : “*Plateau invité : Florian Philippot*”

Dados Peças 1 e 1.1:

Telejornal	Le JT de Canal +
Canal	Canal +
Início-Fim	18 :46 :04 - 19:03:30
Título peça(s)	Plateau brève: Anne Hidalgo annonce la création d’un camp de réfugiés à Paris + Plateau invité : Florian Philippot

Grelha de programação do telejornal nº1 (*Le JT de Canal +*)

Número	Título da peça	Duração
1	Plateau début	00:01:00:00
2	Inondations: des dizaines d’interventions de pompiers dans le Nord	00 :01 :16 :00
3	Plateau extérieur : Montargis, Météo France : vigilance rouge inondations dans le Loiret	00 :01 :45 :00
4	Plateau Brève : Ségolène Royale reçoit experts Météo France	00 :00 :12 :00
5	Plateau brève : grève à la SNCF	00 :00 :35 :00
6	François Hollande multiplie les cadeaux	00 :01 :08 :00
7	Plateau brève : inauguration de la cité du vin à Bordeaux	00 :02 :26 :00
8	Insémination post-mortem : une espagnole obtient le transfert du sperme de son mari décédé	00 :01 :26 :00

9	Plateau brève : Anne Hidalgo annonce la création d'un camp de réfugiés à Paris	00 :00 :34 :00
10	Plateau invité : Florian Philippot	00 :02 :58 :00
11	Interview Julian Assange	00 :01 :17 :00
12	Plateau lancement : l'actualité vue de l'étranger	00 :00 :18 :00
13	L'actualité vue de l'étranger	00 :01 :33 :00
14	Plateau fin	00 :00 :58 :00

Peça 2: “Paris : bientôt un camp de réfugiés”

Dados Peça 2 :

Telejornal	20 heures
Canal	France 2
Início-Fim	19:58:04 – 20:38:43
Título peça(s)	Paris : bientôt un camp de réfugiés

Grelha de programação do telejornal nº2 (20 heures)

Número	Título da peça	Duração
1	Plateau début	00:01:05:00
2	Plateau début	00:00:10:00
3	Yonne : sur les routes inondées	00 :02 :47 :00
4	Plateau lancement : Factuel inondations	00 :00 :12 :00
5	Factuel inondations	00 :02 :05 :00
6	Plateau lancement : Plateau extérieur : Chartrettes, inondations	00 :00 :07 :00
7	Plateau extérieur : Chartrettes, inondations	00 :00 :42 :00
8	Plateau lancement : le Loiret sous les eaux	00 :00 :10 :00
9	Le Loiret sous les eaux	00 :01 :55 :00
10	Plateau lancement : Plateau extérieur : Donnery, inondations	00 :00 :10 :00

11	Plateau extérieur, Donnery, inondations	00 :00 :51 :00
12	Plateau lancement : Pas-de-Calais : Le village submergé	00 :00 :13 :00
13	Pas-de-Calais : Le village submergé	00 :01 :33 :00
14	Plateau analyse : record de pluie sur la France	00 :01 :57 :00
15	Plateau brève : Dégâts à Braunsbach	00 :00 :20 :00
16	Début de la grève reconductible	00 :01 :24 :00
17	Plateau lancement : Plateau extérieur : Gare de Lyon, négociation à la SNCF	00 :00 :17 :00
18	Plateau extérieur : Gare de Lyon, négociation à la SNCF	00 :01 :17 :00
19	Plateau lancement : Conflits : les sites bloqués	00 :00 :20 :00
20	Conflits : sites bloqués	00 :01 :24 :00
21	Plateau lancement : Enseignants : mieux payés	00 :00 :14 :00
22	Enseignants : mieux payés	00 :01 :18 :00
23	Plateau lancement : Paris : bientôt un camp de réfugiés	00 :00 :13 :00
24	Paris : bientôt un camp de réfugiés	00 :01 :55 :00
25	Plateau lancement : E. Macron : Il va payer l'ISF	00 :00 :18 :00
26	Emmanuel Macron : Il va payer l'ISF	00 :01 :24 :00
27	Plateau brève : Bordeaux : inauguration de la Cité du Vin	00 :00 :22 :00
28	La guerre des âges	00 :02 :20 :00
29	Plateau lancement : L'ŒIL DU 20H : changement de nom ERDF	00 :00 :36 :00
30	L'ŒIL DU 20 : changement de nom ERDF	00 :02 :41 :00
31	Plateau lancement : Florence : riches depuis la Renaissance	00 :00 :15 :00
32	Florence : riches depuis la Renaissance	00 :02 :13 :00
33	Plateau lancement : crèmes anti-rides, que valent-elles ?	00 :00 :28 :00

34	Crèmes anti-rides, que valent-elles ?	00 :04 :55 :00
35	Plateau brève : tennis, résultats Roland-Garros	00 :00 :20 :00
36	Plateau fin	00 :00 :27 :00

Peça 3: “PTE CHAPELLE / CAMP DE RÉFUGIÉS”

Dados Peça 3 :

Telejornal	12 13. Édition Nationale
Canal	France 3
Início-Fim	12:25:09 – 12:52:09
Título peça(s)	PTE CHAPELLE / CAMP DE RÉFUGIÉS

Grelha de programação do telejornal nº3 (12 13. Édition Nationale)

Número	Título da peça	Duração
1	FACTUEL INCENDIES MARSEILLE	00:01:40:00
2	PLAT. ENR / INCENDIE CARCASSONNE	00 :00 :36 :00
3	Plateau brève : INCENDIE TARN	00 :00 :24 :00
4	PTE DE LA CHAPELLE / CAMP RÉFUGIÉS	00 :03 :20 :00
5	Plateau brève : CAMP MIGRANTS INCENDIE	00 :00 :12 :00
6	Plateau brève : CALAIS / LEVÉE DE BARRAGES	00 :00 :20 :00
7	MONTÉE RÈGLEMENTS COMPTE	00 :01 :49 :00
8	Plateau brève : GABON / FRANÇAIS DISPARUS	00 :00 :17 :00
9	Plateau brève : HOLLANDE / VENTE AIRBUS	00 :00 :27 :00
10	BAISSE IMPÔTS / CLASSE MOYENNE	00 :01 :08 :00
11	PLATEAU H. GODECHOT / SALAIRES	00 :01 :30 :00
12	Plateau brève : MANIFS SFR CONTRE PLAN SOCIAL	00 :00 :33 :00

13	LA SANTÉ DES PLUS PAUVRES	00 :02 :02 :00
14	PÉNURIE PROFESSEURS	00 :01 :49 :00
15	LYCÉE MENU VEGAN	00 :01 :41 :00
16	RECHAUFFEMENT TERRE / TYPHONS	00 :01 :39 :00
17	SECHERESSE ET MANQUE D'HERBES	00 :01 :42 :00
18	RECORD PARAPENTE	00 :01 :28 :00

Peça 4: “Paris : Anne Hidalgo dévoile son projet de centre d’accueil pour migrants”

Dados Peça 4 :

Telejornal	Arte Journal
Canal	ARTE
Início-Fim	19:45:04 – 20:05:17
Título peça(s)	Paris : Anne Hidalgo dévoile son projet de centre d’accueil pour migrants

Grelha de programação do telejornal nº4 (*Arte Journal*)

Número	Título da peça	Duração
1	Plateau début	00:00:53:00
2	Paris: Anne Hidalgo a dévoilé son projet de centre d’accueil pour migrants	00:01:53:00
3	Plateau lancement : Grèce : Prise en charge de réfugiés	00 :00 :32 :00
4	Grèce : Prise en charge de réfugiés	00 :02 :32 :00
5	Plateau lancement : Déclaration : Zeid Ra’ad Al Hussein	00 :00 :21 :00
6	Déclaration : Zeid Ra’ad Al Hussein	00 :00 :37 :00
7	Plateau lancement : Grande Bretagne : Agressions contre la communauté polonaise	00 :00 :18 :00
8	Grande Bretagne : Agressions contre la communauté polonaise	00 :01 :30 :00
9	Plateau Brève : Anjem Choudary	00 :00 :49 :00

10	Sven Lau devant le tribunal	00 :01 :31 :00
11	Plateau lancement : Europol : traque des terroristes	00 :00 :30 :00
12	Europol : traque des terroristes	00 :02 :33 :00
13	Plateau brève : attentats à Kaboul	00 :00 :43 :00
14	Sommet asiatique au Laos avec Barack Obama	00 :01 :36 :00
15	Plateau lancement : Mostra de Venise : Frantz	00 :00 :28 :00
16	Mostra de Venise : Frantz	00 :02 :34 :00
17	Plateau fin	00 :00 :43 :00

Peça 5: “Prochaine ouverture d’un centre d’accueil pour réfugiés à Paris”

Dados Peça 5 :

Telejornal	Le 20 heures
Canal	TF1
Início-Fim	19:58:03 – 20:21:43
Título peça(s)	Prochaine ouverture d’un centre d’accueil pour réfugiés à Paris

Grelha de programação do telejornal nº5 (Le 20 heures)

Número	Título da peça	Duração
1	Plateau début	00:01:33:20
2	L’évolution de la pression fiscale du quinquennat de François Hollande et ses disparités	00:01:01:22
3	Plateau d’analyse : la baisse des impôts et le “coup de bambou fiscal” du quinquennat d’Hollande	00 :01 :44 :22
4	Plateau brève : manifestation devant le siège de la SFR contre le plan social	00 :00 :18 :21
5	Plateau brève : Airbus signe plusieurs contrats avec des compagnies vietnamiennes	00 :00 :31 :01

6	Extrait de déclaration de Nicolas Sarkozy, qui réagit aux poursuites judiciaires à son encontre	00 :00 :26 :13
7	Plateau lancement : lutte contre les incendies dans le sud-est de la France et leurs dégâts	00 :00 :19 :16
8	Lutte contre les incendies dans le sud-est de la France et leurs dégâts	00 :01 :32 :01
9	Plateau lancement : prochaine ouverture d'un centre d'accueil pour réfugiés à Paris	00 :00 :37 :23
10	Prochaine ouverture d'un centre d'accueil pour réfugiés à Paris	00 :01 :52 :12
11	[Plateau brèves]	00 :00 :39 :23
12	Plateau brève : deux hommes abattus dans le centre de Marseille hier soir	00 :00 :49 :13
13	EuraTechnologies, pépinière lilloise de création d'applications pour téléphones mobiles	00 :02 :00 :04
14	Plateau lancement : les foires aux vins, principe, avantages et conseils de choix	00 :00 :24 :15
15	Les foires aux vins, principe, avantages et conseils de choix	00 :02 :20 :04
16	Plateau lancement : comment conserver les sons du passé	00 :00 :25 :00
17	Comment conserver les sons du passé	00 :02 :37 :18
18	Plateau brève : décès de la doyenne des Français	00 :00 :49 :10
19	La journée de préparation de l'équipe de France de football en Biélorussie	00 :01 :16 :15
20	Plateau brève : la composition de l'équipe de France pour le match contre la Biélorussie	00 :00 :48 :18
21	Plateau extérieur Borisov : les enjeux pour l'équipe de France de son match contre la Biélorussie	00 :00 :35 :18

22	Plateau fin	00 :00 :38 :01
----	-------------	----------------

Peça 6: “Un nouveau centre pour migrants à Paris”

Dados Peça 6 :

Telejornal	20 heures
Canal	France 2
Início-Fim	19:58:04 – 20:37:30
Título peça(s)	Un nouveau centre pour migrants à Paris

Grelha de programação do telejornal nº6 (20 heures)

Número	Título da peça	Duração
1	Plateau début	00:01:11:00
2	Plateau début	00:01:33:00
3	Marseille : incendie maîtrisé	00 :01 :14 :00
4	Plateau Brève : Aude, l’incendie des Hautes Corbières maîtrisé	00 :00 :10 :00
5	Plateau Brève : Espagne, incendie maîtrisé près de Valence	00 :00 :28 :00
6	Fiscalité : baisse de l’impôt sur le revenu	00 :01 :19 :00
7	Plateau extérieur : Munich, baisse massive impôts Allemagne	00 :01 :07 :00
8	Hausse des salaires en 2016	00 :01 :22 :00
9	Plateau analyse : hausse des salaires	00 :01 :51 :00
10	Un nouveau centre pour migrants à Paris	00 :01 :41 :00
11	Plateau lancement : migrants, futur centre d’accueil incendié	00 :00 :17 :00
12	Migrants, futur centre d’accueil incendié	00 :01 :33 :00
13	Plateau lancement : Allemagne, bilan accueil réfugiés	00 :00 :22 :00
14	Allemagne, bilan accueil réfugiés	00 :02 :44 :00

15	Plateau lancement : Gabon, l'UE confirme des anomalies durant l'élection	00 :00 :19 :00
16	Gabon : l'UE confirme des anomalies durant l'élection	00 :01 :01 :00
17	Plateau brève : Nicolas Sarkozy visite les Yvelines	00 :00 :14 :00
18	Plateau extérieur : Poissy, meeting Nicolas Sarkozy	00 :00 :40 :00
19	Discours : Nicolas Sarkozy sur l'affaire Bygmalion	00 :00 :41 :00
20	Plateau brève : agression de surveillantes à ça prison Osny	00 :00 :33 :00
21	Plateau lancement : Attentat Zaventem, témoignage d'une rescapée	00 :00 :30 :00
22	Attentat Zaventem	00 :04 :19 :00
23	Plateau Brève : djihad, baisse départs Syrie	00 :00 :29 :00
24	L'œil du 20 heures : [Syrie : clip de promotion du tourisme]	00 :02 :11 :00
25	Plateau lancement : États-Unis, Crazy Horse Memorial : la revanche des Sioux	00 :00 :28 :00
26	États-Unis, Crazy Horse Memorial, la revanche des Sioux	00 :03 :13 :00
27	Plateau brève : décès de la première femme greffée du visage	00 :00 :58 :00
28	Generali lance l'assurance au comportement	00 :03 :45 :00
29	Plateau fin	00 :03 :49 :00

Peça 7: “Mise en place d’un centre d’accueil pour migrants à Paris”

Dados Peça 7:

Telejornal	19 20 Édition Nationale
Canal	France 3
Início-Fim	19:55:20 – 19:30:00
Título peça(s)	Mise en place d’un centre d’accueil pour migrants à Paris et Ivry

Grelha de programação do telejornal nº7 (19 20 Édition Nationale)

Número	Título da peça	Duração
1	Plateau début	00:00:22:00
2	Les dégâts de l'incendie du Parc National de Calanques	00 :01 :59 :00
3	Plateau extérieur : Col de Vence, incendie dans la garrigue	00 :01 :01 :00
4	Plateau brève : incendie en Espagne	00 :00 :00 :00
5	Plateau brève : incendie dans l'aube	00 :00 :30 :00
6	Plateau brève : Centres d'accueils de migrants à Paris et Ivry	00 :00 :43 :00
7	Mise en place d'un centre d'accueil pour migrants à Paris	00 :01 :55 :00
8	Plateau brève : Situation politique du Gabon	00 :00 :19 :00
9	Plateau extérieur : Quai D'Orsay, situation des ressortissants français du Gabon	00 :00 :50 :00
10	Règlement de comptes Marseille quartier Périer	00 :01 :45 :00
11	Plateau lancement : discours Sarkozy Yvelines	00 :00 :03 :00
12	Discours Sarkozy	00 :00 :37 :00
13	Plateau lancement : la confiance des partisans de Sarkozy	00 :00 :19 :00
14	Confiance des partisans de Sarkozy	00 :01 :44 :00
15	Plateau lancement : baisse impôts 2017	00 :00 :16 :00
16	Baisse impôts	00 :01 :16 :00
17	Plateau lancement : bilan fiscalité quinquennat Hollande	00 :00 :07 :00
18	Bilan fiscalité quinquennat Hollande	00 :01 :08 :00
19	Plateau lancement : des purificateurs d'air à domicile	00 :00 :16 :00
20	Des purificateurs d'air à domicile	00 :02 :45 :00

21	Plateau lancement : invention d'une prothèse pour surfeur	00 :00 :19 :00
22	Invention d'une prothèse pour surfeur	00 :01 :44 :00
23	Plateau lancement : retour des vautours en Ardèche	00 :00 :18 :00
24	Retour des vautours en Ardèche	00 :01 :58 :00
25	Plateau fin	00 :00 :30 :00

Peça 8: “Migrants : un centre de transit ouvre ses portes à Paris”

Dados Peça 8 :

Telejornal	Le 20 heures
Canal	TF1
Início-Fim	19:58:04 – 20:36:44
Título peça(s)	Migrants : un centre de transit ouvre ses portes à Paris

Grelha de programação do telejornal nº8 (Le 20 heures)

Número	Título da peça	Duração
1	Plateau début	00:01:50:00
2	Donald Trump – Barack Obama : premier tête à tête à la Maison Blanche	00 :01 :41 :00
3	Plateau extérieur : les enjeux de la rencontre de Donald Trump et Barack Obama	00 :02 :01 :00
4	Donald Trump : des manifestations dans les grandes villes	00 :01 :29 :00
5	Plateau lancement : États-Unis : pourquoi les régions industrielles ont basculé	00 :00 :29 :00
6	États-Unis : Pourquoi les régions industrielles ont basculé	00 :02 :08 :00
7	Plateau analyse : les pouvoirs du Congrès Américain	00 :01 :47 :00

8	Donald Trump : les entreprises attendent les premières mesures	00 :01 :54 :00
9	Plateau lancement : Donald Trump élu : les exportations françaises fragilisées ?	00 :00 :19 :00
10	Donald Trump élu : les exportations françaises fragilisées ?	00 :01 :41 :00
11	Plateau lancement : Mossoul : avec les blindés de la division d'or	00 :00 :25 :00
12	Mossoul : avec les blindés de la division d'or	00 :02 :41 :00
13	Plateau lancement : Migrants : un centre de transit ouvre ses portes à Paris	00 :00 :23 :00
14	Migrants : un centre de transit ouvre ses portes à Paris	00 :01 :43 :00
15	Plateau lancement : Attentats à Paris : une étude sur la mémoire des victimes	00 :00 :27 :00
16	Attentats à Paris : une étude sur la mémoire des victimes	00 :03 :10 :00
17	Plateau brève : chiffres des créations d'emploi pour le 3 ^{ème} trimestre	00 :00 :13 :00
18	Plateau brève : augmentation du prix du gaz	00 :00 :37 :00
19	François Fillon : une campagne toute en constance et sobriété	00 :02 :03 :00
20	Plateau brève : Condamnation Sylvie Andrieux	00 :00 :55 :00
21	Pourquoi nos enfants sont-ils fâchés avec l'orthographe ?	00 :01 :40 :00
22	Plateau lancement : football : une semaine avec les bleus avant France-Suède	00 :00 :18 :00
23	Football : une semaine avec les bleus avant France-Suède	00 :01 :19 :00
24	Plateau lancement : Thomas Pesquet : dans la lignée des spationautes français	00 :00 :27 :00

25	Thomas Pesquet : dans la lignée des spationautes français	00 :03 :02 :00
26	Plateau analyse. La vie à bord de la Station Spatiale Internationale	00 :02 :55 :00
27	Plateau brève: décès de Raoul Coutard	00 :00 :24 :00
28	Plateau fin	00 :00 :30 :00

Peça 9: “Paris : ouverture d’un foyer temporaire pour migrants et hommes isolés”

Dados Peça 9 :

Telejornal	Arte Journal
Canal	ARTE
Início-Fim	19:45:04 – 20:05:04
Título peça(s)	Paris : ouverture d’un foyer temporaire pour migrants et hommes isolés

Grelha de programação do telejornal nº9 (Arte Journal)

Número	Título da peça	Duração
1	Plateau début	00:01:07:08
2	Visite Donald Trump à la Maison Blanche et manifestation anti-Trump	00:01:58:14
3	Plateau lancement : NY déçu du parti Démocrate	00 :00 :26 :00
4	NY déçu du parti Démocrate	00 :02 :26 :18
5	Plateau lancement : Cis-Jordanie, les colons et Trump...	00 :00 :34 :24
6	Cis-Jordanie, les colons et Trump	00 :02 :32 :19
7	Plateau Brève : Irak offensive sur Mossoul	00 :00 :16 :18
8	Plateau lancement : Syrie offensive sur Raqqa	00 :00 :17 :24
9	Syrie offensive sur Raqqa	00 :01 :30 :00
10	Plateau brève : relations germano-turque	00 :00 :22 :24

11	Plateau lancement : menace sur le pacte migratoire avec la Turquie	00 :00 :19 :22
12	Menace sur le pacte migratoire avec la Turquie	00 :02 :17 :07
13	Plateau brève : ONU demande libération d'un juge turc	00 :00 :33 :08
14	Paris : ouverture d'un foyer temporaire pour migrants et hommes isolés	00 :01 :35 :10
15	Plateau lancement : Volker Kutscher	00 :00 :31 :21
16	Volker Kutscher	00 :02 :31 :12
17	Plateau fin	00 :00 :18 :14

Peça 10: “Bénévoles Emmaüs avec les réfugiés pour le nouvel an”

Dados Peça 10 :

Telejornal	19 20. Édition Nationale
Canal	France 3
Início-Fim	19:30:26 – 20:12:50
Título peça(s)	Bénévoles Emmaüs avec les réfugiés pour le nouvel an

Grelha de programação do telejornal nº10 (19 20. Édition Nationale)

Número	Título da peça	Duração
1	Plateau début	00:00:18
2	Froid et neige dans le Nord de la France	00:01:42:00
3	Plateau brève : accident de bus Champigneulles	00 :00 :20 :00
4	Sécurité renforcée à Champs-Élysées pour nouvel an	00 :01 :37 :00
5	Plateau extérieur : Champs-Élysées sous haute sécurité	00 :00 :07 :00
6	Plateau brève : nouvel an sous haute surveillance à Berlin	00 :00 :24 :00

7	Plateau brève : attentats à Bagdad	00 :00 :20 :00
8	Bénévoles Emmaüs avec les réfugiés pour le nouvel an	00 :02 :11 :00
9	Plateau lancement : les vœux des politiciens	00 :00 :17
10	Les vœux des politiciens	00 :02 :12 :00
11	Plateau analyse : les vœux de François Hollande	00 :01 :32 :00
12	La Chine veut interdire l'importation d'ivoire	00 :01 :41 :00
13	Plateau brève : contrôles routiers renforcés	00 :00 :17 :00
14	Témoignage d'une accidentée de la route	00 :02 :13 :00
15	Plateau lancement : Préparation du Réveillon	00 :00 :16 :00
16	Préparation du Réveillon	00 :01 :31 :00
17	Plateau lancement : Champagne Bio	00 :00 :11 :00
18	Champagne Bio	00 :02 :32 :00
19	Plateau lancement : un réveillon au château	00 :00 :20 :00
20	Un réveillon au Château	00 :02 :21 :00
21	Plateau lancement : vœux des artistes	00 :00 :15 :00
22	Vœux des artistes	00 :02 :08 :00
23	Plateau brève : nouvel an dans le monde	00 :00 :24 :00
24	Vœux du Président, François Hollande	00 :09 :28 :00
25	Plateau Analyse Vœux François Hollande	00 :03 :04 :00
26	Plateau Fin	00 :00 :13 :00

ANEXO B – Capturas de imagem das peças do corpus

PEÇA A

Anexo B.1



Referência	Minutagem	Peça
Anexo B.1	13:08:12,05	Peça A

Anexo B.2



Referência	Minutagem	Peça
Anexo B.2	13:08:13,19	Peça A

Anexo B.3



Referência	Minutagem	Peça
Anexo B.3	13:08:14,11	Peça A

Anexo B.4



Referência	Minutagem	Peça
Anexo B.4	13:08:32,02	Peça A

Anexo B.5



Referência	Minutagem	Peça
Anexo B.4	13:08:32,02	Peça A

Anexo B.6



Referência	Minutagem	Peça
Anexo B.6	13:09:20,10	Peça A

Anexo B.7



Referência	Minutagem	Peça
Anexo B.6	13:09:25,15	Peça A

PEÇA 1

Anexo B.8



Referência	Minutagem	Peça
Anexo B.8	18 :56 :18,20	Peça 1

Anexo B.9



Referência	Minutagem	Peça
Anexo B.9	18 :56 :22,11	Peça 1

PEÇA 2

Anexo B.10



Referência	Minutagem	Peça
Anexo B.10	20 :19 :13,04	Peça 2

Anexo B.11



Referência	Minutagem	Peça
Anexo B.11	20 :19 :14,20	Peça 2

Anexo B.12



Referência	Minutagem	Peça
Anexo B.12	20 :19 :17,01	Peça 2

Anexo B.13



Referência	Minutagem	Peça
Anexo B.13	20:19:18,09	Peça 2

Anexo B.14



Referência	Minutagem	Peça
Anexo B.14	20:20:24,22	Peça 2

PEÇA 3

Anexo B.15



Referência	Minutagem	Peça
Anexo B.15	12 :30 :42,07	Peça 2

Anexo B.16



Referência	Minutagem	Peça
Anexo B.16	12 :30 :55,05	Peça 2

Anexo B.17



Referência	Minutagem	Peça
Anexo B.17	12 :30 :44,18	Peça 2

Anexo B.18



Referência	Minutagem	Peça
Anexo B.18	12 :30 :44,18	Peça 2

Anexo B.19



Referência	Minutagem	Peça
Anexo B.19	12 :31 :23,00	Peça 2

Anexo B.20



Referência	Minutagem	Peça
Anexo B.20	12 :31 :27,22	Peça 2

PEÇA 4

Anexo B.21



Referência	Minutagem	Peça
Anexo B.21	19 :46 :19,05	Peça 3

Anexo B.22



Referência	Minutagem	Peça
Anexo B.22	19 :46 :49,12	Peça 3

Anexo B.23



Referência	Minutagem	Peça
Anexo B.23	19 :47 :11,11	Peça 3

PEÇA 5

Anexo B.24



Referência	Minutagem	Peça
Anexo B.24	20 :06 :01,13	Peça 5

Anexo B.25



Referência	Minutagem	Peça
Anexo B.25	20 :06 :11,05	Peça 5

Anexo B.26



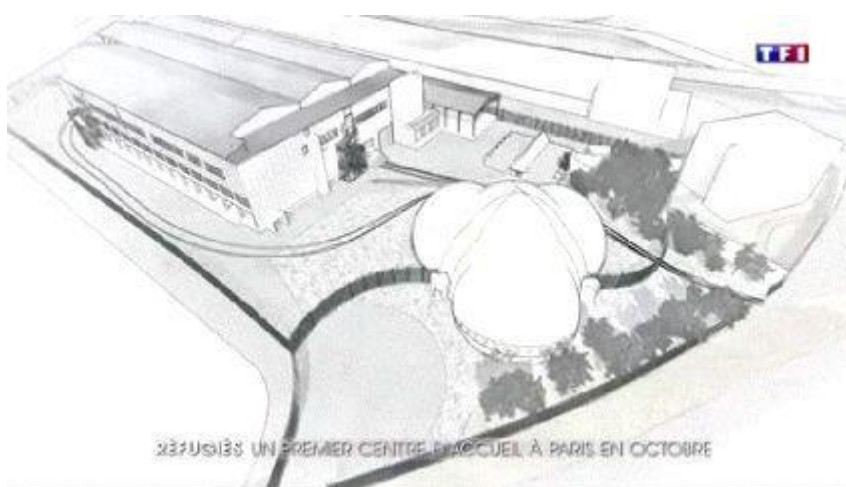
Referência	Minutagem	Peça
Anexo B.26	20 :06 :23,03	Peça 5

Anexo B.27



Referência	Minutagem	Peça
Anexo B.27	20 :06 :38,24	Peça 5

Anexo B.28



Referência	Minutagem	Peça
Anexo B.28	20 :06 :53,00	Peça 5

Anexo B.29



Referência	Minutagem	Peça
Anexo B.29	20 :07 :18,08	Peça 5

Anexo B.30



Referência	Minutagem	Peça
Anexo B.30	20 :07 :36,19	Peça 5

PEÇA 6

Anexo B.31



Referência	Minutagem	Peça
Anexo B.31	20 :07 :20,00	Peça 6

Anexo B.32



Referência	Minutagem	Peça
Anexo B.32	20 :08 :24,18	Peça 6

Anexo B.33



Referência	Minutagem	Peça
Anexo B.33	20 :08 :26,15	Peça 6

PEÇA 7

Anexo B.34



Referência	Minutagem	Peça
Anexo B.34	19 :36 :05,11	Peça 7

Anexo B.35



Referência	Minutagem	Peça
Anexo B.35	19 :36 :08,02	Peça 7

Anexo B.36



Referência	Minutagem	Peça
Anexo B.36	19 :36 :10,04	Peça 7

Anexo B.37



Referência	Minutagem	Peça
Anexo B.37	19 :36 :13,02	Peça 7

Anexo B.38



Referência	Minutagem	Peça
Anexo B.38	19 :36 :15,10	Peça 7

Anexo B.39



Referência	Minutagem	Peça
Anexo B.39	19 :36 :27,15	Peça 7

Anexo B.40



Referência	Minutagem	Peça
Anexo B.40	19 :36 :43,11	Peça 7

Anexo B.41



Referência	Minutagem	Peça
Anexo B.41	19 :37 :09,05	Peça 7

Anexo B.42



Referência	Minutagem	Peça
Anexo B.42	19 :37 :35,01	Peça 7

PEÇA 8

Anexo B.43



Referência	Minutagem	Peça
Anexo B.43	20 :17 :06,04	Peça 8

Anexo B.44



Referência	Minutagem	Peça
Anexo B.44	20 :17 :07,15	Peça 8

Anexo B.45



Referência	Minutagem	Peça
Anexo B.45	20 :17 :09,16	Peça 8

Anexo B.46



Referência	Minutagem	Peça
Anexo B.46	20 :17 :21,11	Peça 8

Anexo B.47



Referência	Minutagem	Peça
Anexo B.47	20 :17 :28,05	Peça 8

Anexo B.48



Referência	Minutagem	Peça
Anexo B.48	20 :17 :40,00	Peça 8

Anexo B.49



Referência	Minutagem	Peça
Anexo B.49	20 :18 :17,08	Peça 8

Anexo B.50



Referência	Minutagem	Peça
Anexo B.50	20 :18 :33,19	Peça 8

PEÇA 9

Anexo B.51



Referência	Minutagem	Peça
Anexo B.51	19 :59 :40,15	Peça 9

Anexo B.52



Referência	Minutagem	Peça
Anexo B.52	20 :00 :04,15	Peça 9

Anexo B.53



Referência	Minutagem	Peça
Anexo B.53	20 :00 :07,03	Peça 9

Anexo B.54



Referência	Minutagem	Peça
Anexo B.54	20 :00 :16,01	Peça 9

Anexo B.55



Referência	Minutagem	Peça
Anexo B.55	20 :01 :18,16	Peça 9

Anexo B.56



Referência	Minutagem	Peça
Anexo B.56	20 :01 :30,11	Peça 9

PEÇA 10

Anexo B.57



Referência	Minutagem	Peça
Anexo B.57	19 :39 :16,14	Peça 10

Anexo B.58



Referência	Minutagem	Peça
Anexo B.58	19 :39 :30,21	Peça 10

Anexo B.59



Referência	Minutagem	Peça
Anexo B.59	19 :40 :24,21	Peça 10

Anexo B.60



Referência	Minutagem	Peça
Anexo B.60	19 :40 :28,20	Peça 10

Anexo B.61



Referência	Minutagem	Peça
Anexo B.61	19 :40 :51,22	Peça 10

ANEXO C – Transcrições das peças

Anexo C.1: Peça 1: *Plateau brève: Anne Hidalgo annonce la création d'un camp de réfugiés à Paris* e Peça 1.1 : *Plateau invité : Florian Philippot* (Canal+)

[*Maïtena Birabeu*] : On a autre annonce de la journée, très commentée celle-là, celle de la Maire de Paris, c'était cet après-midi.

[*Victor Robert*] : Anne Hidalgo a annoncé tout à l'heure qu'elle compte créer un camp humanitaire de réfugiés à Paris. La mairie fait actuellement l'expertise de différents sites pour voir dans quel délai – « le plus tôt possible » a précisé la maire, « ce camp sera mis à disposition ». Alors votre réaction à cette annonce, Florian Philippot...

[*Florian Philippot*] : Bah c'est-à-dire qu'on est en train de... J'y suis très opposé hein, on est en train de mettre partout en France des jungles... Des mini-jungles de Calais... La mini jungle deviendra la grande jungle demain...

[*M.B*] : C'est précisément parce que ça existe, les gens sont déjà là, pour leurs donner des conditions de vie qui soient respectables et qui soient...

[*F.P*] : Oui, c'est ce que l'on a dit au départ à Calais. C'est ce que l'on a dit au départ à Calais puis on a vu ce que ça a donné. On a dit la même chose à Grande-Synthe et on a vu ce que ça a donné... La même chose maintenant à Paris... Je veux dire, Madame... Hidalgo puisqu'elle s'entend si bien avec l'émir du Qatar ferait mieux de lui demander – à son grand ami l'émir du Qatar – de bien vouloir accueillir des réfugiés et des migrants directement là-bas. Puisque le Qatar, lui, est un pays de la région d'où viennent la plupart de ces migrants. Alors le Qatar n'a accueilli aucun migrant ainsi que l'Arabie Saoudite d'ailleurs, alors qu'ils sont à côté encore une fois et qu'ils sont très très riches... Donc qu'elle utilise ses relations magnifiques avec cette dictature islamiste et qu'elle fasse pression pour qu'ils soient plutôt accueillis et bien-traités d'ailleurs là-bas... plutôt que de leur faire traverser la Méditerranée...

[M.B]: Mais tous ne viennent pas... Tous ne sont pas voisins du Qatar... Et certains sont d'ailleurs parfois vous le savez pertinemment utilisés quasiment comme des esclaves pour travailler sur des chantiers où ils sont forcés ... Tout le monde n'a pas envie d'aller au Qatar... Ils sont là. De fait c'est la question que je vous pose : donc à partir du moment où les gens sont là, qu'est-ce qu'on en fait de ces gens ?

[V.R] : Mais qu'est-ce qu'on fait avec des gens en situation difficile ? Avec femme et enfants ?

[F.P] : Si ce que vous dites est vrai, je crois que c'est vrai ça a été démontré par beaucoup d'ONGs, d'enquêtes journalistiques, alors il ne fallait pas donner la coupe du monde à ce pays là... S'ils font travailler effectivement des esclaves...

[M.B] : Mais c'est autre chose... On parle des gens qui sont là...

[F.P] : Non ce n'est pas autre chose, ce n'est pas autre chose... On ne peut pas accepter... De convier...

[M.B] : Mais c'est vous qui m'avez envoyé sur le Qatar, donc...

[F.P] : Non bah c'est un pays à côté qui est très riche, donc on pourrait espérer aussi qu'ils changent... On pourrait espérer qu'il soit conforme à son discours puisqu'il a un discours où il se vend internationalement comme un beau et magnifique pays...

[M.B] : Comme la France...

[F.P] : Et Madame Hidalgo le trouve formidable...

[M.B] : Comme la France...

[F. P] : Euh bah la France n'a encore pas d'esclave à ce que je sache...

[V.R] : Florian Philippot, qu'est-ce que vous feriez avec les gens qui sont ici, en situation difficile, avec femme et enfants, avec des familles? Qu'est-ce que vous feriez ?

[FP] : Alors, évidemment il n'est pas question de séparer les familles, ça c'est une évidence. Mais moi je pense que nous avons le devoir non pas... Je suis un peu d'accord avec le Dalai Lama, vous voyez... Il a fait une déclaration aujourd'hui en déclarant qu'il fallait que les migrants, les réfugiés rentrent chez eux ... Parce que ce n'est pas un cadeau qu'on leur fait de leur faire traverser la Méditerranée au risque de leurs vies. Il y a des milliers de morts chaque année. Il vaudrait mieux rééquilibrer la région là-bas, rebâtir des États stables, sûrs... En Lybie... On les a détruits hein, Sarkozy l'a détruit... En Syrie, évidemment... En Irak... Et puis travailler avec l'ONU là-bas pour mettre en place des campements humanitaires... Et quand je parlais du Qatar ou de l'Arabie Saoudite ce n'est pas une boutade... Ce sont des pays extrêmement riches qui devraient beaucoup plus contribuer à l'effort international...

Anexo C.2: Peça 2: Paris: bientôt un camp de réfugiés (France 2)

[David Pujadas] : Dans l'actualité également l'annonce surprise d'Anne Hidalgo : Paris va accueillir un camp de réfugiés, il ouvrira dans les semaines qui viennent pour plusieurs centaines de migrants.

[V.O] : Des tentes blanches alignées au milieu du désert, comme au camp de Zaatari, en Jordanie. Ou des cabanes en bois, comme en Grande-Synthe, près de Dunkerque. Vera-t-on bientôt ce type d'installation à Paris ?

[V.O] : C'est ce que souhaite la maire de la capitale, Anne Hidalgo. Un campement sur le modèle de celui de Grande-Synthe et capable d'accueillir plusieurs centaines de personnes. Le lieu d'installation n'a pas encore été arrêté, mais le futur camp devrait prendre place dans le Nord de Paris. Autour des quartiers de la Chapelle, et de la Gare du Nord.

[Anne Hidalgo] : Nous avons identifié plusieurs sites, notamment au nord de Paris, qui nous appartiennent, sur lesquels nous pourrions installer un campement, un hébergement humanitaire...

[V.O] : Dans sa conférence de presse la Maire de Paris explique : « Il y a une situation qui n'est plus acceptable, qui n'est plus tenable (...) Ce n'est pas digne de laisser ces personnes (...) dans la boue ».

[V.O] : Comme toutes les installations des Nations Unies, le futur camp parisien devra répondre à des normes précises : des abris de 3,5m² par personne. Pas plus de 200 à 250 personnes par point d'eau. Et pas plus de 20 personnes par sanitaires. Récemment la Mairie de Paris a fait évacuer plusieurs campements illégaux à Stalingrad ou dans ce lycée désaffecté du 19^{ème} arrondissement. Des centaines de personnes se sont aussi installées au Jardin d'Éole dans le XVIII^{ème} arrondissement dans des conditions de fortune. Elles y sont toujours. Face à ces situations la Mairie de Paris a fait le choix de créer un camp de toutes pièces, mais pour les députés d'opposition, le projet est voué à l'échec.

[Daniel Fasquelle – Les Républicains] : On va créer une espèce de Bidonville où règnera l'insécurité et que l'on devra dans l'intérêt même des migrants, d'ailleurs, par la suite, démanteler, donc c'est une erreur majeure. La solution n'est pas là.

Anexo C.3: Peça 3: PTE CHAPELLE / CAMP RÉFUGIÉS (France 3)

[Émilie Tran Nguyen] : Dans l'actualité également une nouvelle évacuation d'un camp sauvage à Paris ce matin alors même qu'Anne Hidalgo, la maire de la ville, a dévoilé la création de deux camps de réfugiés –et bien officiels ceux-là. Un pour les hommes dès la mi-octobre, l'autre pour les femmes et les enfants d'ici à la fin de l'année. Les détails mais aussi les réactions des habitants et des migrants que nous sommes allés recueillir ce matin. Lila Haffaf, Marianne Getti et Samuel Guibout.

[V.O] : Un hangar vide, recouvert de tags, à deux pas du périphérique dans le Nord de Paris. D'ici un mois, cette ancienne friche de la SNCF deviendra le premier Camp d'Accueil des Migrants de la capitale. Un camp exclusivement réservé aux hommes, à l'ouverture 400 lits seront disponibles.

[Dominique Versini] : Il s'agit en fait d'abord d'accueillir dignement les gens, de leur permettre de se poser. Il y aura également un autre espace qui sera un pôle santé. Il y aura un pôle santé très fort. Que les gens se posent, qu'ils aient accès aux soins, qu'ils puissent réfléchir puis-ce qu'ils ont eu des longs trajets difficiles.

[V.O] : Les migrants pourront rester jusqu'à dix jours dans le camp. Le temps d'être examinés par des médecins et informés de leurs droits. Dans le quartier, les avis des riverains sont partagés.

[*Riveraine 1*] : Finalement on nous a rien demandé. Je suis d'avis que mon appartement ne va plus avoir la même valeur. Je suis d'avis que mes trois enfants ont déjà du mal à évoluer dans cet environnement... Alors si en plus on a en plus un camp de migrants supplémentaire...

[*Riverain 2*] : Faut bien qu'ils soient quelque part, donc... ici ou ailleurs, voilà quoi... Faut vraiment aussi qu'ils puissent se poser et se créer une certaine stabilité, donc... Vu qu'ils ont été refusés un peu partout. Que la solution a été trouvée ainsi, bah... Qu'il en soit ainsi.

[*V.O*] : Pour l'association France Terre d'Asile, les autres grandes agglomérations doivent elle aussi ouvrir des centres.

[*Pierre Henry – Président France Terre d'Asile*] : Ce centre sera engorgé immédiatement. Puis-ce que vous avez une centaine de personnes qui arrivent chaque jour sur Paris et vous avez une capacité de 400 places...

[*V.O*] : Un deuxième camp devait ouvrir à Ivry aux portes de Paris d'ici la fin de l'année...

Anexo C.4: Peça 4: Paris: Anne Hidalgo dévoile son projet de centre d'accueil pour migrants (Arte)

[*Marie Labory*] : Le premier centre d'accueil pour migrants de Paris ouvrira donc ses portes courant Octobre, annonce faite par Anne Hidalgo ce matin, il accueillera 400 personnes qui pourront y trouver de l'aide dans leurs démarches. (...)

Anne Hidalgo a donc dévoilé son projet de centre d'accueil pour migrants, il ouvrira ses portes courant Octobre dans le Nord de la Capitale. D'une capacité d'accueil de 400 personnes, géré par Emmaüs France, il recevra des hommes, migrants, pour quelques jours, sans sélection à l'entrée, afin de les orienter dans leurs démarches. Anne Charlotte Varin nous en dit plus.

[*V.O*] : « Ne plus jamais revoir cette scène »: depuis plus d'un an le quartier de La Chapelle à Paris vit cette routine de la honte. Des centaines de migrants dormant à même le sol, se regroupant pour être visibles. Pour ces personnes venues d'Afghanistan, du Soudan ou d'Érythrée, les campements sauvages sont devenus les seuls moyens d'être pris en charge par les autorités. Une situation intenable pour la maire de Paris, Anne Hidalgo veut faire de sa ville un lieu d'accueil et de répit.

[*Anne Hidalgo*] : Cela passe par la création d'un centre d'accueil où les migrants qui arrivent sur le territoire pourront se poser, bénéficier d'un bilan médical, bénéficier aussi d'une aide psychologique...

[*V.O*] : Pour leur, le lieu ne fait pas rêver. Un entrepôt dans le nord-est de Paris, les ouvriers ont encore un mois pour construire un véritable espace de vie, ici à un accueil de jour ouvert à tous sans conditions, et un hébergement temporaire avec 400 lits réservés aux hommes. Pour femmes et enfants, un autre site est prévu d'ici Décembre. Sur place, Emmaüs est à la manœuvre.

[*Auréliel El-Hassak Marzoti – Directrice General Adjointe Emmaüs*]: Plus de 100 personnes, professionnelles vont accompagner le quotidien de ces migrants pendant ces 5 à 10 jours, en attendant qu'une orientation la plus adaptée leur soit proposée. Que cette orientation la plus adaptée leur soit offerte.

[V.O] : Le centre n'est qu'une étape dans le parcours de l'asile, un moyen pour les migrants d'éviter la rue et de déposer leur demande. Mais pas une solution à long-terme pour les associations.

[Pierre Henry - FTA] : Je soutiens le choix de la Maire de Paris, le choix politique d'avoir créé cette structure. Mais elle ne fonctionnera pas s'il n'y a pas d'autres structures analogues...

[V.O] : Tout le problème est là : 80 migrants arrivent chaque jour à Paris. Sans de nouvelles places d'hébergement le centre risque d'être vite débordé, et les campements reprendront. Paris tente une expérience inédite, désormais c'est à l'État de prendre le relais.

Anexo C.5: Peça 5: Prochaine ouverture d'un centre d'accueil pour réfugiés à Paris (TF1)

[Gilles Bouleau] : C'est une question que se posent de plus en plus de maires, quel que soit leurs orientations politiques : comment accueillir les migrants qui arrivent en France illégalement ? À Paris des campements sauvages sont régulièrement évacués par la police, c'était le cas encore ce matin, la mairie a annoncé aujourd'hui l'ouverture prochaine de deux centres d'accueil. L'un d'eux sera réservé aux femmes et aux enfants, il ouvrira d'ici la fin de l'année à Ivry-Sur-Seine, dans le Val de Marne. Un autre centre, situé près de la Porte de la Chapelle, dans le nord de la capitale, accueillera des hommes dès le mois prochain. Dans quelles conditions, pour quelle durée et à quel prix ? Denis Brunetti et Lionel Audibert se sont rendus sur place.

[V.O] : C'est une terre presque oubliée, à la lisière de Paris, entre périphérique et voie ferrée. Une ancienne friche de la SNCF. Et pourtant ce sera bientôt le premier camp de transit de réfugiés dans une capitale européenne. La mairie de Paris a lancé ce matin son défi, invité les journalistes et exposé ces maquettes.

[Dominique Versini] : Ici nous sommes dans le futur centre de mise à l'abri, qui sera opérationnel début-October, qui sera ouvert début October, et c'est une immense halle donc il servira...

[V.O] : Ici il faut donc un peu d'imagination et quelques bons croquis. Le plan général dessine d'abord une structure gonflable à l'extérieur, une grosse bulle pour accueillir les migrants, 7 jours sur 7, avec services médicaux, juridiques, travailleurs sociaux, traducteurs. Les migrants pourront ensuite se reposer quelque temps dans l'entrepôt, taggué aujourd'hui mais transformé bientôt avec des structures modulables, des chambres pour 4, des réfectoires, des sanitaires, être hébergés en transit de 5 à 10 jours.

[D.V] : La volonté de la maire de Paris c'est qu'au lieu de s'installer dans la rue, ils puissent être mis à l'abri dans un lieu digne, dans des locaux dignes, être accueillis et entourés par des professionnels.

[V.O] : Il arrive 50 migrants par jour à Paris. Et c'est pour éviter ces camps sauvages qui s'accumulent, puis les évacuations d'urgence, que la mairie a lancé son idée de réguler les arrivées. C'est aussi un pari avec l'État qu'a lancé Anne Hidalgo, car si le centre fera un accueil ce n'est qu'un transit de quelques jours, avant d'être réaiguillés selon leurs situations.

[A.H] : Je le redis la vocation première de ce camp de réfugiés est de mettre à l’abri les personnes en attendant qu’elles soient orientées vers un centre d’hébergement géré par l’État...

[V.O] : Et le gouvernement a promis de trouver des nouvelles places dans toute la France, sous peine de voir saturer le beau projet parisien.

Anexo C.6: Peça 6: *Un nouveau centre pour migrants à Paris* (France 2)

[David Pujadas] : La présentation à Paris du premier centre d’accueil de migrants dans la capitale. C’est un ancien entrepôt de la SNCF qui sera reconverti, 600 places au total dans quelques mois pour un budget de rénovation de 6 millions et demi d’euros. Un second centre ouvrira à Ivry.

Julie Beckrich, Dominique Bonnet.

[V.O] : Aux portes de Paris, entre une voie-ferrée et une autoroute, ce sera bientôt le premier camp humanitaire de la capitale. Un ancien hangar SNCF qui devra accueillir 400 migrants, des hommes uniquement. Ouverture dans un mois.

[Bruno Morel – directeur général Emmaüs Solidarité] : Si, ce sera prêt dans un mois. Pourquoi ? Parce déjà on a commencé tous les travaux, le raccordement, et en fait c’est du modulaire qui va être installé à l’intérieur.

[V.O] : 100 mille mètres carrés de Hangar, où seront installées des dizaines de cabanes en bois, ici représentées en vert. Chacune de ces cabanes accueillera 4 lits. En tout, 400 à 700 migrants pourront être accueillis pour une durée de 5 à 10 jours. Le voisinage se pose beaucoup de questions.

[Riverain 1] : Ça va faire quoi un deuxième Sangatte, une deuxième base comme à Calais là ?

[Journaliste] : Qu’est-ce que vous redoutez ?

[Riverain 1] : L’insécurité.

[Riverain 2] : Faut bien qu’ils aient un toit où aller, hein... Au lieu qu’ils dorment par terre ou dans les rues.

[Riverain 3] : Le onzième jour, où-va-t-on les mettre ?

[V.O] : Ce centre accueillera ces migrants qui campent aujourd’hui dans la rue. Ils seront mis à l’abri, soignés, et surtout pourront effectuer les démarches administratives avec l’aide des associations humanitaires. Pour la plupart, il s’agira de déposer une demande d’asile.

[Dominique Versini] : Et les gens qui ont été déjà déboutés de la demande d’asile, eh bien seront orientés vers des dispositifs de droit commun, le 115 hein, le Samu social... Ce qui est le cas de la...

[Journaliste] : Qui est débordé déjà

[D.V] : Oui, qui est débordé et bah alors là il appartient vraiment à l’État de le renforcer...

[V.O] : Un deuxième camp humanitaire ouvrira en décembre, cette fois au sud de Paris, à Ivry-Sur-Seine. 350 places réservées aux femmes et aux enfants.

Anexo C.7: Peça 7: Mise en place d'un centre d'accueil pour migrants à Paris
(France 3)

[Carole Gaessler] : La mairie de Paris a pris cette décision pour faire face à l'afflux – vous le savez – de réfugiés. Il en arriverait une centaine chaque jour dans la capitale. Des hommes et des femmes qui survivent là où ils peuvent, sous les ponts, dans la rue... Nous avons rencontré l'un deux, il nous raconte son histoire. Le camp fait l'espoir d'un quotidien un peu meilleur. Reportage : Marianne Jéti, Samuel Giboud.

[V.O] : Un visage parmi une centaine d'autres, sur quelques matelas, entre deux voies de Boulevard parisien. Cela fait trois mois que Stéphane Azzathia dort ici.

[Stéphane Azzathia – doublé] : Je le relève comme ça pour qu'il puisse mieux sécher.

[V.O] : Il tient à nous montrer les conditions dans lesquelles il vit. Un seul point d'eau pour se laver. Et boire.

[S.A - doublé] : On est quatre à se partager cette bouteille.

[V.O] : Et ces toilettes installées depuis une semaine, déjà hors d'usage. Stéphane Azzathia est ivoirien, il a immigré en Lybie en 2010. Jeté en prison pendant la guerre civile, il a dû fuir le pays.

[S.A – doublé] : Ils avaient l'habitude de nous donner à manger une fois par jour dans cette prison de Lybie. On ne pouvait avertir personne. Chaque jour, tous les jours, quelqu'un mourrait. On n'avait plus d'espoir, on savait que maintenant c'était entre nous et Dieu. On allait mourir. On s'est rebellé, on s'est échappé. Ils ont tué 240 personnes.

[S.A – voix originale] : Now we don't even have hope.

[V.O] : Ici il a trouvé la sécurité mais aussi une grande misère.

[S.A - doublé] : Non, celui-là n'est pas bien.

[V.O] : Pour lui, la construction d'un camp à Paris est un grand espoir.

[S.A - doublé] : C'est notre rêve. Tout le monde prie pour que nous ayons un camp. Que chacun puisse avoir son propre lit. Et qu'ils puissent même nous apprendre la langue.

[V.O] : En attendant, les professeurs ce sont les habitants du quartier.

[Habitant du quartier] : D'où venez-vous ?

[V.O] : Auprès d'élèves très patients...

[Refugié] : Le gouvernement veut résoudre nos problèmes, mais tous les jours beaucoup de gens arrivent ici. Il faut du temps.

[V.O] : Du temps, il en faudra pour que Stéphane Azzathia puisse retrouver une vie normale. Et il l'espère, se reconstruire un jour en France.

Anexo C.8: Peça 8: *Migrants: un centre de transit ouvre ses portes à Paris* (TF1)

[Gilles Bouleau] : L'ouverture après plusieurs mois de travaux du premier centre de transit pour réfugiés à Paris, certains de ces réfugiés qui viennent précisément d'Irak ou de Syrie. Il a été construit à Porte de la Chapelle, c'est le plus grand d'Europe, il pourra accueillir provisoirement 400 hommes isolés. Un autre site dédié aux femmes et aux enfants est actuellement en construction.

G. Bellec, Y Le Baccon ont assisté à l'accueil des premiers migrants :

[V.O] : Ce centre de transit c'est d'abord une structure gonflable pour accueillir les demandeurs d'asile. Les quelques 50 à 80 nouveaux migrants qui arrivent chaque jour à Paris, comme eux. À l'intérieur de cette structure temporaire, des salariés et des bénévoles d'Emmaüs chargés d'accueillir ces hommes majeurs. Ces jeunes femmes les informent notamment sur leurs droits. Elles leurs expliquent le fonctionnement du centre. Lui explique qu'il a passé quelques nuits dehors. Moncef a 18 ans, il arrive d'Afghanistan et il explique qu'il n'a aucun autre vêtement que ce qu'il porte sur lui.

[Moncef – voix originale] : Only one.

[Bénévole] : Bon j'ai un stock de vêtements, chaque personne a le droit à deux tenues...

[V.O] : Et voici la halle où sont hébergés les migrants. Cet homme se voit remettre des draps et un kit de toilette. Une salariée va l'orienter vers sa chambre. Ce soir en tout 60 migrants dormiront ici.

[Salariée] : Toutes sont des chambres modulables. Donc de quatre personnes. Cette carte c'est la carte qu'on leur attribue pour aller chercher le repas. Ils ont trois repas par jour et ils ont le droit à café et thé à volonté.

[V.O] : Les personnes ne pourront rester ici que 10 jours maximum. Le temps notamment de comprendre les procédures administratives.

[Dominique Versini- Adjointe de la Maire de Paris Chargée de la Solidarité] : À l'issue des dix jours ils seront orientés par l'État dans un centre d'accueil et d'orientation dans l'un ou l'autre des départements du territoire français.

[V.O] : Les autorités ne veulent plus de campements sauvages comme celui évacué la semaine dernière, quartier Stalingrad, à Paris. Un nouveau centre pour les femmes et les enfants ouvrira ses portes début janvier en région parisienne.

Anexo C.9: Peça 9: *Paris: ouverture d'un foyer temporaire pour migrants et hommes isolés*

[Kady Adoum-Douass] : En France l'ouverture ce matin Porte de la Chapelle à Paris d'un centre humanitaire réservé aux migrants, exclusivement des hommes isolés qui pourront y être hébergés de 5 à 10 jours, avant d'être orientés vers d'autres lieux selon leurs situations, une initiative qui se veut une alternative aux campements, les précisions de Marie Gross.

[Salariées] : « Bonjour Messieurs ! Bienvenus ! Bonjour ! »

[V.O] : Un foyer temporaire pour ces trois érythréens, c'est ce qu'incarne le tout nouveau Centre Humanitaire à Paris. D'une capacité d'accueil modeste, 400 places, c'est une première tentative pour réguler la situation des migrants dans la capitale.

[Anne Hidalgo] : Pour pouvoir penser ce qu'on fait après il faut dormir, manger, se laver, se reposer, avoir un accès aussi aux soins, donc offrir vraiment ces éléments de base qui permettent d'avoir les idées un peu plus claires.

[V.O] : Au-delà de la structure d'accueil, le Centre offre une aide administrative aux demandeurs d'asile. Près de 200 bénévoles et salariés les prennent en charge et sont à leur écoute. Sous le chapitot ont été créés huit villages, chacun comptant une vingtaine de chambres, tout équipé de quatre lits. Les femmes et les enfants sont accueillis dans d'autres structures, quant aux hommes, ils peuvent rester jusqu'à dix jours ici, le temps de les réorienter vers d'autres destinations.

[Patrick Viellescazes – Chef du Cabinet du Préfet d'Ile de France] : Au lieu d'être sur un campement, ils vont bénéficier de ce site qui va leur permettre sous dix jours : un de pouvoir faire vérifier leur situation, deux de pouvoir dire : « ben moi, effectivement je confirme que je souhaite demander l'asile en France », par exemple. Et sous dix jours l'État va leur faire une proposition d'orientation...

[V.O] : Avec la construction de ce Centre Humanitaire les autorités parisiennes tentent de juguler un foisonnement de camps sauvages. Mais c'est une goutte d'eau dans une mer de misère, des milliers de migrants vivent toujours dans la rue, d'autres Centres sont en projet, mais en attendant, l'hiver et le froid guettent les migrants.

Anexo C.10 : Peça 10 : Bénévoles Emmaüs avec les réfugiés pour le nouvel an (France 3)

[Catherine Matausch] : Les migrants arrivés en France passeront cette nuit de la Saint Silvestre loin de la terreur, mais loin de leur pays. Laurence Nahon et Samuel Guibout ont suivi une bénévole qui a choisi cette année de les accompagner pour cette fête.

[V.O] : Pour Stéphanie, il est temps de ranger sa tenue de soirée. Cette robe elle l'a portée il y a quelques jours pour un réveillon anticipé, car ce soir la jeune femme a décidé de fêter le nouvel an autrement.

[Stéphanie] : Je pense que j'ai suffisamment fait la fête avec mes amis en amont. On a eu diverses occasions pour célébrer le Réveillon et ce soir j'ai vraiment envie de donner de mon temps et de faire quelque chose pour les autres.

[V.O] : C'est au Centre Humanitaire de Paris-Nord que Stéphanie passera son Réveillon. Chasuble bleu sur le dos, elle devient bénévole d'Emmaüs-Solidarité. Dans cette partie du Centre réservé à l'accueil de jour, elle croise des migrants venus se mettre à l'abri du froid. Comme ce couple arrivé depuis deux semaines d'Afghanistan.

[Stéphanie] : Souvent on ne parle pas la même langue. On baragouine quelques mots d'anglais, des fois quelques mots de turque, ou des mots d'arabes... Enfin, ce qu'on connaît de droite ou de gauche. Et ce qui est le plus important c'est que même si la langue nous fait défaut, on arrive à communiquer par des gestes, par des sourires... On en croise des regards parfois qui en disent long. On imagine bien qu'ils ont vécu des choses terribles...

[Aurélie El-Hassak Marzoti] : Bonjour !

[V.O] : Comme Stéphanie, ils sont 45 bénévoles à venir donner un peu de leur 31 décembre.

[Aurélie El-Hassak Marzotî] : En tout cas merci beaucoup d’êtres venus.

[Bénévole] : Je vous en prie. Normal.

[Aurélie El-Hassak Marzotî] : Merci d’être avec nous.

[Bénévole] : Bonne soirée, bonne année à tous !

[Aurélie El-Hassak Marzotî] : Bonjour !

[V.O] : Alors la directrice adjointe d’Emmaüs- Solidarité a tenu à les en remercier.

[Aurélie El-Hassak Marzotî] : Le Centre Humanitaire ne pourrait pas vivre, ne pourrait pas agir sans les énergies positives de tous ces bénévoles qui œuvrent au quotidien.

[Stéphanie] : Santé !

[V.O] : Pour le nouvel an, le centre a organisé un gouter. Quelques gâteaux et boissons que Stéphanie et les autres bénévoles distribuent. Une présence qui apaise un peu les migrants.

[Moktar – réfugié guinéen] : Ça me donne un peu de l’espoir. Un peu de fierté. Nous sommes contents pour cela un peu.

[Journaliste] : Mais ça reste dur...

[Moktar] : Oui ça reste dur un peu. Beaucoup même.

[Stéphanie] : Des moments comme ça pour moi c’est ce qu’il y a de plus précieux. Ça vaut plus qu’un réveillon en robe en dentelle noire avec des confettis à dépenser beaucoup d’argent. Pour moi ça a beaucoup plus de valeur.

[V.O] : Passée la période des fêtes, Stéphanie a prévu de revenir au Centre. Elle y sera bénévole une journée par mois.

Anexo C.A: Peça A: *MIGRANTS STALINGRAD* (France 2)

[Nathanaël de Rincquesen] : Et à Paris dans le 19ème arrondissement près du métro Stalingrad, les riverains, eux ne cachent plus leur impatience face au problème des migrants, certaines rues du quartier ressemblent à un bidonville, 1600 personnes vivraient actuellement sur les trottoirs. Certains habitants redoutent que le phénomène augmente avec l’évacuation de la jungle de Calais.

[V.O] : Ils vivent à même le sol en plein Paris. Pas de sanitaires, aucune condition d’hygiène. Depuis plusieurs mois près de 2000 migrants campent, jour et nuit, dans cette avenue du 19ème arrondissement.

[Pierre Vuarin – Collectif des Habitants Jaurès-Stalingrad] : C’est une situation indigne pour les demandeurs d’asile, mais aussi indigne pour toute la population parce qu’on est pris dans des situations terribles. On ne peut pas se déplacer, on ne peut pas marcher sur les trottoirs. C’est des conditions de saleté, de problèmes même sanitaires terribles. Parce que tous ces milliers de personnes qui sont dans Paris... Eh bah, ils vivent comme ils peuvent. Comme ils peuvent.

[V.O] : Les migrants attendent ici dans l’espoir d’être reçus par France Terre D’Asile, c’est le passage obligé et unique pour tous ceux qui arrivent en France. Et ils sont chaque jour plus nombreux.

[Bénévole]: "Where do you come from?"

[Réfugié] : "Soudan"

[Charles Drane – Responsable ADRA] : On peut constater depuis un moment que l'affluence augmente depuis deux semaines maintenant, on va dire deux semaines. Il y a beaucoup plus de monde. Par rapport aux repas que nous distribuons...

[Bénévole] : Ça c'est sandwichs...

[V.O]: Depuis le démantèlement de la jungle de Calais, les riverains redoutent qu'un nouveau camp s'installe ici. Ils ne reconnaissent plus leur quartier et la tension monte.

[Riveraine 1]: On est exaspéré les vêtements suspendus, les tas d'ordures... C'est tout, c'est tout. On n'en peut plus !

[V.O] : Au point de s'en prendre parfois aux bénévoles qui aident les migrants.

[Riveraine 2]: Vous les nourrissez, donc vous les laissez vivre là. Vous... vous savez ? Allez voir un peu les commerçants, ils sont tous au bord de la faillite...

[Bénévole] : Et il faut faire quoi madame ? Qu'est-ce qu'il faut faire ? Qu'est-ce qu'il faut faire ?

[Riveraine 2] : Eh bien, je ne sais pas... Mais il ne faut pas continuer ça. C'est impossible. Mais vous vous rendez pas compte...

[Bénévole] : Laisser les gens mourir de faim ?

[Riveraine 2] :

[Jean-Marc Reyno, Bénévole ADRA] : Peut-être qu'elle souhaite que le problème soit déplacé, mais nous ce n'est pas ce qu'on souhaite. On souhaiterait que tout le monde soit bien... Dans son pays, mais bon la folie des hommes en fait ne dépend pas de nous. Nous tout ce qu'on fait c'est d'essayer à notre petit niveau de faire quelque chose.

[V.O] : Moins de passage sur les trottoirs, plus personne en terrasse, dans ce quartier depuis 3 mois, les commerçants affirment perdre 30% de leurs recettes.

[Hakim Benyahia – Restaurateur] : On perd tous les jours notre chiffre d'affaire. Tous les jours il y a des gens qui, par exemple, travaillent avec des gens-là... Ici par exemple il y a plein de bureaux, plein de trucs et tout, et les gens ne veulent même plus sortir pour manger à midi...

[V.O] : Pour mettre fin à ces campements de rue, l'État et la Mairie de Paris comptent sur l'ouverture d'un Centre d'Accueil dans quelques jours.

[Sophie Brocas – Secrétaire Générale de la Préfecture d'Ile de France] : Les gens plutôt que d'aller s'entasser sous les métros ou sur la voie publique pourront être mis à l'abri dans ce centre, et n'auront pas vocation à y rester. C'est un lieu où on met à l'abri de façon très temporaire les gens et on leur propose une orientation en fonction de leur situation.

[V.O] : Problème : ce centre ne proposera que 400 places. Très insuffisant face à l'afflux régulier de ces réfugiés...

ANEXO D- Vinhetas etnográficas

I. Fotografia do jogo de cricket organizado por Emmaüs-Solidarité e pela Mairie du 18^e arrondissement



Legenda: Agrupamento de pessoas para fotografia no evento organizado por *Emmaüs-Solidarité* e pela *Mairie du 18^e arrondissement de Paris*, contando com a presença da *Fédération Française de Cricket* (FFC).

Da esquerda para a direita: (cima) Aurélie El-Hassak Marzoti (*Emmaüs-Solidarité*), Éric Lejoindre (*Maire du 18^e arrondissement*), residentes do Centro de Paris-Nord. (baixo) crianças da *Fédération Française de cricket* (FFC).

Fotografias tiradas por Cristiana Barreto.

II. Fotografias do CHPN



Legenda: Fotografias tiradas com o iphone durante a minha última ida ao CHPN (Julho de 2017).

Em cima à esquerda: grades à entrada do centro.

À direita: a entrada para a estrutura insuflável ("bolha").

Em baixo à esquerda: fotografia da entrada do alojamento do CHPN.

À direita: fotografia tirada de dentro de uma das salas dos assalariados e voluntários do CHPN.

Fotografias tiradas por Cristiana Barreto.

ANEXO E- Outros anexos



Fonte: “Paris. 3852 migrants évacués du campement de Stalingrad” publicado no jornal France-Ouest no dia 04.11.2016 (consultado em: <https://goo.gl/5jkzym> no dia 25.08.2017)

A cidade de Paris é dividida em 20 arrondissements e, como podemos observar neste mapa, a concentração de migrantes e refugiados deu-se principalmente na praça de Stalingrad, no norte da cidade, entre o 10º e o 19º arrondissement.